



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

SIMONE LISETE SANTOS GOMES

**ISADORA VESTE FARDA NA ESCOLA PÚBLICA: CRIANÇAS LIVRES  
PARA DANÇAR**

SALVADOR

2022

SIMONE LISETE SANTOS GOMES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Dança.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel

SALVADOR

2022

Dados internacionais de catalogação-na-publicação  
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Gomes, Simone Lisete Santos.

Isadora veste farda na escola pública: crianças livres para dançar / Simone Lisete Santos Gomes. - 2022.

156 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Lenira Peral Rengel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2022.

1. Dança. 2. Dança na educação. 3. Dança para crianças - Estudo e ensino. 4. Dança (Ensino fundamental) - Estudo e ensino. 5. Educação multicultural. 6. Pedagogia culturalmente relevante. 7. Duncan, Isadora, 1878-1927 - Crítica e interpretação. I. Rengel, Lenira Peral. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3

CDU - 793.3

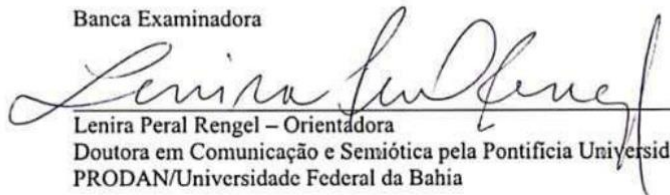
SIMONE LISETE SANTOS GOMES

**ISADORA VESTE FARDA NA ESCOLA PÚBLICA: CRIANÇAS LIVRES  
PARA DANÇAR**

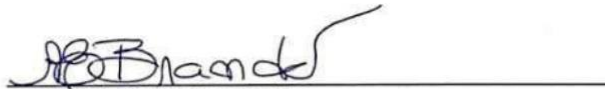
Trabalho de Conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Dança apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança.

Saíador, 14 de dezembro de 2022.


Banca Examinadora



Lenira Peral Rengel – Orientadora  
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PRODAN/Universidade Federal da Bahia



Ana Elisabeth Simões Brandão  
Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Brasil  
PRODAN/Universidade Federal da Bahia



Gisele Kliemann  
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral – Curso de Licenciatura em Artes

## RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade pensar em possibilidades de uma dança para escola pública, enfatizando especificamente os anos iniciais do ensino fundamental, a partir de aspectos do legado de Isadora Duncan. Isadora, como é majoritariamente chamada, marcou muito fortemente a Dança por, entre suas inovações, ser considerada uma libertadora das amarras dos corpos, como os espartilhos e sapatilhas, por exemplo. Essa fase da aprendizagem precisa, com urgência, ser conduzida para uma educação sobre valores, respeito, o cuidado consigo mesmo e o cuidado com o outro (FOUCAULT, 1984). Necessita também atuar para a compreensão da grande relevância da questão antirracista (RIBEIRO, 2019), algo que deve permear todas as relações, assim como desenvolver a conscientização sobre a questão ambiental, atentando para a natureza como princípio da vida, conforme defende o ambientalista Ailton Krenak (2019). Um intuito é refletir, analisar, propor o que seria mais apropriado em termos de técnica de dança, em que a própria concepção desse dançar mova fatores tais como o cuidado com a natureza e com o outro e o respeito e estejam inseridos na condução de uma dança reflexiva. Tenho buscado e formulado argumentos para discernir essas questões e que sensações um traje, o vestir, para dança pode expressar no movimento e no momento do dançar (ECO, 1982). Para abordar o respeito que vem impregnado pela cultura, ambiente e genética das crianças, Steven Pinker (2004) é referência e para tratar do uso de metáforas durante as aulas de dança, Lenira Rengel (2007) referencia essa noção com a proposta de procedimento metafórico do corpo. Como procedimentos metodológicos, utilizamos dinâmicas de vivências, jogos com ritmos variados, material audiovisual com ambientes da natureza assim como improvisações em contato com a natureza, construções de mandalas para percepção da estética e a essência da aula da Técnica de Isadora Duncan (KURTH, 2004). Neste estudo, o uso da farda é abordado como forma de empoderamento, de pertencimento ao lugar que educa, emancipa. Por isso a ideia de “Isadora veste farda”, ou seja, as crianças não vão vestir túnicas (veste associada à dançarina Isadora Duncan) e sim “Isadora” é quem veste a farda.

**Palavras-chave:** dança na escola pública; Isadora Duncan; farda; natureza; cultura popular.

## ABSTRACT

This research aims to think about dance possibilities for public schools, specifically emphasizing the early years of elementary school, based on aspects of Isadora Duncan's legacy. Isadora, as she is mostly called, had a very strong impact on Dance because, among her innovations, she was considered a liberator from the constraints of bodies, such as corsets and ballet shoes, for example. This learning phase urgently needs to be conducted towards an education on values, respect, care for oneself, and care for others (FOUCAULT, 1984). It also needs to act and to understand the great relevance of the anti-racist issue (RIBEIRO, 2019), something that must permeate all relationships, as well as to develop awareness of the environmental issue, paying attention to nature as a principle of life, as advocated by environmentalist Ailton Krenak (2019). One purpose is to reflect, analyze, and propose what would be most appropriate in terms of dance technique, in which the very conception of this dance moves factors such as care and respect, for nature and for others, and it is inserted in the conduction of a reflective dance. This research has sought and formulated arguments to discern these issues and what sensations a costume or “dressing for dance” can express in the movement and moment of dancing (ECO, 1982). To address the respect that is impregnated by the culture, environment, and genetics of children, Steven Pinker (2004) is a reference. In order to address the use of metaphors during dance classes, Lenira Rengel (2007) references this notion with the proposal of a metaphorical procedure of the body. As methodological procedures, it used dynamics of experiences, games with varied rhythms, audiovisual material with environments of nature, as well as improvisations in contact with nature, constructions of mandalas for the perception of aesthetics, and the essence of the class of the Technique of Isadora Duncan (KURTH, 2004). In this study, the use of the uniform is approached as a form of empowerment, of belonging to the place that educates and emancipates. Hence the idea of “Isadora wears a uniform”, that is, the children will not wear tunics (a garment associated with the dancer Isadora Duncan), but “Isadora” is the one who wears the uniform.

**Keywords:** dance in public school; Isadora Duncan; uniform; nature; popular culture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Mandala.....	39
<b>Figura 2</b>	Crianças produzindo mandalas .....	41
<b>Figura 3</b>	Nas aulas - movimentos da dança de Isadora.....	43
<b>Figura 4</b>	Alunos/alunas - dança livre (improvisação).....	48
<b>Figura 5</b>	Baliza .....	69
<b>Figura 6</b>	Abre alas do desfile cívico .....	70
<b>Figura 7</b>	Estágio de Magistério na Escola Prof. Roberto Santos .....	70
<b>Figura 8</b>	A Escola de Dança da FUNCEB .....	71
<b>Figura 9</b>	Solo de Capoeira .....	73
<b>Figura 10</b>	Grupo África Poesia – Coreografia as Iabás .....	74
<b>Figura 11</b>	Palhaço Fofão do Grupo Filó Brincantes .....	75
<b>Figura 12</b>	Cartazes de divulgação do espetáculo As mulheres dos Deuses .....	77
<b>Figura 13</b>	A reverência à Natureza .....	78
<b>Figura 14</b>	O agradecer .....	78
<b>Figura 15</b>	Mapa do percurso de aprendizado e profissionalização do estudo da Dança .....	81
<b>Figura 16</b>	Mapa de pessoas, referência de mestres, professores que influenciaram no meu caminho profissional e de conhecimento e aprendizado .....	137
<b>Figura 17</b>	Desenho representativo do sentimento no determinado momento dos estudos e pesquisas durante o Mestrado Profissional – Prodan .....	145

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>Proposta Didática: <i>Isadora veste farda na Escola Pública: Crianças livres para Dançar.....</i></b>	<b>11</b>
	<b>A dança e a natureza.....</b>	<b>15</b>
	<b>No chão da escola.....</b>	<b>20</b>
	<b>Exercícios para serem executados no chão.....</b>	<b>22</b>
	<b>Exercícios para serem executados em pé.....</b>	<b>24</b>
	<b>Exercícios para serem executados na barra.....</b>	<b>26</b>
	<b>Exercícios de deslocamento.....</b>	<b>26</b>
	<b>Coreografias de repertório de Isadora Duncan.....</b>	<b>27</b>
	<b>Laban, cultura popular e referencial de artes.....</b>	<b>28</b>
	<b>Improvisação.....</b>	<b>32</b>
	<b>Filmes.....</b>	<b>32</b>
	<b>Músicas.....</b>	<b>33</b>
	<b>Aula de improvisação passarinho que vai nascer.....</b>	<b>36</b>
	<b>Mandalas .....</b>	<b>39</b>
	<b>Danças para assistir.....</b>	<b>42</b>
	<b>Plano de curso.....</b>	<b>43</b>
	<b>Roteiro para as aulas.....</b>	<b>45</b>
	<b>Sobre a farda.....</b>	<b>46</b>
	<b>Acerca das referências.....</b>	<b>49</b>
<b>2</b>	<b>PUBLICAÇÕES.....</b>	<b>51</b>
<b>3</b>	<b>MEMORIAL DESCRITIVO E CRÍTICO-ANALÍTICO DO PERCURSO ACADÊMICO.....</b>	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>152</b>



## APRESENTAÇÃO

Sou Simone Lisete Santos Gomes, artista e professora de Dança. Filha de Edson Reis de Souza Gomes e Raimunda Lizete Santos Gomes. Nascida no bairro da Liberdade, mais precisamente na comunidade da Rua da Alegria, Curuzu, e hoje, há mais de trinta anos, moradora do bairro de Cajazeiras, na cidade de Salvador - Bahia. Desde muito jovem, precisamente, venho trabalhando com a arte de ensinar a Dança. Tenho como formação, em nível de segundo grau, atual nível médio, o curso de Magistério, o Curso de Dançarino Profissional e o Curso Técnico em Dança – professor de dança (Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia). Possuo também Licenciatura em Dança, pela Universidade Federal da Bahia; Especialização em Estudos Contemporâneos em Dança, pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia; Especialização em Metodologia do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira pela Argumento Pós-Graduação; e Especialização em Gestão integrada à Educação pela Faculdade Vitória.

Ao longo de 35 anos, venho ministrando aulas de Balé Clássico para crianças, de Dança Moderna na técnica de Isadora Duncan e de Dança Livre. Trabalhei na escola de ballet Santa Úrsula, por três anos; no Centro Cultural da Cidade de Catu - BA, por um ano; na Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, por vinte e quatro anos; e atualmente lecionando na escola da Rede Municipal de Ensino de Salvador, há mais de quinze anos. Mesmo enquanto professora, a artista dançarina e coreógrafa sempre esteve atuante. Durante todo esse período, procurei cada vez mais um conhecimento aprofundado sobre a Dança e o aprimoramento do fazer pedagógico.

Dessa forma, as experiências vividas, como discente e como professora, fortaleceram e prepararam o caminho para, neste momento, eu ter conhecimentos e novas formas de pensar/fazer a Dança, apreendendo novas referências, relacionando-a com outros saberes tão pertinentes à formação do cidadão sensível, ético e político que queremos atuando nesta nova cosmovisão de mundo.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma abordagem da Dança na escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana, e teme como uma referência importante a concepção de dança de Isadora Duncan. Trata-se de um diálogo entre a dança, a educação e a natureza, numa interação necessária ao ensino dessa arte, visto que, segundo Sodré (2021, n.p.) diz: “Nós nunca tivemos um sistema educacional treinado para a percepção”. Corroborando essa ideia, acredito que o ensino deve culminar para uma modificação positiva na (trans)formação do estudante-cidadão comprometido com o meio ambiente, com o próximo e com a sua expressão. A chave para isso é a educação pelo sensível.

O título escolhido, *Isadora veste farda na Escola Pública: Crianças livres para Dançar* remete-se à Isadora Duncan, dançarina que utilizava túnicas como uma das características de seu estilo de dança moderna, priorizando a leveza do tecido como extensão do movimento e a liberdade que esse movimento proporciona. Contudo, na escola pública, sem condições de adquirir este vestuário, a farda (uniforme escolar) é um recurso a ser acoplado e com ele criar movimentos de dança que o libertem de suas próprias amarras.

Com essa problemática de pesquisa apresento um plano de aulas de Dança, com procedimentos metodológicos e conhecimentos (conteúdos) que considero coerente com o público destinado (crianças). Nesse plano a reflexão, o prazer e o compromisso com os temas abordados buscam determinar uma ação que ajudem a fortalecer ainda mais esse fazer pedagógico, didático e metodológico.

A escrita argumentada neste trabalho traz minha trajetória como docente e artista da Dança, junto aos estudos e pesquisas do percurso no Mestrado Profissional em Dança. Neste percurso Relato de Experiência e artigo publicados nos Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança-ANDA foram sendo delineadas com as orientações nas Atividades Obrigatórias Prática Profissional I, II e III com os diálogos no Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças e com as metodologias do componente curricular Projetos Compartilhados.

O conjunto deste Trabalho de Conclusão de Curso é composto, por: Material pré-textual, Apresentação, Introdução; 1. Proposta Didática: *Isadora veste farda na Escola Pública: Crianças livres para Dançar*; 2. Publicações; 3. Memorial descritivo e crítico-analítico do Percurso Acadêmico.

## **1 Proposta Didática**

# **ISADORA VESTE FARDA NA ESCOLA PÚBLICA: CRIANÇAS LIVRES PARA DANÇAR**

## *ISADORA VESTE FARDA NA ESCOLA PÚBLICA: CRIANÇAS LIVRES PARA DANÇAR*

Meu bom senso me diz: saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado, vazio e inoperante”.  
(FREIRE, 1996, p. 62)

Ensinar dança, para mim, é uma missão maravilhosa. Eu amo verdadeiramente o que faço. Estou há mais de quinze anos trabalhando na Rede pública Municipal de Educação de Salvador – SMED. Nela, até esse momento de 2022, a arte da Dança vem sendo oferecida a todas as turmas com uma carga horária de duas horas semanais. As turmas, em geral, na escola pública são compostas por meninos e meninas em uma faixa etária bem aproximada, oito anos a dez anos, cursando o 3º ano; e de dez anos a onze anos, cursando o 4º ano. Por sabermos que eles têm diferenças emocionais, hormonais e ideológicas tudo se torna mais complexo para o ensino, tendo que propiciar, ao máximo possível, uma aula que busque abarcar todas as necessidades e gostos. Existe uma carga horária pequena que possibilita um conhecimento da Dança superficial, mas que favorece um aprendizado suficiente para ensinar a apreciar a Dança e poder se expressar com ela.

Buscar estratégias para cativar estudantes no intuito de fazer com que tivessem interesse pela Dança nunca foi uma tarefa fácil, mas possível de ser feita. Foram muitos momentos de reflexão sobre as necessidades das crianças, suas vontades e o meu objetivo como professora. Infelizmente, durante quase dois anos, as aulas presenciais foram suspensas devido à pandemia da Covid-19. O recomeço teve início em agosto de 2021, com alunos/as novos/as, mas observando os olhinhos brilhando e a curiosidade pelo que viria pela frente.

Possível afirmar que a escolha em utilizar a técnica sistematizada pelas alunas de Isadora Duncan foi muito pertinente por se tratar de uma dança com muitos momentos interessantes: a relação corpo e sensibilidade, corpo e natureza, corpo e universo, corpo e a liberdade de expressão. A dança de Isadora Duncan dá ênfase a princípios de criação em processos de improvisação, repertórios coreográficos e um trabalho de preparação corporal específico.

No início do trabalho na escola pública, a todo o momento, sonhava com crianças que viessem destemidas e abertas para o que seria novidade para eles. E isso aconteceu, e acontece, mesmo com os dissabores encontrados na escola, como as salas sem estruturas, a falta de apoio dos colegas e da gestão. Mas conseguimos lidar com isso por meio do dançar.

Durante esses anos, participamos de vários projetos da Unidade Escolar, como o Flifag<sup>2</sup> (a Feira Literária Fazenda Grande 2); A Caminhada pela Paz; Projeto Consciência Negra; Festas da Cultura Junina; Formatura do 5º ano; Festival Arte no Currículo, nos dois anos, no Teatro Gregório de Matos (2014-2015); Festival de Natal da Prefeitura de Salvador, em 2019, no bairro 2 de Julho, famoso Campo Grande. Em todos os projetos apresentados pela Escola, usamos figurino emprestado, arranjado ou dançado com a farda, ficava bem evidenciado o manifesto de que a própria dança era o principal da festa do evento. A Dança sempre esteve presente na escola e todos os alunos que ensaiavam poderiam se apresentar, se assim desejassem, até mesmo sem terem assimilado a coreografia por completo. Argumento que a vontade de dançar da criança tem que ser respeitada. Não existe certo ou errado e sim acolher e deixar ser feliz.

A ideia de ser “feliz”, não é superficial, leviana ou infantilizada, obviamente. Como docente de Dança eu apresento esta Arte como um componente que agrega conhecimentos e fortalece o entendimento sobre a vida delas, sobre o que as rodeia, sobre o corpo, sobre a Arte, e principalmente, no caso desta pesquisa, sobre o ambiente em que vivemos.

Além da técnica de Isadora Duncan, tenho aproveitado os diversos procedimentos, técnicas e práticas, como a utilização de fatores do movimento e ações de movimento de <sup>11</sup>Rudolf Laban (RENGEL, 2005). Brincadeiras e cantigas de roda, em que o movimento seja preponderante, como o das cirandas. Conteúdos e um método de referência ao qual me conecto é a filosofia e técnica de Dança de Isadora Duncan, baseada na inspiração de elementos da natureza. Inspiro-me ainda no repertório coreográfico instigador de “Isadora”, com as coreografias: Lulabay; As três Graças; A dança do mar e “Figuras de Tanagra.

---

<sup>1</sup> Rudolf Laban foi um dançarino, coreógrafo, teatrólogo, musicólogo, intérprete, considerado como o maior teórico da dança do século XX e como o "pai da dança-teatro".

Aprendi “Isadora” em aulas de curso de formação, quando professora da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB, em 2012 e 2013, e em vários anos, entre 2013 a 2018, na Jornada de Dança Bahia<sup>2</sup>, com Fátima Suarez<sup>3</sup> e Lori Belilove<sup>4</sup>.

As aulas que frequentei eram divididas em exercícios de chão, centro em pé, barra, diagonal e círculos. Todas as pessoas com os pés descalços e com os cabelos livres ou rabo de cavalo. A vestimenta eram túnicas, com referência à liberdade do corpo, como propôs Isadora Duncan. As aulas foram traduzidas e organizadas pela professora Fátima Suarez. Grande parte desse material é referência nesta pesquisa e também para outras produções.

A relação com a natureza é algo muito relevante e é necessário para aguçar e fortalecer a sensibilidade. As aulas propostas através da filosofia de dança de Isadora Duncan propõem, justamente, essa harmonia com o universo, com todos os elementos que compõem a natureza, nos fortalecendo como seres humanos cada vez melhores.

Alguns estudiosos, como Ailton Krenak (2019), antropólogo, ambientalista, defensor do meio ambiente, da natureza, dos seres animais e dos seres encantados, vem nos alertar e lembrar que nós somos a natureza e somos um em tudo.

As crianças precisam experienciar a natureza de forma real, vivida, sentida, palpável e assim, naturalmente, sentir-se parte desse todo. A partir desse pensamento, proponho vivências nos ambientes naturais em comunhão com a natureza.

---

2 A Jornada da Dança da Bahia é um encontro focado entre a dança e a educação, realizado pela Escola Contemporânea de Dança, sobre a coordenação da dançarina Fatima Suarez. Uma das marcas da Jornada está em sua inspiração nos ideais e na filosofia de dança de Isadora Duncan. Acontece desde 2005, uma vez por ano, geralmente, no mês de outubro. Informações disponíveis em: <https://www.jornadadedanca.com/>.

3 Fatima Suarez é Diretora da Jornada de Dança Bahia; formada pela UFBA. Formou-se em Ballet Clássico pela Ebateca; especializou-se em dança moderna e coreografia na London Contemporary Dance School e no Laban Centre of Movement, na Inglaterra, e na Martha Graham Dance School e Merce Cunningham Dance Foundation, em Nova York. Em 1992 conheceu Lore Belilove, estabelecendo intercâmbio entre a Escola Contemporânea de Ballet e a Isadora Duncan Foundation. Desde 1987, é diretora e professora da escola Contemporânea de Ballet e do Contemporânea Ensemble. Fonte: Encarte da II Jornada de Dança Bahia: Sobre o caminho de Isadora Duncan, promovido pela Escola de Contemporânea de Ballet realizada em 04 a 16 de maio de 2009, Salvador, Bahia.

4 Lore Belilove é consagrada internacionalmente como primeira intérprete e embaixadora da dança de Isadora Duncan no mundo inteiro. Através de suas aulas, crianças, estudantes e dançarinos profissionais têm aprendido os ensinamentos que lhe foram passados por Anna e Irma Duncan, suas professoras, e duas das seis filhas adotivas de Isadora. Belilove graduou-se em dança religião e estudos clássicos pelo MI College, Okland, CA. Ela especializou-se na técnica de Dança Moderna de Doris Humphrey e foi aluna particular de Elanor King e Ernestine Stodelle, membros da The Humphrey-Weidman Dance Company. Possui uma vasta documentação para pesquisa e interpretação da técnica e repertório Duncan. Fonte: Encarte da II Jornada de Dança Bahia: Sobre o caminho de Isadora Duncan, promovido pela Escola de Contemporânea de Ballet realizada em 04 a 16 de maio de 2009, Salvador, Bahia.

O professor Muniz Sodré (2021), acredita na educação pelo sensível e que as crianças precisam aprender a serem sensíveis, pois o contrário já acontece há muito tempo. A sociedade está omissa, indiferente aos sofrimentos e às necessidades da sua comunidade. Todos os dias, nos meios de comunicação e na mídia, são mostrados temas como chacina, assassinatos, violências, sendo visto como natural, banalizado. Não podemos perder a ternura, não podemos perder o amor ao próximo. E a educação do sensível, na qual primeiro vem o ser e não o ter, fará muita diferença na condução humana desta sociedade.

Busco em Sodré conceitos sobre uma educação que visem conhecimentos sobre a natureza humana e sobre os aspectos sociológicos que aprofundem o entendimento de fatores e de ações do cotidiano.

Saliento que sou professora das referidas turmas e tenho trazido a técnica de Isadora Duncan, nas aulas. De todo modo, trabalhamos com sensibilizações de sabores e cheiros, aguçando a percepção dos sentidos, tais como perceber e diferenciar texturas que existem: pedras, areia, argila, folhas, penas, tecidos.

As vivências e as reflexões que essa técnica oferece são de grande relevância, propiciando o encontro com a natureza. A aula de dança de Isadora é aplicada utilizando-se muito das metáforas relacionadas com as ações da natureza:

“pega a água e deixa as gotinhas caírem pelos seus dedos”

“balança os braços como se fossem as folhas nos galhos das árvores”

“deixa o tronco para baixo relaxado igual à postura de um macaco”

“você vai descendo devagar como se fosse uma vela apagando, oferece a flor”.

## **A dança e a natureza**

[...] “Quando Isadora dança”, escreve o cronista, particularmente inspirado, “o espírito remonta bem longe ao passado. Remonta à primeira manhã do mundo quando a grandeza da alma encontra sua expressão na beleza do corpo quando o ritmo do movimento correspondia ao ritmo do som quando a cadência do corpo humano se integrava com o vento e o mar, quando o gesto de um braço de mulher era como pétala de uma rosa que dasabrocha, a pressão de um pé sobre a relva como uma folha que cai acariciando a terra.” (LEVER, 1988, p. 157)

As pessoas e a natureza são uma coisa só. Contudo, esse fato não é tão simples; a manifesta dicotomia pessoa X natureza é destruir a si. A relação com a natureza é algo muito necessário para



aguzar a sensibilidade. A partir de Isadora, é possível trabalhar essa perspectiva do cuidado ao meio ambiente e o cuidado de si e do outro (FOUCAULT, 1984). Nesse mundo globalizado em que valores e respeito ao meio ambiente estão ficando obsoletos, percebe-se que essa indiferença se dissemina nas crianças e nos adolescentes. Nota-se que muitas ainda não foram a uma praia.

A Cidade do Salvador tem uma orla marítima extensa, com aproximadamente cinquenta quilômetros e inúmeras praias, quase todas com nomes de origem indígenas, como: Pituba, Itapoã, Pituaçu, Amaralina, Piatã, Patamares, Paripe, Placafor e Periperi. É possível argumentar que se, as crianças perceberem e sentirem a natureza de perto, ficarão mais cientes dela. Por conseguinte, jogar lixo no chão, depredar ambientes na rua e na escola poderá ser algo que ficará no passado. Vivências em lugares como parques, praias, zoológicos, jardins botânicos e cachoeiras seriam de grande relevância para que o sentir estivesse aglutinado ao conhecer, ao encantar e ao emocionar.

Essas são dinâmicas de vivências propostas para serem usufruídas pelos alunos assim que se finalize essa pandemia. Essas podem também serem feitas em sala de aula com objetos trazidos por eles/elas ou pela professora e que possam atender às suas necessidades e perspectivas.

O ambientalista e escritor Ailton Krenak, já há alguns anos, vem travando uma verdadeira batalha em defesa do meio ambiente, da natureza e dos seres encantados que nela vivem, em um pensamento de que nós somos natureza e a natureza somos nós, somos família, somos parentes, somos irmãos. Krenak já escreveu alguns livros buscando alertar a todos nós, seres humanos, sobre a urgente necessidade de mudarmos nossos hábitos de destruição do nosso habitat, a nossa mãe terra.

[...] todas as histórias antigas chamam a terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça beleza e fortuna. Veja-se uma imagem grega da deusa da prosperidade que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas a referência é de uma provedora maternal. (KRENAK, 2019, p. 30)

Entre os livros de Ailton Krenak, *Como adiar o fim do Mundo*, tem a perspectiva de despertar uma consciência sobre a nossa vida na terra. O respeito às forças da natureza é preponderante em diversas religiões e em diversos povos. É fato que os povos indígenas cultuam a natureza como forma de vida e que para os povos de religiões de matrizes africanas as forças da natureza estão completamente presentes. Na mitologia dos orixás, as divindades representam um

fenômeno da natureza, suas matas, praias, rios e animais. E esse respeito também está presente nas mitologias Gregas.

Muitas crianças não respeitam e, conseqüentemente, não cuidam da natureza pela falta de contato, por não a conhecer de verdade. As referências que as acompanham pela vida, tal como pais, familiares e amigos, geralmente não têm a consciência de que uma grande parte dessa responsabilidade pertence a eles.

Existem crianças que nunca foram a uma praia ou a uma cachoeira. Nunca foram a um parque gramado, rodeado por árvores. Possível dizer, ironicamente, que acreditam que o leite ‘brota da caixinha’. Crianças que vivem em um mundo frio, de casas em cima de casas e que malmente têm um vasinho com plantas em suas habitações. Até nas novas construções das escolas não têm espaço para natureza viva. A escola em que leciono está em reforma e por pouco não derrubam uma árvore de Pau-Brasil; uma total falta de sensibilidade por parte dos engenheiros. É nosso dever ajudar esses pequenos, que futuramente serão os adultos, a desde sempre, cuidarem e preservarem a vida.

[...] e nossas crianças desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulados do que um consumidor. São adulados a ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadãos? Para que possa ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma forma consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentidos, numa plataforma para diferentes cosmovisões. (KRENAK, 2019, p. 12)

As crianças precisam experienciar a natureza de uma forma real, vivida, para fortalecer o seu entendimento sobre sua relevância em todos os sentidos da vida do ser humano. Como tenho afirmado, crianças que nunca viram uma horta, que nunca viram um pomar, ou pegaram uma fruta do pé, ficam fortemente insensíveis a simples diálogos ou somente a imagens de fotografias, que até são interessantes, mas só isso não basta.

Em razão disso, trago uma proposta de vivências dentro e fora da sala de aula, com a promoção de passeios para idas a alguns parques, como:

- ✓ Parque da Cidade: inaugurado em 1975, preserva significativo espaço de Mata Atlântica em uma área de 724.00 metros quadrados, onde se pode encontrar diversas espécies ornamentais e frutíferas. Árvores como Oiti, Ipê, Pau-Brasil, assim como jaqueiras, cajueiros e sapotizeiros e

muitos animais silvestres. Fica localizado entre os bairros de Santa Cruz e Itaipara, possui diversas áreas de lazer e um Anfiteatro (Dorival Caymmi)<sup>5</sup>.

- ✓ Parque São Bartolomeu (espaço com cachoeiras e preservação ambiental) localizado no bairro de Pirajá. Foi moradia dos índios Tupinambás e posteriormente refúgio de negros escravizados e fugitivos, tornando-se um Quilombo. Guarda simbologias da religião ancestral africana em suas árvores, águas e matas. Foi também local da decisiva Batalha de Pirajá<sup>6</sup>.
- ✓ Parque das Dunas, um complexo ambiental com lagoas, dunas e animais silvestres. Compreende aproximadamente 6 milhões de metros quadrados com trilhas para apreciação do ecossistema como flora e faunas exuberantes<sup>7</sup>.
- ✓ Praia de Itapoã (local de muitas histórias e que está mais próxima do bairro de Cajazeiras). Itapoã significa pedra redonda, alguns dizem pedra que ronca, na língua tupi. Com um mar calmo e ondas médias, banhado pelo oceano atlântico, água esmeralda e com piscinas naturais formadas por grandes pedras. Ideal para pescas e experiência para crianças. Praia cantada por Vinícius de Moraes<sup>8</sup>.
- ✓ Lagoa do Abaeté é uma lagoa escura arrodada de areia branca. Tem uma paisagem natural. A cor escura deriva da vegetação nativa que envolve toda lagoa, com profundidade de quase 5 metros. Sua fauna inclui peixes, camarões, pitus e cobras d'água. Espaço muito utilizado para cultos religiosos de matriz africana. Lugar repleto de orquídeas, cajueiros, e coqueiros<sup>9</sup>.
- ✓ Parque de Pituacu, localizado na orla de Pituacu (Av. Otávio Mangabeira). Com uma área de ciclovia de 15 km ao redor de uma lagoa e vasta mata atlântica com presença de animais silvestres e várias opções de lazer<sup>10</sup>.

Todos esses lugares citados acima têm condições de proporcionar vivências com o habitat presente de natureza para jovens e crianças. Será um passeio com experiências para sentir e explorar o espaço e tudo que a ele pertence e está vivo. Sentir a areia nos pés, sentir o cheiro de mato, subir nas árvores, respirar ar puro, tocar nas folhas percebendo a variedade de texturas, ver

---

<sup>5</sup> Informações disponíveis em: [www.parquedacidade.salvador.ba.gov.br](http://www.parquedacidade.salvador.ba.gov.br).

<sup>6</sup> Informações disponíveis em: [www.culturatododia.salvador.ba.gov.br](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br).

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: [www.parquedasdunassalvador.com.br/ba](http://www.parquedasdunassalvador.com.br/ba).

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: [www.salvadorbahia.com/praiadeitapoã](http://www.salvadorbahia.com/praiadeitapoã).

<sup>9</sup> Informações disponíveis em: <https://www.bahiaturismo.com/itapoã>abaeté>.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: <https://www.inema.ba.gov.br/pituacu>.

de perto certos animais só vistos antes em livros e revistas ou digitalmente, perceber a energia purificante e de vida que a natureza nos oferece.

[...] cantar, dançar viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia pela natureza, existe também uma para consumir subjetividades - as nossas subjetividades. Então vamos viver a liberdade que fomos capazes de inventar e não botar no mercado. (KRENAK, 2019, p. 15)

Sobre cantar, existem inúmeras músicas que falam sobre a natureza e que podem ser usadas como referência durante as aulas de dança:

- ✓ *Segue o seco* - Carlinhos Brown. Reflexão sobre a vida no sertão nordestino e a escassez da água nesse lugar.
- ✓ *Barulhinho Bom* - Carlinhos Brown. Reflexão sobre a importância da chuva, e improvisação livre sobre esse tema.
- ✓ *Planeta água* - Guilherme Arantes. Reflexão sobre a importância da água e tema para improvisação.
- ✓ *Borboleta pequenina* - Mariza Monte. Improvisação sobre a natureza.
- ✓ *O Girassol* - Jane Duboc. Discussão sobre a beleza da flor, a busca pelo sol e a temática círculo.
- ✓ *Todo dia era dia de índio* - Jorge bem Jor. Temática da vida indígena, história do Brasil.
- ✓ *O mar* - Dorival Caymmi. Música utilizada para improvisar a relação do homem e o mar.
- ✓ *Minha sereia* - Dorival Caymmi. Música utilizada para temática do mar e para falar sobre a lenda da Iara.
- ✓ *Passaredo* - Chico Buarque. Tema para pássaros na improvisação.
- ✓ *A ordem das árvores* - Tulipia Ruiz. Tema de improvisação sobre natureza, reflexão sobre a natureza.
- ✓ *Bem-te-vi* - Carlinho Cor das Águas. Tema para improvisação de pássaros.

A questão do cuidado de si e do outro é muito pertinente nos dias de hoje. Nossa sociedade está cada vez mais voltada para atitudes egoísticas e, por mais difícil que seja admitir, desumanas. Acolher o outro com simpatia, um simples sorriso, escutar, dar um colo, olhar nos olhos (a janela da alma), enxugar as lágrimas, já dá para perceber que existe uma preocupação, um respeito. Cuidar

é dar a mão, ajudar na caminhada, mostrar os caminhos da retidão, não deixar que o outro fique sozinho. E quando necessário, bradar para se fazer ouvir.

[...] já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – ou seja uma magistratura das relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com o outro uma vez que para cuidar de si é preciso ouvir lições de um bom amigo de alguém que lhe diga a verdade. (FOUCAULT, 1984, p. 4)

Esse “amigo”, da citação de Foucault, somos nós, professores, que temos a missão de orientar os jovens e as crianças para uma ação de respeito para com o outro em todos os sentidos. Respeito é sinônimo de cuidado. A pessoa que respeita entende que em nenhuma situação o outro deve ser discriminado. Não discriminar e não ter preconceito é o caminho de uma sociedade cidadã. É preciso combater o pensamento racista que infelizmente ainda perdura nos dias atuais. A escola precisa propor no seu currículo interno ações em que a valorização da cultura dos povos seja vinculada a todas as disciplinas. O negro é maioria na nossa sociedade e todo seu legado está presente na nossa forma de vestir, nas nossas músicas, nas nossas gastronomias, então porque são vistos como ser menores? Por isso que “[...] movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos.” (RIBEIRO, 2019, p. 12).

### **No chão da escola**

A ideia desta proposta é apresentar para as crianças a dança e a filosofia de vida de Isadora Duncan, assim como vivências de contato com a natureza, transversalidades dos estudos do movimento de Laban, bem com aproximar elementos da cultura popular que tanto enriquecem a Dança.

Apresento um plano de aula com exercícios das aulas que foram sistematizadas pelas alunas de Isadora Duncan e um planejamento direcionado para a relação com elementos da natureza e da cultura popular, como as cantigas de roda.

Acredito em uma metodologia voltada para a autonomia e a emancipação da criança de maneira positivista visto que, a princípio, o processo participativo e atuante será muito necessário para observar os resultados durante o percurso; sendo utilizada de forma qualitativa no sentido de

compreender diferentes abordagens estratégicas para conseguir melhores resultados. Serão observadas ações do contexto cultural, expressão do ser humano nas interpretações das vivências e inferências de cada ação na proposta refletida e realizada.

Embora Isadora Duncan, na sua biografia, não tenha deixado nada escrito sobre o seu trabalho com a Dança, suas filhas adotivas Anna Duncan e Irma Duncan, sua irmã Elisabeth e também alunas sistematizaram suas aulas. Esse material permanece em uso atualmente. É claro que o que temos pode não ser totalmente fiel na sua íntegra, mas um pouco da sua criação está presente. Deve ser observado como a metáfora está presente no desenvolvimento das aulas, pois elas auxiliam na intenção do movimento.

Apresento, então, exercícios básicos da prática de Isadora Duncan que ensino na Escola Pública Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana, como parte da Proposta didático-metodológica da pesquisa de Mestrado Profissional.

Conforme já pontuei, ensinar Dança na escola da Rede Municipal de Salvador, apesar de ser um desejo de muitos profissionais da Dança, sempre foi uma tarefa muito difícil. Em algumas escolas, ainda temos salas apertadas, sujas, com muitas cadeiras e carteiras que muitas vezes temos que carregar para ampliar o espaço. Além de ter que lidar com a gestão e os colegas que não compreendem o nosso fazer e a falta de apoio pela unidade escolar. Mas, ao mesmo tempo, compensa ver os rostinhos felizes das crianças quando chegamos à sala.

Considero que preparar uma aula para esse lugar é mostrar-se verdadeira artista uma vez que a criatividade tem que imperar a todo o momento. Nós não temos aulas pré-estabelecidas, somos nós que buscamos ou criamos atividades com base em metáforas, ludicidades e ao mesmo tempo técnicas para alcançarmos o nosso objetivo de fomentar nas crianças o gosto de apreciar e expressar a sua dança.

Por várias vezes, preparar uma aula pensando em promover algo prazeroso para as crianças é algo que exige muito de mim, principalmente quando o uso de recursos didáticos, muito escassos ou estão indisponíveis. Mas, o desejo de ver as crianças dançando e a realização desse desejo supera qualquer obstáculo.

Vários foram os artifícios utilizados para criar, propor, procedimentos metodológicos para alcançar os propósitos e que ainda são vislumbrados.

Antes do começar uma aula, converso sobre assuntos diversos, mas sempre pergunto sobre como as crianças estão se sentindo, se alguém tem algo novo para contar ou se viu ou ouviu algo interessante que possa nos informar.

[...] Idealisticamente pretende-se imprimir nos alunos de dança um significado da sua vivência, conduzi-los criativamente e com liberdade aos processos pessoais, sociais e produtivos a fim de contribuir para desenvolver em paz harmonia e solidariedade; lidar com o confronto de alteridades e valorizar a diversidade, desenvolvendo ainda um aprendizado contínuo, de realização e visão de perspectiva de futuro, em busca de uma atuação participativa em sua comunidade contribuindo para uma desejável transformação social. (ROBATTO, 2012, p. 61)

Apresento abaixo exercícios das aulas de Isadora Duncan que devem ser aplicados em sala de aula para crianças. São atividades aprendidas nas aulas com a representante do Isadora Duncan Foundation, Lori Belilove e Fátima Suarez.

Os princípios pedagógicos são os seguintes:

- ✓ Princípios Éticos: autonomias, responsabilidade, respeito ao bem comum.
- ✓ Princípios Estéticos: sensibilidade, criatividade, ludicidade e diversidade de manifestações artísticas culturais.
- ✓ Princípios Políticos: direitos e deveres da cidadania, exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Princípios Epistemológicos: Através da prática do sociointeracionismo, valorizando os conhecimentos prévios do educando.

### **Exercícios para serem executados no chão**

– Minha casa

Colocar a mão no plexo solar, pés paralelos, sentir o movimento do plexo, sentir a respiração. Se for confortável, fechar os olhos. Em seguida alongar os braços à frente a partir do recolhimento do plexo (metáfora: “entrar em casa”).

Esta atividade ajuda na concentração e preparação para a aula. Esse exercício traz uma introspecção; perceba sua respiração e todo seu espaço corporal.

– Arrancar do chão

Exercícios para mãos e braços. Mãos no chão coladas, vai descolando as mãos e elevando aos poucos: tira do chão, eleva quarenta e cinco graus, noventa graus, vai até o alto da cabeça sempre fazendo uma respiração a cada movimento.

Esse momento de trabalho das mãos é muito necessário para entender o prolongamento dos movimentos dos braços. Todo corpo dança, mas é comum as mãos ficarem tensas em alguns movimentos.

– Primeira onda (compasso 2/4)

Sentada, pernas levemente flexionadas, pequena primeira posição. Coluna relaxada sobre as pernas, mãos sobre os pés. Ao primeiro compasso, as mãos escorregam pelas pernas e, ao chegarem ao peito, desenvolvem em diagonal, juntamente com a coluna que logo após fica a noventa graus e relaxa voltando à posição inicial.

Exercício que trabalha a flexibilidade da coluna vertebral, região do corpo que muitas vezes carrega tensões evitando que o movimento tenha fluidez.

– Segunda onda (compasso 2/4)

Sentada na posição paralela, joelhos esticados, na preparação, os braços na segunda posição. No primeiro compasso, recolher os joelhos e abraça-los. No segundo compasso, esticar os joelhos e simultaneamente esticar a coluna elevando os braços para quinta posição para cima.

Assim como a primeira onda, essa atividade tem por finalidade o trabalho de flexibilização do movimento na coluna vertebral com a junção dos movimentos de pernas e braços buscando leveza.

– Mergulho

Com as pernas cruzadas. Braços se elevam acima da cabeça; flexionar a coluna indo com as mãos até à frente, no chão. Fixar as mãos no chão, alongar a coluna na diagonal, relaxar a coluna e voltar à posição inicial, desenrolando.

Esse exercício também trabalha muito os movimentos da coluna vertebral na sua flexão e extensão.

– Namorado (chama o amigo)

Sentada na terceira posição, perna direita na frente, braços ao lado, palmas das mãos para cima. Em um compasso, alongar ao lado cavando; outro compasso, braço sobe para terceira posição por



fora; em outro compasso, inclina o corpo para o lado oposto, olhando para o chão; em outro compasso, olha para o espelho na posição inclinada; e em dois compassos, volta à posição inicial. Troca-se a perna e repete pelo outro lado.

Exercício facilitador do alongamento lateral da coluna assim como a flexão e extensão lateral. A sua fluidez e coordenação de movimentos é muito complexa com detalhes que exigem muita atenção por parte do estudante.

– Chuveiro de luz (compasso 4/4)

Sentar na primeira posição, braços ao lado, palma das mãos para cima. Em quatro tempos, subir o braço por fora para terceira posição. Quatro tempos, manter a posição; quatro tempos, descer o braço para primeira posição ao mesmo tempo que traz os braços fechando o plexo. Quatro tempos, abre os braços, abrindo o plexo; quatro tempos, desce a coluna e a cabeça vai aos pés e volta coluna desenrolando.

Exercício para trabalhar colocação dos braços, buscando a naturalidade dos movimentos assim como a concentração.

– Reza (compasso 2/4)

Ajoelhadas, quadril sobre os calcanhares, mãos em posição de oração. No primeiro compasso, força entre as pernas e sobe um pouco. No segundo compasso, desce o quadril. Repete três vezes e, na quarta vez, elevar os braços no primeiro compasso; no segundo compasso abrir os braços na segunda posição voltando à posição inicial.

Exercício muito importante para concentração, buscando a reflexão sobre a ação e colocação do corpo de forma adequado à proposta.

### **Exercícios para serem executados em pé**

– Vela

Em pé, pés paralelos, mãos juntas no alto da cabeça fazendo uma vela. Em oito tempos, sair da posição de vela e ir até o chão agachado. Em oito tempos, retornar à posição em pé desenrolando. Repete em quatro tempos, dois tempos e em um tempo.

Essa atividade tem os mesmos princípios da reza juntamente com a flexibilização da coluna.

– *Purshes* (pode ser feito sentado e depois em pé)

Pés na primeira posição, não muito aberta. Empurrar o ar com as mãos e ao final tentar tocar os dedos da colega ao lado, no círculo. Quando já tiverem aprendido o movimento dos braços, tentar caminhar para frente e para trás.

Nesse exercício de muita complexibilidade, o alongamento de mãos e pés é muito exigido para um desenvolvimento do movimento harmonioso.

– Arvorezinha

Braços acima da cabeça, palma da mão virada para outra. Balançar o corpo e as mãozinhas como se fossem folhas de uma árvore. Em seguida variar os níveis, deixar que improvisem com os braços. Esse exercício facilita o trabalho de braço buscando a leveza dos movimentos tão necessária nesta aula.

– Wills

Fazer círculos com o corpo para direita e esquerda usando *plié*, lentamente e livremente.

Este exercício é feito com muita naturalidade e as crianças demonstram gostar muito de fazê-lo.

– Caminhadas

Com uma música lenta, fazer caminhadas pela sala sentindo o deslocar dos dedos dos pés e calcanhar. Pode-se desenhar um caminho e andar com os braços livres ou fazendo círculos, alternando o ritmo e criando estórias.

Atividade com a mesma base exigida na proposta da Arvorizinha com movimento de braços e flexibilização da coluna.

– Preparação para *skips* – salto elevando o joelho em noventa graus.

– Preparação para *duble skips* – salto elevando o joelho na frente e depois atrás.

### **Exercícios para serem executados na barra**

- Exercícios para pés e joelhos.
- *Pliés* e meia ponta (fortalecimento pés e pernas).
- *Pliés* na primeira e segunda posição com *port de bras*.
- Alongamento com onda (trabalha a flexibilidade da coluna).
- Marionetes – subir os joelhos na frente do quadril, depois ao lado. Direita e esquerda. Meia ponta, joelho, ponta, meia ponta, calcanhar. Termina com um *demi-plié*.
- Exercícios de preparação para *flay* (voar).

### **Exercícios de deslocamento**

- Corridinha do coração  
Começa na diagonal da sala até o final.
- Corridinha do mergulho.
- Corridinhas em *baunces*  
Pode ser feito na diagonal da sala ou em círculos.
- Corridinhas em duplas  
Em dupla, uma criança é a líder da outra. Caminhar três passos, a líder puxa a colega fazendo com que ela passe para o outro lado e as duas correm para frente na primeira onda.
- Corrupio  
Duas crianças, uma em cada diagonal da sala, correm para se encontrar no meio, fazendo o durinho girando; ao terminar, respiram e trocam de lugar.
- Galopes em dupla  
De mãos dadas, as duplas fazem os galopes pelo círculo.
- *Skips*

Pulos com pernas em 90 graus.

– *Flay*

Saltos para laterais, em posição de *arabesque*.

– *Improvisation*

Atividades livres de improvisação ou com alguma temática do contexto infantil ou a qual a criança tenha interesse. Podem ser usados acessórios, se o professor achar necessário.

Temas: dormindo e acordando, banho de cachoeira, catando flores no jardim, andando nas nuvens, em busca da árvore mágica, o presente, a entrega do coração, brincando de brincar, passeando com o cachorro peralta, andando no castelo mal assombrando, perdi o meu brinquedo, ganhei um presentão.

### **Coreografias de repertório de Isadora Duncan**

É muito vasto o repertório coreográfico de Isadora Duncan que vem sendo perpetuado por suas discípulas e pelo Isadora Duncan Foundation: Fúrias, Mather, Querubins, Danubio Azul.

– *Bachgavots*

Sequência de saltos e corridas utilizando curvas e círculos durante o seu percurso.

– As três Graças

Dança feita para três crianças, enfatizando o respeito e a amizade.

– *Lulabay*

Dança baseada no ato da mãe ninar o seu filho. Isadora fez esta coreografia quando perdeu seu filhinho recém-nascido.

– Figuras de Tanagra

Coreografia baseada em poses das estátuas gregas vistas na cidade de Tanagra.

## Laban, cultura popular e referencial de artes

Para as crianças do 1º ano até o 3º ano gosto sempre de cantar uma ciranda ou uma cantiga de roda (Alecrim dourado; Esta ciranda não é minha só; Achei tão bonito, Eu morava na areia, Dois Passarinhos). Faço atividades de aquecimento com fortalecimento muscular e alongamento e parto para processos criativos.

Os exercícios básicos da aula da técnica de Isadora Duncan recém-apresentados são feitos em todas as aulas, sendo chamado de rotina necessária. O método de Rudolf Laban classificou os elementos e/ou fatores do movimento em fluência, espaço, peso e tempo, muito utilizados para enfatizar análises de movimento, assim como as ações do movimento e também a percepção de limites corporais. Quando pedimos a uma criança que dobre o corpinho o máximo possível ou dizemos que coloquem somente determinadas partes do corpo em algum lugar, ela o faz com a maior naturalidade, pois o pensamento e a ação acontecem ao mesmo tempo, de imediato, possibilitando a compreensão da corponectividade. Este termo Rengel (2021) usa para efetivar “mentecorpo”, escrito junto, não se separam.

Outro recurso utilizado para ampliar a aprendizagem da Dança é o livro criado pelo Projeto Arte no Currículo<sup>11</sup>, a partir da União entre a Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia - UFBA e A Secretaria de Educação de Salvador - SMED, que foi direcionado pela Professora Dra. Beth Rangel, com a participação de alguns professores da rede municipal. A produção dos *Referenciais curriculares de arte para o ensino fundamental da rede municipal de educação* (RANGEL; AQUINO; COSTA, 2017) foi construída com cinco eixos temáticos para aprendizagem:

### 1 – Leituras de si e do mundo: arte como Construção da Identidade

Esse eixo apresenta como possibilidade artístico-pedagógica a imersão do educando na constituição de um corpo-cidadão que, ao vasculhar a sua existência, a sua história de vida e os contextos socioculturais em que estão inseridos, como escola, o bairro, a família, percebe como a sua identidade se constrói nas relações estabelecidas nesses ambientes. Os saberes artísticos aqui elencados são abordados de modo a favorecer uma reflexão crítico-analítica que possibilite ao estudante da Rede de Educação Municipal de Salvador fazer leituras de si como corpo-sujeito-

---

<sup>11</sup> Para saber mais, acesse: [https://www.ufba.br/ufba\\_em\\_pauta/arte-no-curr%C3%ADculo-estimula-criatividade-na-rede-de-ensino](https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/arte-no-curr%C3%ADculo-estimula-criatividade-na-rede-de-ensino).

cidadão, ao mesmo tempo em que interage com o mundo. A noção de identidade que este eixo apresenta toma o inacabamento como ponto de partida e, neste sentido, percebe a liquidez e a transitoriedade inerentes a esse conceito. A identidade é transitória, é múltipla; não se apresenta *a priori*, mas se constitui no bojo das suas relações sociais, em uma construção que não se esgota, não se finda. Os saberes das linguagens artísticas, aqui desenvolvidos, comprometem-se com uma educação em Arte que propicie leituras de si implicadas ao exercício contínuo da cidadania.

## 2 - Arte como ponto de encontro da diversidade e das culturas

Na idealização desse eixo, parte-se da concepção da escola como um espaço constituído por múltiplas culturas. Reconhece-se a diversidade não como algo que devemos aprender “a tolerar”, mas como condição de existência. Espera-se que os saberes das Artes Visuais, Dança, Música e Teatro possibilitem experiências em Arte que promovam uma reflexão em torno do aprender a ser/estar e do conviver. Para além das dimensões conceituais e procedimentais relativas aos saberes artísticos, espera-se também que seja possível arborescer dimensões atitudinais tão caras na contemporaneidade e ao mesmo tempo tão necessárias nas relações interpessoais, tais como respeito, solidariedade, empatia e diálogo. O coletivo de profissionais da Rede Municipal de Educação de Salvador reafirma a necessidade de garantir o direito de aprendizagem das diversidades e das questões identitárias nas escolas: culturas étnico-raciais como as das matrizes africanas, indígenas e ciganas, as culturas sertanejas, as culturas de gêneros, de orientação sexual, de grupos etários, entre outros. Interessa-nos que o educador, sensível ao contexto pedagógico em que está inserido, proponha um diálogo entre os saberes da linguagem artística, na qual é especialista, e as questões relativas às diversidades que emergem na escola. Nessa perspectiva, acreditamos na Arte como ponto de encontro, ou seja, como ponto que não se encerra em uma relação imediata, mas transborda os limites do seu tempo-espaço, possibilitando reflexões que afetam o posicionamento do estudante para além dos muros da escola.

## 3 - Culturas populares e suas configurações na contemporaneidade em arte

Busca-se por meio desse eixo possibilitar a ampliação do conhecimento em Arte sem se restringir às dimensões eurocêtricas tão presentes em nossa formação ocidental nas diferentes linguagens artísticas. Os professores da Rede Municipal de Educação promoverão, por meio desse eixo, um alargamento da experiência artística, reconhecendo a necessidade de abrir as portas da escola para interagir com os saberes das culturas populares, espalhados em outros contextos sociais.

Esse eixo transita entre tradição e contemporaneidade sem reduzir este trânsito a uma perspectiva representativa da Arte, no sentido de não atrelar a abordagem destas manifestações, exclusivamente, às datas cívicas como Folclore São João, dia do índio e afins. As linguagens artísticas propõem, nesse eixo que as culturas populares sejam investigadas em seus contextos geográficos, políticos, sociais, estéticos e etc., relidos na contemporaneidade, possibilitando, inclusive, processos criativos que, respeitando estes patrimônios imateriais, cheguem a novas configurações poéticas. Nesse eixo tomamos a cultura popular como um processo plural, multifacetado, em constante criação e recriação. Vale, por fim, ressaltar que esse eixo possibilita que a escola seja habitada também por estes mestres da cultura, que com seus saberes empíricos possam elaborar aprendizagens significativas aos estudantes das Escolas municipais de Salvador.

#### 4 - Pesquisas tecnologias e inovações artísticas

Esse eixo opera com uma ampla noção de pesquisa. Entende-se a pesquisa como uma ação investigativa que se compromete com uma produção de conhecimento e, por conseguinte, a consecução de aprendizagens que possibilitem aos estudantes a compreensão do fazer-artístico como um processo sistemático. Entende-se também que a Arte é imbuída de um processo poético no qual as escolhas emergem de protocolos próprios de investigação. Em outras palavras, não se chega a uma coreografia, a um texto dramático, a uma composição musical ou a uma pintura sem uma imersão investigativa que demande uma atitude pesquisadora. Desse modo, a tecnologia pode ser compreendida como conhecimento expandido de saberes, que possibilita mediações do sujeito aprendente com o mundo. Em uma contemporaneidade cujo protagonismo infantil e juvenil tem sido cada vez mais demandado à escola, espera-se que os saberes em Arte, aqui engendrados, possam auxiliar no processo de formação de um estudante inovador, crítico e propositivo.

#### 5 - Processos de criação em arte como processos de aprendizagem

Ao trazer os processos de criações como eixo temático na corrente proposta curricular, os professores de Artes de Rede Municipal de Educação de Salvador reafirmam esta, como uma das dimensões do processo de aquisição de habilidades artísticas. A arte na escola não tem como função a produção em série de configurações artísticas. A sua contribuição na formação dos estudantes não precisa ser justificada com produtos estéticos que, em muitos casos, estabelecem relações causalidades imediatas com calendário civil, ao invés de se comprometerem com a aprendizagem

dos sujeitos envolvidos na ação. Por esta ótica, aproximamos o verbo criar e aprender, como duas ações cognitivas que na sua experiência artística não devem ser vistas de maneira segregadas. Destarte, esse eixo se compromete em expor os objetivos de aprendizagens para os processos de criação em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, desvelando os saberes nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais de cada linguagem. Os educadores ao proporem esse eixo temático de trabalho, revelam a sua intencionalidade por um processo de ensino-aprendizagem em Arte que articule fruição e criação, desenvolvendo uma competência central: a criatividade.

Todos os eixos do Referencial de Artes são relevantes para o ensino das artes em geral, e o professor poderá trabalhar com todos ou com os quais estiverem mais adequados aos seu planejamento. Dois desses eixos são utilizados com mais frequência nos planejamentos de cursos preparados para a unidade escolar que são os seguintes: 1 - Leituras de si e do mundo: arte como construção da identidade; eixo 5 - Processos de criação em Arte como processos de aprendizagem. Nesses dois eixos a liberdade de expressão, a expressão do movimento, a diversidade, o respeito, se comunicam para falar “da sua dança”. Ex.: Atividade música e movimento - usar de preferência uma música alegre. O professor coloca uma música e diz as partes ou a parte do corpo que irão movimentar. Quando a música parar, dizemos o que fazer como: mão direita toca o pé esquerdo, cabeça encostando nos joelhos, dois pés e a cabeça no chão, torce o corpo todo para o lado direito, gira e para com uma perna fora do chão. Andar como se fosse uma geleia, espreguiçar como um gato, pular de braços cruzados, colocar a mão na panturrilha, rolar pelo chão sem se bater com o colega, nadar no rio, pisar na terra fofa suavemente. Essas são atividades de desafio que atizam a vontade de fazer mais e melhor, querendo sempre superar a si mesmo. Outro exemplo: Música e níveis - (antes deve ser explicado os níveis espaciais: baixo, médio, alto e como se caracterizam). O professor coloca uma música - é interessante falar o nome da música, nome do compositor e nome do cantor, se for o caso. Aprendi a fazer isso num curso com a professora Lenira Rengel, em 2008, na FUNCEB. A música toca, as crianças se movimentam livremente, procurando utilizar os espaços vazios. Quando a música parar, o professor fala o nível que seja feito. Vai trocando o nível espacial depois de determinado tempo e também variando o ritmo musical para deixar a aula mais dinâmica.



## **Improvisação**

Outro método muito importante na Dança é a improvisação. Improvisar, embora seja uma atividade muito relevante, se não for bem dirigida, ao invés de ser prazerosa, transforma-se em algo chato e desestimulante para qualquer pessoa. Valorizar e estimular cada movimento, nem que seja um simples passo para frente, é extremamente necessário para que a pessoa consiga entender que tudo é válido. No caso das crianças, é necessário buscar referências do seu imaginário e ao mesmo tempo metáforas que sejam conhecidas no seu dia a dia. Ex.:

Anda pesado como se fosse um elefante bem grande

O corpo é uma bola gigante

Toma banho como se estivesse embaixo de uma cachoeira

Corre com o sapato apertado

Deita e deixa o corpo leve como se estivesse boiando

Pisa com cuidado para não quebrar os ovos que estão espalhados pelo chão

A entrega do presente

Acorda e chama

Dormindo e acordando

É muito importante mostrar gravuras, fotos do tema que deseja abordar na improvisação. Com o tema natureza, por exemplo, o recurso de revistas, como fotos de florestas, árvores, jardins floridos, animais (aves, peixes, leões, elefantes) e muitos outros. Falar sobre o que se encontra nas fotos também é de muita riqueza. Assim como sempre estar fortalecendo o pensamento de que somos responsáveis pela sobrevivência de todos os seres da natureza.

Atividades de imitação de seres animais e vegetais é uma forma de estimular a improvisação. Sempre procuro músicas com sons de natureza, como ondas do mar, cachoeiras, sons de pássaros e outros animais, para provocar a sensibilidade na hora de improvisar.

## **Filmes**

Utilizar filmes é outro recurso muito importante para provocar uma reflexão mais apurada sobre a questão da preservação da natureza e facilitar o desenvolvimento do ato de improvisar. Exemplos de filmes usados que favorecem a importância da preservação da natureza:

*A era do gelo 1* (Direção de Chris Wedge)

*Rio 1, Rio 2, O Tráfico de Animais Silvestres* (Direção de Carlos Saldanha)

*Ainbo: a Guerreira do Amazônia* (Direção de José Zelada)

*Moana um mar de aventuras* (Direção de Jonh Musquet e Ron Clements)

*Tainá, uma aventura na Amazônia* (Direção: Mauro Lima)

*Era uma vez na Floresta* (Direção de Charles Grosvenor)

*Rei Leão* (Direção de Rob Minkof e Roger Allers)

*Carrossel o filme* (Direção de Alexandre Boury)

*Animais unidos jamais serão vencidos* (Direção de Rouger Tapee)

*Amazônia* (Direção de Thierry Ragobert)

*Lixo Extraordinário* (Direção de Lucy Walker).

Há também pequenos trechos de filmes do repertório de Isadora Duncan em que a natureza é reverenciada.

Documentário: *Caminhos da Dança Moderna* - Universidade Federal de Santa Maria - UFSA. Luciene Dorneles, 2019.

*Isadora Duncan - Por uma dança revolucionária* - Helena Carneiro, 2015.

*Isadora Duncan - Dança Moderna, curiosidades* - SMAC (Studio Maria Alina Corsi), 2021.

*Isadora Duncan - La Musa de la danza livre* - Panamá América, 2012.

## **Músicas**

Exemplos de músicas que em sua letra contemplam o tema Natureza, os quatro elementos da natureza e o meio ambiente:

*Planeta água* - Guilherme Arantes

*O girassol* - Jane Duboc

*A água* - Cristina Mel

*Minha sereia* - Dorival Caymmi

*O mar* - Dorival Caymmi

*Segue o seco* - Carlinhos Brown

*Barulhinho Bom* - Carlinhos Brown

*Paxuá e Paramim* - Carlinhos Brown

*Borboleta pequenina* - Marisa Monte

*Passaredo* - Chico Buarque

*A árvore* - Edson Gomes

*Todo dia era dia de índio* - Jorge Bem Jor

*Curumim Iê Iê* - Mara Maravilha

*A ordem das árvores* - Tulipa Ruiz

*Jardim da Fantasia* - Carlinhos cor das Água

*Bem te vi* - Renato Terra

*Girassol*- Flávio Venturini

*As baleias* - Roberto e Erasmo Carlos

*Xote Ecológico* - Luiz Gonzaga

*Sal da Terra* - Beto Guedes

*Lilás* - Djavan

*As forças da natureza* - João Nogueira

*Bela Flor* - Maria Gadu

O ensino de Dança precisa de uma abrangência de conhecimentos muito diversificado. A criança, ou adolescente vem para escola dotado de saberes próprios, da cultura familiar e social e de referências anteriores à escola.

Embora as aulas de Dança sejam pautada, principalmente na dança de Isadora Duncan, é de grande relevância estar em abertura para o contexto em que a criança está inserida.

É muito importante que as crianças entendam que elas podem realizar movimentos específicos e que pode haver nomenclaturas para cada ação. Então, busco o estudo dos movimentos de Rudolf Laban (1879-1958), nas pesquisas da professora Dra. Lenira Rengel que escreveu os livros: *Dicionário Laban* (2005) e *Os temas de movimento de Rudolf Laban: (I a VIII) modos de aplicação e referências* (2008), assim como os estudos sobre procedimentos metafóricos e do corpo intelecto, realizados pela mesma autora (RENGEL, 2007).

Precisamos ensinar às crianças que o corpo pensa. As aulas de dança necessitam do recurso da metáfora para alcançar o entendimento das crianças no movimento indicado. Ex.: levanta a perna puxando o fio da marionete, mergulha a coluna na piscina, o corpo é uma grande bola, derrete como queijo coalho etc. Segundo Rengel, a arte não é só emoção, é pensamento, tudo junto. A arte

também é intelectual e a cognição está no corpo/mente. Saber que somos corpo e com pensamento não dualista é uma mudança de paradigmas.

[...] Por falar em saber como “falar”, gostaria de ressaltar que o uso de metáforas e imagens tem que ser cuidadoso tanto com adultos, bem como com crianças. Há pessoas que são muito interessadas em imagens, histórias, alegorias. Outras não, e, nem por isso, elas são “menos criativas”. Às vezes é melhor dizer: “ande em linha reta com movimentos sinuosos” do que dizer: “este caminho é estreito e você se mexe como um bêbado”. Depende muito, depende mesmo. Você professor, dançarino, ator, etc. é quem conhece seu grupo ou alunos e o que você próprio prefere, ao propor a temática de uma atividade.” (RENGEL, 2008, p. 9).

Além dos conceitos de estudos do movimento de Laban, a metodologia da dança orientada na escola pública faz da cultura popular, também forte e necessária ferramenta para abranger o movimento da dança, proporcionando um conhecimento ampliado da ação do dançar no contexto em que a escola está inserida.

O estudo da cultura popular é uma grande particularidade dos meus estudos de dança, em relação à Dança Afro-brasileira. Durante o curso do Mestrado Prodan, tive uma grande oportunidade de ouvir a professora Dra. Vanda Machado que trouxe a sua experiência como professora em um Terreiro de Candomblé (ILÊ AXÉ OPO AFUNJÁ), onde criou um Projeto Político Pedagógico Irê Aiô. Machado. Nessa palestra para o PRODAN ela falou sobre as questões da situação do negro e sobre muito do que foi roubado da sua história. Falou sobre a Lei 10.639, obrigatória no ensino das escolas, mas que não é respeitado, na intenção de deixar esquecidos os direitos e marginalizar a sua condição por ser negro/preto. A filósofa Djamila Ribeiro (2012), nos seus escritos *O lugar de fala*, faz pensar sobre como o negro é tratado, no dia a dia, em preconceitos e racismos.

Saber que eu sou corpo e que o corpo é intelectual é uma mudança de paradigmas. Esse pensamento reverbera muito no contexto da criação, quando na elaboração de uma coreografia. Por mais simples que seja aos olhos de alguns críticos, vem de um processo de elaboração de movimentos relacionados ao tema proposto, resultado do estudo do tema, da escolha de música, do espaço. Esse aspecto não é valorizado como conhecimento intelectual, pois não está sistematizado no papel ou na escrita e sim na ideia do criador/coreógrafo. A cognição está no corpo por inteiro. Seria a verdadeira inteligência corporal, sendo o movimento verbalizado e a sua graduação de consciência e experiência do sensório para assim perceber que tem que é de suma relevância.

Por isso, em minha prática pedagógica, os mitos da cultura afro foram e são abordados enfatizando a questão ética e os ensinamentos que cada história dos mitos nos traz, encantando as crianças e mostrando o belo, demonstrando-os também pelos movimentos e pelas coreografias. Sem precisar dizer que se trata de uma outra de coisa, mas levando-os para o caminho da criação de uma arte. Quando surgia algum questionamento, eu sempre dizia que a dança percorre por todos os caminhos, povos e lugares, mostrando exemplos reais nos quais elas pudessem identificar e se identificar. Realmente não devemos entrar em atrito com a política da intolerância religiosa e nem em com qualquer outra. Podemos construir e conquistar através do diálogo pacífico; o diálogo com respeito e com amor. A Dança pode ser o veículo para grandes descobertas nas crianças e adolescentes. Como diz Vanda Machado: “a dança é divinatória”.

A história e a ancestralidade como fundamentais para o entendimento de uma identidade própria, visando à aceitação e à elevação da autoestima. A cultura popular é muito potente e conta histórias fortalecendo a educação sem deixar morrer as memórias ancestrais.

Utilizar as músicas que tenham conteúdos com esses contextos e dançá-las sentindo a pulsação e se deixando levar pela improvisação livre e sem cobranças e depois no relaxamento refletir sobre as letras ou vídeos faz das aulas um momento lúdico que merece ser repetido.

Aponto, em seguida, um exemplo de uma sequência didática usando uma cantiga de roda da cultura popular:

### **Aula de improvisação passarinho que vai nascer**

– Improvisação dirigida com a canção

O passarinho

Crianças pela sala separadas umas das outras, dentro de um ovo imaginário. São os passarinhos que vão nascer. A ideia é quebrar o ovo com as pequenas asinhas, o bico, e outras partes do corpo que precisarem para quebrar este ovo. Quando o passarinho nasce, fica muito feliz com tudo que vê ao seu redor: o céu azul, o brilho do sol, muitas árvores e muitos outros bichos. (neste momento pergunto quais os bichos terão na floresta). Quando o passarinho observa tanta beleza, bate as asinhas com muita força e começa a voar feliz e livre ao ver os rios, e todos os espaços lá embaixo. Voa, voa bastante e quando começa a cansar, volta para o seu ninho para descansar. Neste

momento da improvisação coloca-se uma música com som de pássaros para dar uma ambientação ao que está sendo pedido.

– Cantiga de roda Dois Passarinhos (domínio popular)

Por esta rua, dominé  
 Passeou meu bem, dominé  
 Não foi por mim, dominé  
 Foi por alguém, dominé  
 Dois passarinhos, dominé  
 Caiu no laço, dominé  
 Dá um beijinho, dominé  
 Dá um abraço, dominé  
 Dá outro beijo, dominé  
 Dá outro abraço, dominé  
 Agora escolha, dominé  
 Para ser seu par, dominé

Nesta atividade, que é feita em roda, as crianças de mãos dadas. Duas crianças andam por fora da roda. Quando fala que ‘caiu no laço’, eles entram na roda e se beijam e abraçam seguindo o que a cantiga diz, e logo após cada uma das crianças busca outra criança para fazer o mesmo percurso.

Durante a dança, eles correm como pássaros, balançando os braços como asas e, no momento do beijinho, batem as asas e balançam o corpo para um lado e outro como se fosse o bico do pássaro.

Esta atividade é feita também com todas as crianças ao mesmo tempo e, na hora determinada, encontram o seu par e fazem o cumprimento dos pássaros e na repetição da música vão trocando de par.

Este momento é muito esperado e pedido para ser feito na aula de Dança pelas crianças do primeiro e segundo ano dos anos iniciais. Fiquei positivamente surpresa com a aceitação, mostrando que não têm preconceito em fazer esta atividade com meninos ou com meninas.

– Ainda na floresta do passarinho

Imitando os animais que mais gostaram de ver na floresta:

Como esse animal se locomove?

Como esse animal caça?

Como esse animal come?

Como esse animal dorme?

As respostas tem que ser pelo corpo e pode ter ajuda de outros colegas e do professor.

– Por uma mágica o passarinho, depois que volta para o ninho e dorme, quando acorda se transforma em outros bichos:

Borboleta, cachorro, girafa, jacaré, jabuti, sapo, macaco

Abelha, gato, coelho, leão, cobra, elefante, canguru

Nesta atividade utilizam-se músicas de sons da floresta, aproveitando para discutir sobre a diversidade e diferença entre os animais e entre as pessoas. Assim como os animais são diferentes, as pessoas também são.

– Tomando banho de cachoeira

A princípio, é apresentado em filme ou foto mostrando o que vem a ser uma cachoeira, por exemplo, o filme *Rio*. A improvisação consiste em as crianças chegarem à cachoeira e brincar com a água imaginária, nadar e tomar o banho, molhando as diferentes áreas do corpo. Nesta improvisação refletimos e discutimos sobre a importância da água.

– Buscar música com sons de cachoeira/música Planeta Água (Guilherme Arantes)

Como professora de Dança, me realizo muito criando coreografias e dirigindo processos coreográficos. Observar a expressão e a interpretação singular de uma criança me emociona, me faz chorar de alegria. E, embora sejam coreografias simples, são pensadas para o espaço, o público, a intenção, e o que de verdade se quer comunicar, como indica a coreógrafa Lia Robatto.

Para isso, a multireferência em dança e em tudo que ela engloba, corpo/cognição, movimento, está predisposto a um crescimento e a uma construção de conhecimentos de um universo maior. Embora a essência da dança que proponho para estudantes da escola pública municipal seja a dança de Isadora Duncan com todas as suas particularidades, a cultura popular

deve estar presente com toda sua potência assim como os estudos do movimento de Laban e o Referencial Curricular de Arte da SMED.

- Proposta de Trabalho em que a dança de Isadora vai estar presente, associada à Cultura Popular e os estudos de Rudolf Laban.

## Mandalas

**Figura 1 - Mandala**



Fonte: Arquivo pessoal

Pensando em construir algo palpável que refletisse um sentimento sobre o mundo, seu formato, suas qualidades, seu colorido, suas mensagens e sua interação com o homem, inspirei-me e inspirei-me nas mandalas e seu significado, tão pertinente à vida da pessoa e sua interação com o universo.

As mandalas são feitas em círculo e construídas de dentro para fora, partindo do centro num processo em que se vislumbra a beleza do desenho no espaço e suas variações de forma e movimento. Cada mandala tem uma singularidade ao tempo que representa a diversidade que pode ser encontrada na criatividade de cada viver, na maneira de agir da pessoa. A mandala é apresentada no formato da terra por ter uma forma circular, dando a ideia do cíclico, de cadeia alimentar. Traz também a ideia dos movimentos de rotação e de translação, das voltas do mundo, das voltas que o mundo dá, a passagem dos tempos, dos rituais sagrados ou não. Suas formas podem ser experienciadas nas danças circulares, em círculos propostos para integração e a visualização do seu entorno. Remetem, ainda, aos ciclos das estações, das mudanças da lua e da tábua de maré, dos



ciclos menstruais, do ciclo da vida, nascer, viver e morrer. Boa parte da nossa vivência como pessoas, seres animados ou espécies da natureza está condicionada a círculos, ciclos e rodas, buscando e propondo uma percepção maior com o seu eu, com a relação com o outro e a sua espiritualidade.

De forma similar, as cirandas são feitas em círculo, harmoniosamente. Nelas, dar as mãos significa manter o contato, marcar laços de afetos, acolhimentos, segurança para a continuidade do movimento, a percepção do outro, a parceria. As danças em roda, como o samba, integram toda comunidade, da criancinha ao mais idoso, todos participam no seu momento, e na sua vontade. As danças indígenas como o toré, assim como o xirê das danças de matrizes africanas são feitas na maioria das vezes em círculo.

Existem vários jogos e brincadeiras feitas em círculo, como a Capoeira, o Samba de roda, chicotinho queimado, Dois Passarinhos, Pai Francisco, as Cantigas de roda, as Cirandas, onde o que prevalecia seria o entretenimento.

Sendo assim, a construção de uma mandala seria a oportunidade da criação e apreciação, proporcionando aos estudantes a reflexão, a atenção, a delicadeza, a autoestima, e a construção de princípios de estética necessários à manutenção do cuidado.

Outra sugestão de estratégia para uma Dança mais apropriada para a escola objeto deste estudo seria adequar a Dança pensando em seu Projeto Político Pedagógico, firmando assim mais uma ação intensificada entre arte e educação, atrelada às proposições e ao ambiente escolar.

#### – Atividades relacionadas às Mandalas

Sendo a Mandalas uma referência circular e colorida, fazemos atividades relacionadas ao tema. Discutir sobre os objetos e as formas circulares que existem, e seguir ações propostas:

- i. Partes do corpo que conseguem fazer a ação círculo e do rodar (punho, quadril, coluna, pescoço, pé, perna, dedos), assim como movimentos que desenho círculo no espaço.
- ii. Observar várias gravuras e pinturas de mandalas dispostas pela professora no ambiente da sala de aula.
- iii. Desenhar e pintar sua própria mandala no papel oferecido pelo professor e com lápis coloridos. É muito interessante utilizar a música mantra de Snatan Kaur.

- iv. Experimentar no corpo as partes que podem se movimentar circularmente. Este momento será um processo de criação, onde conhecer o corpo e saber as nomenclaturas dos músculos e articulações será muito importante. (utilizar a música da *Canção do Círculo*, de Little Baby Bum, *Girassol*, de Toquinho, e *Aquarela*, de Vinícius de Moraes).
- v. Fazer círculos com as partes do corpo: cabeça, pernas, coluna, braços, pés, quadril. Nesta atividade o aluno terá que compreender o que está sendo pedido e apurar a sua concentração.
- vi. Movimentar duas partes juntas, exemplo: cabeça e braços, coluna e pernas, quadril e cotovelo. Esta tarefa vai determinar como dominar a coordenação motora e o domínio corporal.
- vii. Desenhar círculos no espaço com algumas partes do corpo.
- viii. Construção do balangandãs coloridos - brinquedos que têm a possibilidade de fazer desenhos no espaço (será utilizado barbante, jornal velho e papel crepom) e movimentação livre com o balangandãs. Utilizar as músicas *Aquarela*, de Toquinho, *Girassol*, de Vinícius de Moraes; e a música *Arco-íris*, Xuxa.

**Figura 2** – Crianças produzindo mandalas



Fonte: Arquivo pessoal.

## **Danças para assistir**

Sugestões espetáculos de dança que podem ser apreciados pelas crianças:

Da ponta da língua a ponta do pé - Grupo Vila Dança, direção Cristina Castro - Conta a história da dança com ênfase em Isadora Duncan

O quebra nozes - ballet de repertório

Puxada de rede - dança tradicional de grupos folclóricos

Samba de roda - dança da cultura popular

Cirandas - dança e brincadeira de roda da cultura popular

Rodas de capoeira – dança, jogo e luta da cultura popular

Balé Folclórico da Bahia - grupo de dança folclórica que, em seu repertório, consiste em representar diversas artes da cultura popular

Saurê do BTCA - espetáculo de dança que fala sobre Oxun, orixá das águas doces, com uma releitura contemporânea; coreografado por Carlos Moraes.

Mandala - BTCA - coreógrafo Luis Arrieta

Balagandança - Cia. de Dança Contemporânea para crianças com foco em brincos e folias

Unidunitê - espetáculo de dança infantojuvenil que fala das cantigas de roda e brincadeiras infantis  
- Escola de dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Chamegos e dengos da Bahia - espetáculo infantojuvenil que retrata a cultura popular da Bahia -  
Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia

Outro valoroso enfoque da apreciação seria assistindo às produções criativas dos próprios colegas. As produções podem ser individuais, em duplas ou em grupos, proporcionando a elevação da autoestima do grupo e a percepção e reflexão sobre o fazer que a todos é possível criar, sendo sempre valorizado o seu fazer.

**Figura 3** – Nas aulas - movimentos da dança de Isadora



Fonte: Arquivo pessoal.

### **Plano de curso**

Plano de curso elaborado para as turmas do 3º ano e 4º ano.

#### Objetivo

O objetivo das aulas é oferecer uma abordagem como introdução aos conhecimentos da Dança, apresentando a técnica de dança de Isadora Duncan, fortalecendo o entendimento sobre a temática da natureza, observando os Eixos de Aprendizagens do Referencial Curricular de Artes como: Conhecimento de Si e do Mundo; Identidade e Processos Criativos.

#### Conteúdo de aprendizagens

Breve biografia de Isadora Duncan.

Exercícios sistematizados da técnica de Isadora Duncan.

Repertório coreográfico de Isadora Duncan.

Processos criativos com a temática Natureza.

Dinâmicas sobre Espaços e níveis espaciais.

Jogos sobre tempo e pausas musicais.

Criações coreográficas.

Discussões e reflexões sobre a temática Natureza e Meio ambientes transversalizados por identidade, valores e respeito.

Elementos da cultura popular.

### Procedimentos metodológicos

Roda de conversa antes e/ou depois das aulas; pode ser sobre a aula ou qualquer assunto pertinente, pois o objetivo deste momento é promover a expressão e a escuta.

Aula prático/teórica dialógica

Exercícios técnicos básicos para liberação corporal, alongamento e fortalecimento muscular.

Improvisação e processos criativos.

Discussões e reflexões sobre temáticas do conteúdo.

Projeções de filmes e documentários que tratam sobre a temática natureza e meio ambiente.

Projeção de vídeos e documentários sobre a dançarina Isadora Duncan.

Oportunizar a apreciação de outras danças em vídeos e apresentação dos próprios colegas.

Vivências em ambientes da natureza como área verde, gramados, árvores, matas; se houver possibilidades vivências em praias, cachoeiras, parques, dunas.

Vivências com materiais naturais: folhas, areias, argilas, pedras, lama, água.

### Recursos

Sala ampla, limpa arejada

Caixa de som, aparelho de celular

Revistas, livros, posters de Isadora Duncan

Apostilas

Lenços

Bolas de assoprar (balões de festa)

Lápis, borrachas canetas

Fitas de cetim

Papel ofício

Papel crepom, jornal, barbante

Sala Multimídia

Livro de didático de Arte

Livros de Isadora Duncan

Espaço em meio à Natureza

### Avaliação

Processual e Diagnóstica

Sendo observados os critérios básicos: interesse do estudante, participação durante as aulas, demonstração de entendimento sobre a aula apresentada, assimilação e execução dos exercícios preparatórios.

### **Roteiro para as aulas**

#### Primeiro momento

Acolhimento e roda de conversa

Chamada com movimento

Abordagem temática da aula

#### Segundo momento

Aquecimento com dinâmica corporal. Este momento é em que apresentamos diversas brincadeiras para processos de criação, ritmo e jogos espaciais.

Alongamento e fortalecimento muscular. Estas atividades acontecem de forma lúdica, utilizando a metáfora para sua execução.

Exercícios de técnica de Isadora em atividades de chão, barra, diagonal. Estas atividades são específicas, indicadas nas aulas de Fátima Suarez, formada por Lori Belilove, pela escola Isadora Duncan Foundation.

#### Terceiro momento

Sequências com movimentos de Isadora Duncan, execução de saltos, corridas.

Apresentação de repertório de Isadora Duncan. O repertório das danças de Isadora Duncan tem sequências de saltos, corridas, bounces.

Figuras de Tanagra, baseado nas estátuas Gregas.

Lulabay, dança de Isadora ninando o filhinho.

As três Graças, dança de três amigas no jardim.

Bachgavots 1 e Bachgavots 2, sequência de corridas, saltos e pulos.

Improvisação, livre com uso de músicas.

Improvisação dirigida, com uso de temas pertinentes aos conteúdos das aulas.

### **Sobre a farda**

[...] porque a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir. (ECO, 1982, p. 17)

Na escola pública existe um traje de certa forma limitante, ou seja, a farda (calça jeans, camisa de malha de algodão e tênis. A rede municipal atualmente adota a calça tergal folgadinha, com elástico na cintura, mas a maioria das crianças não a usam, não gostam. Importante frisar que devido à riqueza de diversidade de termos, dialetos sotaques no nosso país, em muitos estados e cidades, farda também é definido como uniforme ou uniforme escolar.

O que vem ser a FARDA? Uma roupa que serve para ser utilizada para um determinado fim e representar um grupo. A farda surgiu juntamente com o exército de guerreiros da antiguidade; Grécia, Roma e China já usavam um uniforme para identificar os seus guerreiros. Ao observarmos em livros de histórias e em filmes épicos, reconhecemos as “fardas”. Atualmente, a farda é utilizada como traje de trabalho, escolar, prisional e em muitos outros ambientes com padronizador, identificador de uma marca, de uma empresa, de um governo por exemplo. Na farda são usadas as cores e símbolos pensados criteriosamente para caracterizar um setor ou uma marca.

Inúmeros profissionais usam fardas como: enfermeiros, policiais, motoristas, esportistas, jogadores de futebol, artista marciais, como karaté, hap-ki-do, nas aulas de ballet, capoeira. Usam-se fardas para organizar e padronizar certos grupos, assim destacando-os dos demais. O que seria o hábito das freiras e monges, senão fardas? Podemos ter orgulho ou vergonha de nossas fardas, de nossas etiquetas sociais.

É certo que uma roupa é também parte do espaço do corpo e ela institui à criança, estudante ou qualquer pessoa uma identidade de pertencimento. A roupa escolhida por uma determinada pessoa transmite uma imagem, uma ideia do que esta pessoa quer comunicar sobre si mesma em sentimento e emoção. Isso é reforçado nos estudos de Pinker (2004) quando ele afirma que um ser humano não é uma tábula rasa e que seus instintos, natureza, temperamentos, talentos vêm no seu corpo e que não é só a genética, o ambiente também faz o homem ser quem é. E o que vem no corpo traz em si uma história, uma vida, o verdadeiro corpo mídia. O corpo é a representação dele mesmo, por si só comunica e diz o que é e quem é.

Em todas as vezes em que fiz o curso da dança de Isadora Duncan, o uso das túnicas era imprescindível e é sabido que em muitos cursos ainda é. Todos os alunos e alunas usavam. A argumentação é de que ao usar a túnica há a possibilidade de uma sensação de liberdade, um poder para soltar os movimentos, um desejo de criar, um sentimento bom. “Sentir-se Isadora”. A metáfora “sentir-se Isadora” é um procedimento bastante mobilizador, seja qual for o gênero da criança (RENGEL, 2007). É um vestuário que transmite uma reverência, uma sacralidade. Nesse momento percebo que a túnica de Isadora também está determinada como uma roupa necessária para essa aula e quando os alunos se deslocam de algum espaço dedicado à dança utilizando as túnicas já são identificados como alunos da técnica de Isadora. Portanto, a túnica também pode ser designada como uma farda.

Apesar de todo preconceito gerado em torno da farda, muitas vezes, usam-nas sem perceber e isso não determina o caráter de uma pessoa apenas indica em que coletivo se agrupa. “É perceptível, portanto, vislumbrar o quanto a humanidade é cíclica. Mudam-se os tempos mudam-se os personagens, mas a essência é sempre a mesma. A busca por identifica-se em um contexto de igualdade permanece inalterada.” (BORGES, 2015, p. 329).

A dança de Isadora, no contexto em que está sendo inserida – escola pública da Rede Municipal de Salvador, num bairro de periferia –, tem que se ressignificar. Usando uma vestimenta bem distante do ideal criado por Duncan, as túnicas esvoaçantes inspiradas nas estátuas gregas, objetivando trazer a sensação de liberdade e leveza para os movimentos da dança.

É certo que uma dança se ressignifica com diversas variantes. Nem todos que dançam a mesma coreografia a dançam do mesmo jeito. São corpos diferentes que trazem no corpo histórias que a diferenciam do outro em contextos, culturas e sentimentos. O lugar, os ambientes também



dão outro sentido à dança, assim como, e principalmente, o vestuário. Um figurino diz muita coisa: comunica, expressa e interpreta o movimento.

Não quero aqui criar polêmica e sim provocar uma reflexão. É fato que introduzir o uso das túnicas nas aulas baseadas na dança de Isadora Duncan na escola pública municipal Fazenda Grande 2 seria muito complicado. Por isso, o que quero, simplesmente, é apontar que, mesmo com o uniforme escolar, a criança poderá experienciar uma dança que busca pelo sensível, pelo cuidado de si e o cuidado com o outro e com percepção sobre a importância em preservar a natureza. Estar com essa farda, para essa dança, não é o ideal, mas é possível.

**Figura 4** – Alunos/alunas - dança livre (improvisação)



Fonte: Arquivo pessoal.

Conforme destacado, a dança de Isadora baseia-se no princípio do movimento livre e da expressão da mensagem que cada dançarino quer transmitir no seu movimento. Ela abriu as portas para muito da dança pós-moderna, dança contemporânea, dança popular e todos os estilos de dança que podemos apreciar e absorver nos tempos de hoje. Quando Isadora Duncan rompeu, ainda menina, com o ballet mimético da época, ela nos deu espaço para dizer que existem muitas outras formas de dançar e que a dança pode ser para todos.

Algumas atividades citadas acima, não são novas e com certeza, a proposta deste trabalho não é nada novo. A ideia aqui é que podemos fazer de algo simples e até comum, uma aprendizagem bastante significativa e relevante para nossa sala de aula. É interessante buscar na nossa memória as brincadeiras pertinentes que nos ajudaram a perceber a diversidade, o amigo, o companheiro, o respeito e as regras de convivência que guardo até hoje. A Dança tem regras, o brincar tem regras, existe regras para viver e a principal é o cuidado de si e do outro. O fazer da dança de Isadora Duncan promove fundamentalmente o cuidado de si e do outro e com a natureza que dialogam diretamente com o Projeto Político Pedagógico da escola.

### **Acerca das referências**

Como referências para fortalecer este estudo, trago o educador e filósofo, Paulo Freire (2011), em seu livro *Educação como prática da liberdade*, no qual trata da educação vinculada ao respeito, à democratização do conhecimento, à reflexão e conscientização do seu papel enquanto cidadão e à democratização do conhecimento, promovendo assim uma valorização ao que o estudante traz da sua cultura.

A filósofa Djamila Ribeiro (2019) escreveu o *Pequeno manual antirracista* e nos orienta a ficarmos atentos às ações preconceituosas que nos rodeiam no dia a dia e que muitas vezes não as percebemos como tóxicas. O racismo está tão impregnado nas nossas ações, na vida social e familiar, que se torna lugar comum no nosso cotidiano. As relações precisam ser pautadas no respeito mútuo e cabe à escola a função de orientar os estudantes para esse caminho. Em 2003 foi instaurada a Lei 10.639 que traz a obrigatoriedade para o ensino da cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas. Houve formações para os professores da Rede Municipal de Ensino de Salvador, contudo muitos não cumpriram a lei e não participaram dessas formações, por diversos motivos (religiosidade, preconceito) e o tempo levou essa lei ao esquecimento. Na escola, o preconceito racial está muito presente nas relações entre os estudantes e, na maioria das vezes, para alguns professores essas atitudes passam despercebidas.

Michael Foucault (1984), nos textos de seu livro *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*, fala sobre questões importantes acerca do cuidado de si e do outro e salienta que para cuidar do outro primeiramente têm-se que cuidar de si. Quando passamos a cuidar de nós mesmos, começamos a observar o que está ao nosso redor, o nosso ambiente, o lugar em que vivemos em

comunidade. Ser cidadão é também um ato de respeito e cuidado. Um simples “por favor”, pedir desculpas ou agradecer faz muita diferença na condução de uma relação em comunidade.

Trago Ailton Krenak (2019), a partir da obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, grande ambientalista e defensor da natureza para afirmar o meu posicionamento sobre a questão ambiental, a relevância da relação homem x natureza, entendendo que ambos são unos, não existe separação e sim uma congruência da importância da vida.

Lia Robatto (2012), dançarina, coreógrafa e educadora, em seu livro *A dança como via privilegiada da educação: relato de uma experiência*, aproxima muito seu fazer a meu entendimento sobre a dança/educação. Fortalecendo o conceito democrático, criativo e posicionamento político que a Dança determina na ação de pensar e refletir sobre essa arte.

Lenira Rengel (2007), que em sua tese de Doutorado, *Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação*, defende o procedimento metafórico como ação corporal e de entendimento. Lenira explica o uso de distintas maneiras de trabalhar e criar um tipo de estratégias de compartilhamento de conceitos complexos. Esse é um modo diferenciado de expor um pensamento ou de apresentar certo ensinamento que possa alcançar o entendimento de crianças, jovens e até mesmo adultos e facilitar a assimilação dos conteúdos em qualquer área do ensino.

Espero com esta proposta que, na filosofia desse dançar, fatores, como o cuidado com a natureza e com o outro e o respeito, estejam inseridos na condução de uma dança reflexiva, na qual a vestimenta não seja empecilho, ao contrário, que possa expressar um caminho para emancipação da criança nos seus movimentos e no movimento da sua dança.

## 2 PUBLICAÇÕES<sup>12</sup>

CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA (ANDA)

**VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA 2020 - Dança em relatos de experiência - Cadernos de resumos expandidos**

### ISADORA VESTE FARDA

Simone Lisete Santos Gomes (UFBA)

Resumo: A dança de Isadora Duncan, que tem como uma das fontes de inspiração os elementos da natureza foi a metodologia utilizada para sensibilizarmos alunxs sobre cuidado de si e do meio ambiente. Como professora de dança em escola pública observo a falta de cuidado das crianças com o ambiente da escola e seu entorno, e conseqüentemente o cuidado consigo mesmo e com o outro (FOUCAULT, 1984). Pensando numa forma de fazer com que as crianças reflitam sobre suas ações nessas situações, trabalho com o legado da Isadora Duncan (DUCAN, 1989), em comprometimento antirracista tanto em relação a crianças pretas, bem como as crianças brancas (ribeiro, 2019). Isadora dançava com túnicas. Na escola pública crianças trajam fardas (uniforme escolar). São outros corpos, outros contextos.

**PALAVRAS-CHAVE:** DANÇA NA ESCOLA PÚBLICA. **PALAVRAS-CHAVE:** COMPROMETIMENTO ANTIRRACISTA. **PALAVRAS-CHAVE:** LEGADO DE ISADORA DUCAN. **PALAVRAS-CHAVE:** CUIDADO DE SI E DX OUTRX.

### ISADORA WEARS A UNIFORM

Abstract: the dance of Isadora Duncan, that has as one of the sources of inspiration the elements of nature was the methodology used to sensitize students about care of their and the environment. As a teacher of dance in a public school i observe the lack of care of children with the school environment and its surroundings, and therefore, care with itself and with the other (foucault, 1984). Thinking in a way to make children reflect on their actions in these situations, i work with the legacy of isadora ducan (ducun, 1989), in anti-racist commitment to every black children, as well as white children (ribeiro, 2019). Isadora danced with tunic. Children costume in public school (school uniform). There are other bodies, other contexts.

**KEYWORDS:** DANCE AT PUBLIC SCHOOL. **KEYWORDS:** ANTIRACIST COMMITMENT. **KEYWORDS:** LEGACY OF ISADORA DUCAN. **KEYWORDS:** CARING FOR YOURSELF AND THX OTHXR.

---

<sup>12</sup> Por se tratarem de publicações, as produções a seguir foram reproduzidas para o este TCC sem que passassem por uma revisão interventiva.

Procurar na natureza as formas mais belas e encontrar nelas o movimento que expressa a alma essa é a arte da dançarina[...] minha inspiração foi tirada das árvores, nas ondas, nas nuvens, nas afinidades existentes entre a paixão e a liberdade. Isadora Duncan

O ser humano parece que esqueceu do bem mais importante para a vida, a natureza.

Estar em contato com a natureza revigora, energiza o ser faz o homem se sentir fazendo parte deste lugar em uma conexão muitas vezes despercebida neste cotidiano que nos distancia cada vez mais do convívio e assim sem a memória de quem somos e de que cuidando da natureza estamos cuidando de nós mesmos.

É uma maravilha oxigenadora para o nosso bem-estar, o banho de sol, um mergulho no mar, estar embaixo de uma cachoeira, ou numa mata ouvindo o canto dos pássaros, ou simplesmente bebendo uma água pura dos rios. Fatores preponderantes inclusive em diversos rituais, principalmente os religiosos, os elementos da natureza estão presentes.

Como professora de dança em escola pública de Salvador, há quase quatorze anos. Na *Escola Municipal Fazenda Grande 2, Ministro Carlos Santana*, no bairro de *Cajazeiras*, periferia de Salvador. *Cajazeiras* é o maior bairro da *América Latina*, em termos populacionais com quase seiscentos mil habitantes, aproximadamente. Compreendendo pessoas de classe social baixa, e com certo grau de carência econômica. Ao mesmo tempo com moradores negros, pardos, pretos que comumente sofrem preconceitos, principalmente o preconceito racial. E partindo desta visão, os alunos fazem parte deste contexto, deste grupo que a sociedade racista excluí. Negros, pobres e quase analfabetos, e analfabetos funcionais vivendo à mercê do mundo marginalizado. Os textos de Djamila Ribeiro, esclarece bastante esta situação aqui no Brasil, quando diz: “Movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo com estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos” (RIBEIRO, 2019).

Há muitos anos, dando aulas, venho observando a falta de cuidados das crianças e o desrespeito para com o meio ambiente em que vivem. É evidente que estão seguindo o exemplo das pessoas que as rodeiam, principalmente as suas famílias, e as ações do mundo em geral. Desta degradação da natureza, com a poluição de rios e mares, com a poluição do nosso ar, com o uso indiscriminado de agrotóxico, das grandes empresas. Com certeza, o simples aprendizado de que não se deve jogar lixo no chão ou em qualquer lugar pode muito amenizar esta situação que está acontecendo na escola e no seu entorno e se tornando catastrófica a cada dia que passa. Com o adulto é muito mais difícil esta conscientização, mas com as crianças, que estão mais abertas ao

entendimento e mais sensíveis ao saber e à aprendizagem sobre ética, valores e respeito, teremos mais sucesso. E conseqüentemente o cuidado consigo mesmo e com o outro. No tratamento com relação aos colegas e o simples zelo com o seu fardamento e material escolar. O cuidar significa estar atento, prestar inteira atenção aos detalhes do seu ser com o outro ser, tanto com os cuidados com as emoções do outro como com suas próprias ações.

[...] já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade u nas relações interindividuais o lugar conveniente – ou seja, uma magistratura de relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que para cuidar de si, é preciso ouvir lições de um bom amigo, de alguém que lhe diga a verdade. (FOUCAULT, 1984).

Este amigo somos nós, os professores, que podemos orientar as crianças com afeto e respeito.

É na escola que devemos mudar certas atitudes de deszelo. Pois que com o tempo, se não mudarmos a continuidade de atacar a natureza, tenderá para o extermínio do nosso mundo.

Pensando numa forma de fazer com que as crianças reflitam sobre suas ações e estas situações que nos encontramos diante desta realidade ambiental e percebendo que só a comunicação verbal não estava chegando ao entendimento das crianças, busquei para trabalhar com a Dança na escola, o legado e a técnica de Isadora Duncan.

Isadora Duncan foi uma dançarina autodidata, que partindo de improvisações livres criou seu próprio modo de dançar e desde menina ensinava sua dança para suas amiguinhas. “Não inventei a minha dança ela existia antes de mim, mas estava adormecida. Eu simplesmente a descobri e despertei”. (DUNCAN, imput, KURTH, p.37). Isadora inspira sua dança no movimento e ações da natureza, em imagens que trazem a sensação, o sentir, para alcançar o objetivo da dança mais pura e pessoal. O balançar das folhas das árvores e das plantas, o vai e vem das ondas do mar, a percepção do inspirar e expirar da respiração, a força e a energia da terra, os pés na areia, a pulsação e o plexo solar são basilares da sua dança.

Como poderemos executar e sentir estes movimentos sem a experiência e a imagem do real, se a cada dia que passa a natureza está sendo destruída? A conexão com a natureza é necessária à qualidade da vida humana. Segundo Alain Berthroz: “[...]os dançarinos sabem que o corpo é composto por múltiplos elementos. ” E só se percebe esses elementos, internamente, tendo vivências significativas que serão levadas para sua vida futura.

Com a prática desta metodologia, inicia-se uma reflexão sobre seu ser criança, sua relação com o mundo e sua responsabilidade. Começa então a construção de cidadãos mais conscientes de seu papel cuidador, zelador e protetor.

A Dança de Isadora é executada com o uso de túnicas para dar leveza aos movimentos. Resultado de uma de suas viagens pela Grécia, onde vendo as estátuas gregas decidiu que lavaria para sua vida dançar com estas vestimentas e como cenário uma cortina azul. E até hoje, em oficinas e em várias aulas que suas discípulas ministram todos, todas e todxs usam túnicas. Mas estando numa escola pública onde as crianças trajam farda, ou seja, uniforme escolar. Quando nos referimos a farda estamos falando também daquele vestuário rotineiro que usamos sempre que exercemos uma atividade comum como os trajes da capoeira dos médicos, das artes marciais, da natação, para de balé clássico e como foi dito antes, para aula de Isadora. Neste lugar dança de Isadora terá outra dimensão, outra realidade, outros corpos, corpos negros, pretos, pardos, afro-brasileiros, com histórias e memórias que traduzem suas outras culturas e outros sentimentos.

Na dança, o figurino interfere muito na mensagem, na intenção da mensagem que o coreógrafo ou o dançarino deseja transmitir. Não é o que se veste que diz quem você é, e sim o que você quer dizer com seu corpo falante.

“[...] a arte contemporânea deriva da capacidade investigativa e inovadora do seu autor, assim como da sua necessidade de aprofundamento das questões da vida e da morte; de base filosófica alcançando o plano de sensibilidade humana.” (ROBATTO, 2012).

Com o uso da metodologia da dança de Isadora Duncan e com seus princípios, os resultados das ações das crianças foram positivos. A transformação no comportamento das crianças foi rapidamente observada. A ponto de se tornarem vigilantes às ações dos colegas dentro e fora da escola. Até quando viam outra pessoa jogar lixo na rua vinham, estarecidas e perplexas, me contar o que presenciaram. É uma das funções da arte propiciar a transformação do ser.

Contudo, nosso fazer tem que ser diário e até várias vezes no dia como se fosse uma oração pela vida e ela qualidade de vida.

O ensino da dança, conforme proposto, visa também à produção de impactos e transformações sociais, observando o processo educativo de ver, entender, agir, através da educação pela arte – considerando-se a estética um suporte para escolhas, e o seu processo uma busca de mudança de paradigmas. (ROBATTO, 2012)

## VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em 2021 - 2º edição virtual

### Artigo

#### **Isadora veste farda – um modo de dançar no contexto da escola pública de Salvador, Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana**

Simone Lisete Santos Gomes (PRODAN-UFBA)

Comitê Temático: Dança em Múltiplos Contextos Educacionais: práticas sensíveis de movimento.

**RESUMO:** Este artigo, tem como finalidade pensar em possibilidades de uma dança para escola pública, enfatizado os anos iniciais, a partir de aspectos do legado de Isadora Duncan. Aprendizagem precisa, ser conduzida para uma educação sobre valores, respeito, o cuidado consigo mesmo, o cuidado com o outro, nos textos de Michel Foucault (1984), algo que deve permear em todas as relações; para tratar sobre a conscientização e questão ambiental atentando para a natureza como princípio da vida, o ambientalista Ailton Krenak (2019). E acerca do que seria mais apropriado em termos de técnica de dança, estes fatores como cuidado com a natureza e com o outro, respeito, estejam inseridos na condução de uma dança reflexiva onde até o que vestir com Umberto Eco (1982) a busca por argumentos para discernir essas questões e que sensações um traje para dança pode expressar no movimento do dançar. A respeito sobre cultura, ambiente e genética das crianças busquei Steven Pinker (2004). Para tratar do procedimento metafórico durante as aulas de dança Lenira Rengel (2007). Como procedimentos metodológicos utilizamos dinâmicas de vivências, jogos com ritmos variados, material audiovisual com ambientes da natureza assim como improvisações em contato com a natureza, estudos sobre Isadora Duncan (Kurt, 2003). A ideia de “Isadora Veste Farda”, ou seja, as crianças não vão vestir túnicas e sim a dança de “Isadora” será com a farda da escola.

Palavras-chaves: ESCOLA. DANÇA NATUREZA. FARDA. ISADORA DUNCAN.

#### **1. Experiência na Escola**

Existiria uma Dança mais adequada para escola pública que abordasse princípios, valores, respeito e a sensibilidade de um ser humano cidadão?

Como abordar os fundamentos do Projeto político pedagógico da escola nas aulas de Dança da escola Municipal Fazenda Grande 2 em Cajazeiras?

A partir de 2003 a prefeitura de Salvador promove um concurso para as áreas de artes (dança, teatro, música e artes plásticas). Algo inovador e que pode empregar centenas de



profissionais artistas e oportunizar crianças jovens e adultos a se aproximarem do mundo das artes. Muita concorrência e finalmente o resultado positivo para ser professora de dança nas escolas da Rede municipal de Ensino Salvador. E lá se vão quinze anos no trabalho com crianças de cinco a quinze anos e até com os jovens e adultos. Estou lotada na Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana. Uma escola como a maioria, sem estrutura necessária para se trabalhar com artes. Salas bem pequenas com muitos alunos e muitos móveis para carregar e conseguir abrir um espaço para poder dar as aulas.

A escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana, fica situado no bairro de Cajazeiras, maior bairro da América Latina, em termos populacionais. Neste bairro super populoso encontram-se moradores de classe social baixa em nível econômico, onde a pobreza persiste e com ela a marginalidade vem crescendo, juntamente com a violência e o tráfico de drogas. Muito cedo as crianças e jovens são corrompidos pelos vampiros do mal e da ganância. Jovens pretos, pardos, pobres que ficam sujeitos à perversidade do mundo atual, com muitos preconceitos e discriminações.

## **2. “Isadora”**

Isadora Duncan, foi uma dançarina norte americana auto-didata, que via na inspiração para sua dança, entre outros elementos, a natureza. [...] o mar o vento a música que sua mãe tocava ao piano. Inspirava-se também em pinturas como “A Primavera” de Botticelli. De acordo com Peter Kurth (2003) Isadora tinha dança como seu próprio ar, desde bem pequena já sabia o que queria. “Não inventei a minha dança” repetia Isadora “ela existia antes de mim, mas estava adormecida. Eu simplesmente a descobri e despertei” (Kurth 2003, pág. 17). As metáforas nas aulas de Isadora absorviam das imagens do cotidiano das crianças e de ações pertencentes da natureza como dizer que deveria pegar a energia da terra e jogar para o universo, ou balançar o corpo como se fosse a onda do mar, pegar a água e deixar as gotículas caírem pelas suas mãos.

Embora Isadora Duncan não tenha deixado nada escrito sobre a sua dança, sua irmã mais velha Elisabeth e algumas de suas alunas sistematizaram as suas aulas e organizaram o seu repertório coreográfico como: “Lulabay”, “Figuras de Tanagra”, “As três graças” (DUNCAN, 1987). A família de Isadora, mãe e mais três irmãos, eram apaixonados pela Grécia, suas histórias e a cultura. E foi vendo os Mármores de Elgin a Niké de Samotrácia, as cariátides e as estatuetas

de Tanagra que Isadora decidiu usar para as danças as túnicas gregas, pois afirmava que trazia leveza e distinguia a expressão de sua dança (DUNCAN, 1987).

### **3. A dança de Isadora com crianças**

Depois de muitas experiências em sala de aula, a técnica de Isadora Duncan foi escolhida para as aulas de dança na Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana, apresentando resultados satisfatórios e muitas vezes até surpreendentes

Surge uma reflexão em forma de hipótese: O fazer da dança de Isadora Duncan promove fundamentalmente o cuidado de si e do outro e com a natureza que dialogam diretamente com o projeto político pedagógico da escola.

Após momentos de reflexão, surgem algumas questões a respeito da dança na escola pública. Diante de uma realidade sobre estruturas físicas inadequadas, condições de trabalho ineficazes, crianças sem uma base familiar que lhe deem um alicerce afetivo, uma estrutura emocional, temos a possibilidade de ensinar a arte da dança. Qual seria a dança mais apropriada que abordasse na sua técnica e filosofia, princípios que estivessem norteados pela relação homem x natureza, relação de respeito, direito a sua identidade, diversidade e cidadania? Sabemos que historicamente, uma técnica de dança específica necessita de um traje específico. O não uso desse traje implicaria no desenvolvimento desta técnica e na evolução e expressão do movimento? Essas perguntas definem a proposta de pesquisa que vem sendo desenvolvida e sendo executada de forma remota, numa escola pública no bairro da Fazenda Grande 2, em Cajazeiras, com as turmas de quarto e quintos. A ideia é apresentar como resultado, uma aula com essas crianças e uma coreografia com o tema “mandalas, beleza e cor”. Durante o processo das aulas, haverá um momento de expressão da dança em uma pintura de uma mandala e partindo desse objeto de inspiração, numa interdisciplinaridade, no processo de criação coreográfica.

A metodologia é uma pesquisa emancipatória (artigo pesquisa – pós positivista em dança. STINSEN; GREEN, 2005), seria a mais indicada visto que a princípio, o processo participativo e atuante, sendo professora das turmas será muito necessário para observar os resultados obtidos durante o percurso. Sendo utilizada de forma qualitativa no sentido de compreender diferentes abordagens, estratégias para conseguir melhores resultados. Serão observadas ações do contexto cultural, expressão do ser humano nas interpretações das vivências e inferências de cada ação na

proposta refletida e analisada. Visto que sou professora destas turmas e tenho trazido a técnica de Isadora Duncan, nas aulas. Importante ressaltar que este, um momento lastimoso de interrupção, devido a pandemia do covid-19, impedindo uma observação mais intensa. De todo modo trabalhamos com sensibilizações através de sabores, cheiros, aguçando a percepção dos sentidos, como perceber e diferenciar texturas que existem: pedras, areia, argila, folhas, penas, tecidos, água.

As vivências em parques, praias, cachoeiras e reflexões que esta técnica oferece, é de grande relevância propiciando o encontro com a natureza. Com o ser natureza. A aula de dança de Isadora é aplicada utilizando-se muito das metáforas relacionadas com as ações da natureza. Exemplo de suas falas: “chama o namorado” “colhe e oferece a flor”; “balança os braços como se fosse as folhas nos galhos das árvores”; “deixa o tronco para baixo relaxado igual a postura de um macaco”; “você vai descendo devagar como se fosse uma vela apagando, ”. São metáforas muito utilizadas nestas aulas e que tem um respaldo em escritos sobre o assunto nas suas teses e artigos é a professora/doutora Lenira Peral Rengel (2007).

[...] A relevância do procedimento metafórico consiste na compreensão de que ele instaura, de fato, o sensório motor e os conceitos abstratos juntos. A comunidade de ambos (sensório e abstrato) se nomeia de corponectividade, para mostrar que, no corpo, teoria e prática não são independentes. Com este conceito abandona-se a oposição entre mente e corpo e entre ensino aprendizagem. (RENGEL, pág. 6. 2007)

Outra sugestão de estratégia para uma dança mais apropriada para esta escola seria adequar a dança pensando no Projeto Político Pedagógico da escola firmando assim uma mais ação intensificada entre arte e educação atrelada às proposições e ao ambiente escolar. Analisando o Projeto Político Pedagógico da escola, percebe-se inúmeras identificações de conteúdos relacionados como; respeito à cultura afro-brasileira e indígena; identidade; valores. Os princípios pedagógicos da Escola Municipal Fazenda Grande II Ministro Carlos Santana são os seguintes:

- 1 - Princípios Éticos: autonomias, responsabilidade, respeito ao bem comum.
- 2 - Princípios Estéticos: sensibilidade, criatividade, ludicidade e diversidade de manifestações artísticas culturais.
- 3 - Princípios Políticos: direitos e deveres da cidadania, exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- 4 - Princípios Epistemológicos: Através da prática do sócio interacionismo, valorizando os conhecimentos prévios do educando.

Posso constatar na leitura feitas do PPP da Escola, que há uma harmonia de pensamentos entre o plano de ensino de Dança com estes princípios elencados no documento. Entretanto, veio a indagação sobre a eficiência ou não do trabalho da dança em sala de aula. Busquei respostas com meus pares professores da rede municipal.

Pergunta: Como professora de Dança na escola pública você acredita que exista uma dança ideal para ser trabalhada neste espaço? E se existe, qual seria esta dança?

Respostas:

“Acredito que sim. Aquele que valoriza o conhecimento das crianças, de uma linguagem mais próxima da realidade deles e de uma forma que seja divertida e prazerosa em fazer”. (Marcia Pedrosa, professora de dança da rede municipal há 14 anos).

“Nestes anos como professora da escola pública, percebo cada vez mais que não existe um estilo de dança a ser trabalhado. É preciso estar aberta para as necessidades do grupo. No entanto, percebo que quando na aula proponho trabalhar utilizando estilos de Dança mais próximo da cultura popular, atividades corporais com jogos e brincadeiras e danças já conhecidas pelos estudantes, a resposta para alcançar o objetivo é mais rápida. Ser flexível é a melhor palavra para definir a aula de Dança nesse espaço e, se possível tentar cada vez mais desconstruir o entendimento de Dança apenas como momento recreativo”. (Clarice Muniz Contreiras, 09 anos professora de dança rede Municipal)

“Não há um estilo de dança ideal. Temos que fazer Arte-educação de qualidade, mas a(s) modalidade(s) de dança utilizada vão muito da professora e do alunado” (Lorena Oliveira, professora de dança da Rede Municipal de Salvador há 10 anos)

“Não penso num estilo de dança, mas em propostas de danças que estimule o reconhecimento de Si, da sua história e ancestralidade e a autonomia. ” (Lissandra Patrícia, foi professora da Rede Municipal por 04 anos, no regime REDA.)

Analisando as respostas das colegas é de se pensar que, de modo geral, todas temos uma coerência sobre a maneira mais ajustada para ensinar a dança na escola pública. Têm-se que levar vários fatores em consideração como: espaço físico, estrutura do local, tipo de clientela, estado emocional da turma e principalmente a vontade de aprender.

#### 4. A dança e a natureza

[...] procurar na natureza as formas mais belas e encontrar nelas o movimento que expressa a alma essa é a arte da dançarina. [...] minha inspiração foi tirada das árvores, nas ondas, nas nuvens nas afinidades existentes entre a paixão e a liberdade. (DUCAN, 2012)

O ser humano e a natureza são uma coisa só. Contudo este fato não é tão simples e há uma manifesta dicotomia pessoa X natureza é destruir a si. A relação com a natureza é algo muito necessário para aguçar a sensibilidade. Trazendo uma paz interior, uma harmonia com a terra. A partir de Isadora é possível trabalhar esta perspectiva do cuidado do meio ambiente e o cuidado de si e do outro. (Foucault, 1984). Neste mundo globalizado em que valores e respeito ao meio ambiente está ficando obsoleto, percebe-se que esta indiferença se dissemina nas crianças e adolescentes. Nota-se que muitas ainda não foram a uma praia.

O ambientalista e escritor Ailton Krenak, já há alguns anos vem travando uma verdadeira batalha em defesa do meio ambiente, da natureza e dos seres animais, minerais, vegetais e principalmente dos seres encantados que nela vivem, num pensamento de que nós somos natureza e a natureza somos nós, somos família, somos parentes, somos irmãos, a terra é nossa mãe. krenak já escreveu alguns livros buscando alertar todos nós, seres humanos, sobre a urgente necessidade de mudarmos nossos hábitos de destruição do nosso habitat, a nossa mãe terra.

[...] Todas as histórias antigas chamam a terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça beleza e fortuna. Veja-se uma imagem grega da deusa da prosperidade que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas a referência é de uma provedora maternal. (KRENAK, pág. 30, 2019)

Entre os livros de Ailton Krenak, “Como adiar o fim do Mundo”, tem a perspectiva de despertar uma consciência sobre a nossa vida na terra. O respeito às forças da natureza é preponderante em diversas religiões e em diversos povos. É fato que os povos indígenas cultuam a natureza como forma de vida e que para os povos de religiões matrizes africanas as forças da natureza estão completamente presentes. Na mitologia dos orixás, as divindades representam um fenômeno da natureza, suas matas, praias, rios e animais. A cada orixá é designado o divino em relação a sua natureza e arquétipo. Exemplo Oxum deusa e protetoras das águas doces que está nos rios e cachoeiras; Iemanjá deusa das águas do mar; Oxóssi protetor das florestas; Ogum

desbravador das matas; Ossain protetor das ervas de cura; Iansã deusa dos raios e trovões e muitos outros. E esse respeito as divindades da natureza também está presente nas mitologias Gregas.

Muitas crianças não respeitam e conseqüentemente não cuidam da natureza pela falta de contato, por não a conhecer de verdade. As referências que às acompanham pela vida como pais, família, amigos, geralmente não têm a consciência de que uma grande parte da responsabilidade sobre o futuro do meio ambiente está nas suas mãos. Existem crianças que nunca foram nunca foram a uma praia, e não conhecem a beleza de uma cachoeira. Nunca foram num parque gramado, rodeado por inúmeras variedades de árvores. Possível dizer, ironicamente, que acreditam que o leite brota da caixinha. Crianças que vivem em um mundo frio de casas em cima de casas e que malmente tem um vasinho com plantas na frente da casa. Até nas novas construções das escolas não têm espaço para natureza viva. A escola que leciono está reformando e por pouco não derrubam uma árvore de Pau-Brasil, uma total falta de sensibilidade por parte dos engenheiros. É nosso dever ajudar esses pequenos, que futuramente serão os adultos, a desde sempre cuidar de preservar a vida. E a única forma de preservar realmente a vida é preservando a natureza, o lugar que habitamos.

[...] E nossas crianças desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulados do que um consumidor. São adulados a ponto de ficarem imbecís, babando. Então para que ser cidadãos? Para que possa ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma forma consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiencia de viver numa terra cheia de sentidos, numa plataforma para diferentes cosmovisões. (KRENAK, pág. 12, 2019)

As crianças precisam experienciar a natureza de uma forma real, vivida, para fortalecer o seu entendimento sobre sua relevância em todos os sentidos da vida do ser humano. Como tenho afirmado, crianças que nunca viram uma horta, que nunca viram um pomar, ou pegou uma fruta do pé, que nunca pescou, nunca esteve perto de um rio, ficam fortemente insensíveis a simples diálogos ou somente imagens de fotografias, que são interessantes, mas só isso não basta. Só isso não mexe com seu interior, seus sentidos mais internos.

## **5. A farda**

[...] Porque a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir. (ECO, 1982, pág. 17)

Na escola pública existe um traje de certa forma limitante que a farda (calça jeans, camisa de malha de algodão e tênis). A rede municipal atualmente adota a calça tergal folgadinha, com elástico na cintura, mas a maioria das crianças não usam, não gostam. Importante frisar que dada a riqueza de diversidade de termos, dialetos sotaques no nosso país, em muitos estados e cidades, farda também é definido como uniforme ou uniforme escolar. Em Salvador o termo farda é o mais comum.

O que vem ser a FARDA? Uma roupa que serve para ser utilizada para um determinado fim e representar um grupo. A farda surgiu juntamente com o exército de guerreiros da antiguidade e Grécia, Roma e china já usavam um uniforme para identificar os seus guerreiros. Ao observarmos em livros de histórias e em filmes épicos reconhecemos as “fardas”. Atualmente, a farda é utilizada como traje de trabalho, escolar, prisional e em muitos outros ambientes com padronizador, identificador de uma marca, de uma empresa, de um governo por exemplo. Na farda são usadas as cores e símbolos pensados criteriosamente para caracterizar um setor ou uma marca.

Inúmeros profissionais usam fardas como: enfermeiros, policiais, motoristas, esportistas, jogadores de futebol, artista marciais como karaté, hap-ki-do, nas aulas de ballet, capoeira... Usam-se fardas para organizar e padronizar certos grupos e assim destacando-os dos demais. O que seria o hábito das freiras e monges, senão fardas? Podemos ter orgulho ou vergonha de nossas fardas, de nossas etiquetas sociais. Usar a farda com prazer ou apenas como obrigação, para cada caso um sentimento diferente.

É certo que uma roupa é também parte do espaço do corpo e ela institui à criança, estudante ou qualquer pessoa uma identidade e um pertencimento que pode até ser abordado de maneira positiva ou negativa dependendo muito do contexto. A roupa escolhida por uma determinada pessoa transmite uma imagem, uma ideia do que esta pessoa quer comunicar sobre si mesma em sentimento e emoção, sendo muitas vezes utilizado de forma inconsciente sobre suas intenções e significados. Isso é reforçado nos estudos de PINKER (2004) quando ele afirma que um ser humano não é uma Tábula Rasa e que seus instintos, natureza, temperamentos, talentos vêm impregnados no corpo, no eu, e que não é só a genética e o ambiente faz o homem ser quem é. E o que vem no corpo traz em si uma história, uma vida. O corpo é a representação dele mesmo, por si só comunica e diz o que é e quem é.

Em todas as vezes em que fiz o curso da dança de Isadora Duncan o uso das túnicas era imprescindível e é sabido que muitos cursos por aí a fora, ainda é desse jeito. Todos os alunos e

alunas usavam e sempre oferecem túnicas sobressalentes, para os desavisados. A argumentação é de que ao usar a túnica há a possibilidade de uma sensação de liberdade, um poder para soltar os movimentos, um desejo de criar, um sentimento bom. “Sentir-se Isadora”. A metáfora “sentir-se Isadora” é um procedimento bastante mobilizador, seja qual for o gênero da criança (RENGEL, 2012). É um vestuário que transmite uma reverência uma sacralidade, quando se coloca a túnica algo especial acontece, um empoderamento dá um sentimento que vai poder até voar dançando. Neste momento percebo que a túnica de Isadora também está determinada como uma roupa necessária para esta aula, como se sem ela a dança não seria possível. Claro que tudo isso parte do psicológico, mas vale muito para reflexão. Quando os alunos se deslocam em algum espaço dedicado a dança utilizando as túnicas já são identificados como alunos da técnica de Isadora. Portanto, por este olhar, a túnica também pode ser designada como uma farda.

Apesar de todo preconceito gerado em torno da farda, muitas vezes, usam-nas sem perceber e isso não determina o caráter de uma pessoa apenas indica em que coletivo se agrupa. É apenas uma forma de identificação de lugar, grupo, pensamentos, modo de vida.

É perceptível, portanto, vislumbrar o quanto a humanidade é cíclica. Mudam-se os tempos mudam-se os personagens, mas a essência é sempre a mesma. A busca por identifica-se em um contexto de igualdade permanece inalterada. (BORGES, pág. 329, 2015)

A questão da farda é algo preponderante em todo ambiente escolar. Em geral, como foi dito anteriormente, calça azul ou jeans e camisa branca de malha de algodão. A dança de Isadora no contexto em que está sendo inserida, escola pública da rede municipal de Salvador, escola Municipal fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana, num bairro de periferia, tem que se ressignificar. É um novo momento, novos corpos, corpos na sua maioria negros, com outra pulsação, híbrido de informações e com suas histórias que devem ser absorvidas e respeitadas. Usando uma vestimenta bem distante do ideal criado por Duncan, as túnicas esvoaçantes inspirada nas estátuas gregas, objetivando trazer a sensação de liberdade e leveza para os movimentos da dança, terão sensações que virão por outro viés, por outros estímulos.

[...] Idealisticamente, pretende-se imprimir nos alunos de dança um significado da sua vivência, conduzi-los criativamente e com liberdade aos processos pessoais, sociais e produtivos, a fim de contribuir para desenvolver em paz, harmonia e solidariedade; lidar com o confronto de alteridades e valorizar a diversidade, desenvolvendo ainda um aprendizado contínuo, de realização e visão perspectiva de futuro, em busca de uma atuação participativa em sua comunidade, contribuindo para uma desejável transformação social. (ROBATO, pág. 61, 2012)



É certo que uma dança se ressignifica com diversas variantes. Nem todos que dançam a mesma coreografia a dançam do mesmo jeito. São corpos diferentes que trazem histórias que a diferenciam do outro em contextos, culturas, sentimentos. O lugar, os ambientes também dão outro sentido a dança assim como e principalmente o vestuário. Um figurino diz muita coisa, comunica, expressa e interpreta o movimento.

Não quero aqui criar polêmica e sim provocar uma reflexão. É fato que introduzir o uso das túnicas nas aulas baseadas na dança de Isadora Duncan, na escola pública municipal fazenda grande 2, seria muito complicado, por falta de recursos e até entendimento desta necessidade.

Importante, simplesmente é apontar que mesmo com o uniforme escolar, a criança poderá experienciar uma dança que busca pelo sensível, pelo cuidado de si e o cuidado com o outro e com percepção e sensibilização sobre a importância em preservar e cuidar da natureza. Estar com esta farda, para esta dança, não é o ideal, mas é possível. Não importa o que venha a vestir, o importante é transmitir uma comunicação corporal sensível.

Há muitos modos de estudos da farda, aqui abordo um traje que tem uma longa história no tempo, como guerreiros de exércitos da antiguidade, por exemplo. Uma roupa é também parte do espaço do corpo e ela institui à criança, estudante ou qualquer pessoa uma identidade que pode ser pessoal ou simplesmente de um grupo ao qual faz parte. A roupa escolhida por uma determinada pessoa transmite uma imagem, uma ideia do que esta pessoa quer comunicar sobre si mesma. Para dançar é necessário o corpo que quer se expressar, independente do traje ou figurino que o cobre. Podemos dizer muito com o movimento e com a energia pulsante que sai brilhando por entre os poros. Quando digo que Isadora veste Farda, quero aqui dizer que a dança de Isadora Duncan vai ser realizada com outra vestimenta, a da escola, e não com as túnicas. Mas Isadora vai estar presente.

Simone Lisete Santos Gomes.  
PRODAN-UFBA  
Lisetesimone2@hotmail.com

Professora da Rede Municipal de Ensino de Salvador, pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança, especialista em Metodologia do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel  
PRODAN-UFBA  
lenira@rengel.pro.br

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Dança. Professora dos Cursos de Mestrado e Doutorado Acadêmico e Mestrado Profissional em Dança. Líder do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças. Tem ações de pesquisa em modos de cognição situada no contexto do ensino/aprendizagem de Dança.

## CONGRESSO VIRTUAL DA UFBA 2020

### **Apresentação do pôster**

Com o Memorial da Escola de Dança onde trouxeram os nossos mestres: Lia Robatto, Dulce Aquino e Clayde Morgan em um momento extraordinário de narrativas e aprendizados. As mesas em que professores e alunos apresentaram temas riquíssimos. Alguns temas lembrados:

O PAPEL DA DANÇA NOS TEMPOS DE AGORA

QUE DANÇA PARA O MUNDO? – Helena Kats, Gilsamara Moura, Marcia Mingnac, Iara Cerqueira

DANÇA – ARTE E DESAFIOS – Rita Aquino, Beth Rangel

DANÇA EM MUITOS CONTEXTOS EDUCACIONAIS: PRÁTICAS SENSÍVEIS DO MOVIMENTO – Lenira Rengel

ABORDAGENS SOBRE O PRODAN – Rita Aquino, Beth Rangel, Daniela Guimarães  
A LEI 10.639

ARQUITETURA DO TERREIRO – Sônia Silva

## V SEMINÁRIOS CORPOCONNECTIVOS - 2020

### **ROTEIRO DA MESA DIRIGIDA POR SIMONE LISETE E MESTRE ZAMBI**

ABERTURA COM A MÚSICA – LADY RAP: Mulheres Pretas -“Povo do sol origem de tudo, continente africano começo do mundo, sabedoria de vida passada e mantida, luta com dignidade em nobres assistidas, começa com quem ao certo não sei, histórias e contos, lendas talvez”

Simone Lisete Santos Gomes

Educadora, dançarina, professora de dança, pós-graduada em estudos contemporâneos em dança, especialista em metodologia do ensino da história e cultura afro brasileira, mestranda do mestrado

profissional em dança – orientanda da professora dra. Lenira Rengel. Sou negra, gordinha, 1.56 de altura, estou usando óculos cabelos bem curtos castanho escuro.

## **APRESENTAÇÃO**

Começo saudando os meus nossos ancestrais que vieram e guerrearam por todos nós, para as conquistas e por tudo o que ainda iremos conquistar:

MÃE MENINHA DO GANTOIS (fez com que o candomblé fosse conhecido e respeitado por intelectuais e políticos).

MÃE STELA DE OXOSSI - escritora, academia de letras, título de honoris causa

MAKOTA VALDINA - educadora, escritora, porta voz das religiões da matriz africana, defensora dos direitos das mulheres e do meio ambiente

NADIR NÓBREGA - Professora Dr.<sup>a</sup>, dançarina escritora

VANDA MACHADO – Dr.<sup>a</sup>. Professora e escritora

JORGE PORTUGAL- professor, compositor

JAIME SODRE - DR. Historiador e professor da História da África e Cultura afro brasileira, músico

KATERINE JONHSON (1918) – cientista Americana da Nasa

MACHADO DE ASSIS (1839 – 1908) jornalista, escritor, poeta

ANDRÉ REBOUÇAS 1838 – 1898) engenheiro ativista

NILO PEÇANHA (1867 -1924) primeiro presidente do Brasil afro-brasileiro substituindo Afonso Pena e em um ano de governo criou ministério da agricultura comércio e indústria o serviço de proteção aos índios antecedendo a Funai e inaugurou a primeira escola de ensino técnico do Brasil. Foi Governador do Rio de Janeiro por duas vezes, Senador e Ministros das Relações Internacionais.

CONCEIÇÃO EVARISTO - escritora

MUNIZ SODRÉ - Professor, doutor, escritor

ABDIAS DO NASCIMENTO (1914 – 2011). Fundou o Teatro Experimental Negro, se dedicou a pesquisa e divulgação da história da África, além de artista plástico foi professor universitário deputado e senador

MESTRE DIDI – (1917 – 2013) escritor, escultor. Fundador da Sociedade de Estudos da cultura Negra no Brasil

Blocos afro ILÊ AIÊ promove estudos sobre a política e cultura africana

BLOCO OLODUN

MALÉ DE BALÊ

ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Foram muitos nomes que marcaram nossa estória com seus conhecimentos. Isso meu muito orgulho. Mas infelizmente tive que selecionar alguns devido ao tempo.

1. APRESENTO DO CURRÍCULO DO MESTRE ZAMBI
2. Apresenta os inscritos
3. Discussões e debates

Conclusão:

Como é potente poder escrever sobre nossa história e rever fatos e momentos que aconteceram tanto na vida pessoal como e principalmente na vida acadêmica. Só assim podemos perceber o quanto é rica nossa vida e tudo o que fazemos por nossos caminhos. Desde nossa infância até a vida adulta e profissional e descobrir o quanto amo a minha profissão, a profissão que o universo escolheu para mim: ser professora. Ensinar, orientar, conduzir, dividir do que eu sei, com amor e paixão. A paixão por ensinar, por coreografar, por ver uma criança dançando, expressando o seu mais puro movimento, espontâneo e natural.

É uma missão e eu quero seguir, sempre esse caminho que a vida me ofereceu. Graças a Deus eu não desisti e mesmo com passos lentos continuei a caminhada, mesmo caindo, mesmo errando, mesmo repetindo estou conseguindo passar por mais uma fase, subindo mais um degrau para mais conhecimento e continuação de um estudo que sempre continuará.

Vamos seguindo...

### 3 MEMORIAL DESCRITIVO E CRÍTICO-ANALÍTICO DO PERCURSO ACADÊMICO

#### A DANÇA: DO EU MENININHA ATÉ O EU ADULTA/PROFISSIONAL

Venho de uma família pequena, pai (Edson Reis de Souza Gomes), mãe (Raimunda Lizete Santos Gomes) e mais uma irmã e um irmão. Sou a filha mais velha. Nasci e cresci em comunidades de periferia, por isso tínhamos dificuldades, mas eu não as percebia porque a minha mãe fazia da alimentação um momento de felicidade e de muita gratidão. Por toda minha infância e juventude, fui agraciada por bons amigos, bons vizinhos e anjos que sempre me orientaram pela caminhada.

Desde os seis anos, eu já dançava para família e para os amigos de meu pai; eu era a sambista do papai. Amo samba, mas outras músicas me estimularam a dançar, aquelas que me tocavam de algum modo sensorialmente e também me faziam refletir. Dançar era parte de mim, mas sempre escutava de alguém: “Para com esta maluquice” ou “Para de se amostrar”. Contudo, fui atrás dos meus sonhos, tentando não dar atenção às críticas. Na varanda da minha casa, eu dançava, improvisando, sem me importar com quem olhasse. Muitos dos vizinhos me admiravam e mandavam as filhas ficarem comigo, então eu ensinava a minha dança para elas. Quando contei esta parte de minhas histórias para a minha professora Dulce Aquino (na aula de prática de ensino), ela me disse que parecia com a história de Isadora Duncan e que eu deveria ler a sua biografia. Foi uma leitura que me deixou muito emocionada e encantada.

No início da adolescência, dançava em todos os eventos escolares e nas festas. Era baliza dos desfiles das datas cívicas e me tornei conhecida como a bailarina do bairro.

Desde muito cedo, dava aulas para minhas colegas, criava dancinhas para apresentar nas escolas e no Centro Social Urbano (CSU) do bairro de Castelo Branco (espaço de convivência onde se promovia a prática das artes, esportes e bibliotecas); além disso, me apresentava em festas de aniversário.

**Figura 5 – Baliza**

Fonte: Acervo pessoal (1987).

Em fevereiro de 1978, um professor de ballet clássico passou a ministrar aulas no Centro Social Urbano. Eu ficava sentadinha no canto assistindo às aulas, até que esse professor, Dino Geovane, deu-me uma bolsa de estudos. Com o tempo, eu me destaquei nas aulas, fazendo solos nas apresentações do ballet, ensaiando as colegas e até mesmo substituindo o professor quando ele viajava. Interessante que as colegas me respeitavam e obedeciam. Hoje concluo que o professor confiava muito em mim, visto que eu era muito novinha, deveria ter apenas uns doze anos nesse período.

Aos dezesseis anos, participei de um grupo Folclórico que na época não tinha nome e mais tarde passou a chamar-se Grupo Airys Dance. Tornei-me diretora e coreógrafa do grupo em um tempo breve. Preparava o grupo para concursos de dança em grupo e apresentações em programas de televisão. Foi em um concurso de dança, promovido pela Fundação Cultural do Estado da Bahia/FUNCEB, que me destaquei como dançarina. Assim ganhei uma bolsa de estudos para ingressar na Escola de Dança da FUNCEB.

**Figura 6** – Abre alas do desfile cívico



Fonte: Acervo pessoal (1983).

**Figura 7** – Estágio de Magistério na Escola Prof. Roberto Santos



Fonte: Acervo pessoal (1985).

Meu desejo, no ensino médio, sempre foi fazer o curso de Desportos ou Educação Física, por acreditar que estaria estudando algo que se aproximaria mais para minha formação em Dança. Contudo, por não achar vagas, fui matriculada, por minha mãe, no curso de Magistério e confesso

que gostei muito. Em quase todas as disciplinas, eu poderia apresentar minha arte nos trabalhos propostos pelos professores. Foi nesse curso que aprendi sobre didática, planejamento de ensino e principalmente me apaixonei, e estou apaixonada até hoje, pelo ato de ensinar, de partilhar conhecimentos.

Perceber que a educação seria a maneira mais adequada para orientar crianças e jovens pelo caminho do conhecimento, valores, respeito e o despertar da sensibilidade fez com que eu acreditasse que a arte caminhava concomitante e que seria um alicerce para resultados pertinentes à formação de cidadãos conscientes. Na verdade, nunca pensei em ser professora, já tinha determinado para minha vida o caminho da dança apenas como dançarina. Porém, o magistério me ensinou a compartilhar conhecimento, a ensinar, a passar adiante tudo que eu aprendia, a multiplicar a minha dança. Ver e admirar outros e outras na expressão da sua dança é lindo e muito gratificante para quem ama a arte.

**Figura 8** – A Escola de Dança da FUNCEB



Fonte: Acervo pessoal (1994).



A Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia foi criada em Salvador no ano de 1984. O projeto foi idealizado pela coreógrafa Lia Robatto e por um grupo de professores e dançarinos profissionais sensibilizados pelo potencial de crianças e jovens que não podiam cursar Dança em academias particulares. A Escola de Dança foi pioneira em escola profissionalizante de dança do Norte-Nordeste, na rede estadual de ensino público, e iniciou suas atividades oferecendo cursos de Dança alunos de baixa renda. Os alunos escolhiam uma das modalidades de dança para fazer aulas (dança moderna, ballet).

Em 1988 foi criado o curso profissionalizante, nível médio, com habilitações em Técnico de Recreação Coreográfica Infanto-Juvenil e Dançarino profissional. Nesse mesmo período, o curso preparatório, regular, passou a ter três modalidades de dança obrigatórias: Ballet Clássico, Dança Moderna e Dança Popular Regional, com isso os alunos deveriam cursar as três aulas no dia, duas vezes por semana.

No ano de 1986, quando entrei na escola, escolhi fazer Dança Moderna I, com a professora Virgínia Chaves e, em seguida, Dança Moderna II, com a professora Sônia Gonçalves. Incentivada pela professora Sônia, fiz o teste para participar da primeira turma do curso Profissionalizante em Dança.

A Escola de Dança da FUNCEB promovia concursos de dança em grupo, e escolhia de cada um, dançarinos a fim de ganhassem bolsas de estudos para entrar na escola. Foi nessa época, em 1986, que ganhei a bolsa, entrei na escola e fiquei como aluna por sete anos e como professora por mais de vinte e quatro anos.

No segundo grau escolar, conforme já pontuei, cursei o Magistério na Escola Edvaldo Brandão Correia. Ainda que, no início fosse apenas por falta de opção de outro curso, percebi, felizmente, que o Magistério ajudaria muito na minha formação como professora de dança. Em todas as atividades das disciplinas, a dança estava presente. Eu misturava dança, interpretação e música. Participava do coral, de tudo que a escola oferecia em termos de artes e também desfilava como baliza. Eu percebia o carinho dos professores por mim.

Entre os dezessete e os vinte anos, participei de um grupo de samba (Sambalanço) como cantora e sambista, de grupos de dança, no estilo jazz (Airys Dance), de grupos folclóricos (Omi Dudu) e fiz algumas participações no Balé Folclórico da Bahia. Fazia também solos de ballet a partir de improvisações.

**Figura 9** – Solo de Capoeira

Fonte: Acervo pessoal (1996).

Depois da minha entrada na Escola de Dança da FUNCEB, muitas portas se abriram e descobri o mundo da Dança como profissão. No começo, eu fazia apenas aulas de dança moderna com as professoras Virgínia Chaves e em seguida com a professora Sônia Gonçalves que (como dito anteriormente) me indicou fazer o primeiro Curso Profissionalizante em Dança do Nordeste. No período do curso, surgiram muitas oportunidades. Como aluna da Escola de Dança da FUNCEB, participei de concursos internos de coreografia; ganhei um desses concursos, em 1991, com a coreografia A Feira, em primeiro lugar. Em 1992, com a coreografia Gari, ganhei o terceiro lugar. Em 1993, com Estereótipo, ganhei o primeiro lugar. Com o trabalho O nome da rosa, em 1993, recebi o prêmio honorífico.

Em 1993, fui aprovada no concurso público para trabalhar como professora de Dança e atuei por quase um ano no Centro Cultural da cidade de Catu, todavia, resolvi sair para cursar Licenciatura em Dança, na Universidade Federal da Bahia.

No período de maio 1994 a março de 1995, dancei para vários coreógrafos e muitos grupos. Paco Gomes<sup>13</sup> foi meu professor de Dança moderna. Ele me ensinou elementos da técnica de

---

13 Mundialmente conhecido, Ademir Gomes de Jesus, é bailarino, coreógrafo, músico, professor de dança internacionalmente conhecido. Estudou danças folclóricas e religiosas desde a infância. Formou-se em Dança pela UFBA e especializou-se em Dança Educação na UNEB. Foi professor da Escola de Dança da Funceb. Há alguns anos, viaja por cidades do Brasil e do mundo ensinando seu método de Dança GriotLab. “Durante minha vida como professor de dança moderna (uma fusão de escolas americanas), tive a chance de encontrar corpos especiais que provavam

Martha Graham e com ele dancei o Espetáculo Uma saída Inclusive eu sou referência e citada em suas aulas. O coreógrafo Jorge Silva<sup>14</sup> me convidou para participar de várias produções, como Estado de sítio e Origens, e um espetáculo que falava de várias vertentes da dança brasileira contemporânea, como frevo, xaxado, danças praianas, samba, que apresentávamos em um *resorts* em Praia do Forte-BA nos anos de 1991 e 1992. A professora Virgínia Luz<sup>15</sup> montou um musical intitulado “Vem cá Bahia tem”, em 1988, e ficamos em cartaz no Teatro Gregório de Matos. Com Belly Barbosa<sup>16</sup>, do Grupo Dibelle, montamos um espetáculo em 1989. Com o Grupo África Poesia, tendo Armando Pequeno<sup>17</sup> como diretor e coreógrafo, o trabalho teve como base elementos da religião afro-brasileira. Entre 1990 e 1991, dançamos no Espaço Xis (local renomado e de histórico democrático de cultura e arte em Salvador).

**Figura 10** – Grupo África Poesia – Coreografia as Iabás



Fonte: Acervo pessoal (1990).

---

algumas das minhas teses na época, teses essas que tentavam desconstruir a ideia de corpo em dança, em aula e em performances, essa figura me provou que o corpo ideal é aquele que trabalha em busca das metas e que entende e respeita os segredos das ferramentas do movimento. Simone saiba que mais do que aprendeu comigo, você é prova que esse aprendizado funciona. Gratidão por seu tempo e confiança”. (Paco Gomes, em depoimento).

14 Dançarino, coreógrafo, autodidata, diretor da Cia Jorge Silva de Dança, reconhecido na Bahia e no Brasil por seu grandioso trabalho. Foi coreógrafo de várias bandas e cantores famosos.

15 Licenciada em Dança pela UFBA, dançarina e cantora.

16 Dançarina, professora de ballet e diretora do grupo Dibelle.

17 Dançarino e professor de dança. Fez parte do Ballet do Teatro Castro Alves, criador do Grupo África Poesia e atualmente dança na França.

Trabalhei também com o Balé Apsaras, com a diretora e coreógrafa Maria Paula Costa Rego<sup>18</sup>. O espetáculo foi O Reino do Sol. Tratava da cultura pernambucana e tinha como base coreográfica as danças do maracatu rural o reisado e o frevo.

Minha participação em bandas de música (Banda Mel referência no final dos anos 80 com o Axé Music) e Banda Elite, em 1991, foi apenas como dançarina; já com a Banda Odara (banda que cantava diversos estilos como samba, MPB, Reggae, Axé), entre 1993 e 1994, eu dançava e cantava. Fiz algumas participações no Balé Folclórico da Bahia, nos anos de 1992 a 1994, como convidada para ampliação do elenco, quando precisavam de dançarinos para grandes projetos.

No Grupo Filó Bonecos & Cia de Teresa Oliveira, participei por mais de dez anos, de 1987 a 1993 e de 2000 a 2005. Nesse grupo fazíamos trabalhos de teatro, dança e música; recreação e brincadeiras com as crianças, em festas de aniversários e em eventos, como feiras e confraternizações, assim como em espaços para eventos, tais como o Aeroclube de Salvador, e em muitas empresas particulares.

Também trabalhei com eventos para o governo do Estado da Bahia, como Pelourinho Dia e Noite, Carnaval no Pelô, Primavera no Pelô, São João no Pelô, Natal no Pelô. E ainda com muitas peças de teatro infantil, a exemplo do Sítio do Pica-pau Amarelo, A procura do Ovo da Páscoa, O Cordel do Amor, e muitas outras produções. No grupo Filó, eu também produzia as coreografias dos musicais de peças de teatro infantil.

**Figura 11** – Palhaço Fofão do Grupo Filó Brincantes



Fonte: Acrevo pessoal (2013).

---

18 Ex-dançarina do Balé Popular de Recife, professora de dança, especialista em coreografia pela UFBA.

Fui Coreografa do abre Alas da Caminhada Axé de 1995 a 1998 e de 2000 e 2002, a convite de Teresa Oliveira<sup>19</sup>.

No Curso Profissionalizante em Dança, eu fiz dois cursos: Dançarino Profissional, com duração de três anos, e Técnico em Dança (curso para professor de crianças infantojuvenil) por mais dois anos. Foi nesse período que decidi ser professora de balé infantil, percebi que não havia negras ocupando esse lugar, visto que minhas colegas negras ingressavam para serem professoras de dança afro, logo; logo, eu queria fazer a diferença. Notei então que meus sonhos estavam se realizando e eu já sabia que seria professora da Escola. De repente fui convidada para acompanhar uma turma de ginástica de solo com a professora Cássia Marcondes, trabalhando a expressividade e a leveza dos movimentos da Dança. Seria por apenas três meses, uma espécie de estágio; porém, passei de estagiária para professora de outras turmas, e assim se passaram vinte e quatro anos.

Em 1995 ingressei na Universidade Federal da Bahia para cursar Licenciatura em Dança, depois de dias de audições para a seleção, certa de que iria ser o momento de novas descobertas e de muitas dificuldades, que foram superadas.

Na Faculdade, cursei várias disciplinas apaixonantes, como composição solística e coreografia em grupo. Frequentei muitas aulas de técnica de Dança Moderna, Ballet Clássico e Dança Folclórica. Estudos do movimento, Cinesiologia, História da dança, Improvisação, Rítmica Música e tive convivência com muitos outros professores que só vieram a contribuir grandemente para minha formação. A eles todo meu respeito e reverência.

Saliento ainda que, no período da faculdade, eu participei de um espetáculo que ficou, por dois anos, em cartaz e em vários teatros: As mulheres dos Deuses, do projeto Alforria, sob a direção de Lícia Moraes<sup>20</sup>.

---

19 Teresa Oliveira é mestra em Arte Educação, professora de Dança da Funceb há mais de trinta anos. Coordenadora da caminhada Axé, criadora do Grupo Filó Bonecos & Cia.

20 Professora Doutora, dançarina do BTCA aposentada. Coreografa e diretora do espetáculo As mulheres dos Deuses.

Figura 12 – Cartazes de divulgação do espetáculo As mulheres dos Deuses

Salvador - Bahia **ALFORRIA** 09/11/98  
*Projeto das Mulheres dos Deuses*

## As Mulheres dos Deuses

**Força, Transe e Paixão**

*O Projeto Alforria pretende, mediante pesquisas históricas e culturais, resgatar alguns fatos - como a presença da mulher negra na história das lutas e da resistência à escravidão - dando-lhes um tratamento distinto dos usuais nos trabalhos de temática afro-brasileira, como projeção contemporânea, através da Dança-Teatro.*

O espetáculo procura dar visibilidade à vertente negra da cultura brasileira, através de interpretações simbólicas da atividade feminina negra, em determinada época do Brasil. A referência principal é Laitia Mabim, mãe do abolicionista Luiz Gama e uma das mulheres hoje "reverenciadas" como símbolo de luta e resistência.

Neste trabalho pretende-se fazer, a partir dos pequenos registros encontrados na bibliografia sobre os negros no Brasil, uma apresentação da vida e do papel das mulheres negras, não apenas no seu quotidiano, no âmbito da vida a dia, mas também enquanto sacerdotisas, guardiãs da força, do saber e do poder dos orixás. Da sua participação na resistência da África recriada dos quilombos, quando forneceram a

retaguarda e o apoio a seus guerreiros, senando a vida e os alimentos. Detentoras de uma cultura de diáspora, guardaram e guardam gestos, cantos, danças, jogos, e, sobretudo, a fé, a fé no orixá.

O título - As mulheres dos Deuses - faz uma alusão às sacerdotisas negras da religião afro-brasileira, que recebem em seus corpos os orixás, inquices, voduns vindo de África. "Nelas curram os deuses, e nelas dança m. Das mãos da sacerdotisa possuída o povo recebe alento e consolo, de suas bocas escuta as vozes do destino", no dizer de Eduardo Galvão. "Cabeça orgânica, língua balança, as sacerdotisas se movem como raias da criação"



## As Mulheres dos Deuses

**Força, Transe e Paixão**

**09 de novembro às 20hs**

**Espaço XIS Barris**

**Bahia 1998**

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO  
3º ENCONTRO DE CAPACITAÇÃO DOS  
DOCENTES COORDENADORES  
PROFISSIONAL CONTEXTUALIZADA

**Ficha técnica**

**Direção Geral:** Carlos Ramón / Lúcia Mornis  
**Direção Coreográfica:** Lúcia Mornis  
**Dramaturgia e Roteiro:** Carlos Ramón

**Danças:** Ava Avacó, Célia Carvalho, Iabel Oliveira, Nélia Montanari, Rogadilla Santos, Simone Lisete, Zaila Cassiano Amade.

**Realização e montagem do cenário:** W. Elias Ygan.  
**Roteiro musical:** Carlos Ramón.  
**Acessoria Pedagógica:** Jaci Menezes

**Cabelos e maquiagem:** Verônica Ruggeri  
**Costurme:** Estelita Bispo, Tereza Santos.  
**Contraponte:** Vilma de Oliveira.

**Programação visual:** C.R. Sanchez  
**Fotografia:** Gildo Lima  
**Produção executiva:** Cronópios Promoções Culturais

**Roteiro**

0. Prólogo do Simbólico	4. Pela Alforria
1. As sementes da resistência	5. Força, Transe e Paixão
2. A força dos ancestrais	6. Mulheres Malês - 1835 (Silêncios resistência)
3. Fortalecimento do ritual	7. As mulheres dos deuses

**Música colagem:** Roteiro elaborado a partir de pesquisas musicais na atual produção de músicos e compositores africanos e afro-americanos.

**Duração do espetáculo:** 50 minutos

© Todos os direitos reservados. Este trabalho é propriedade intelectual do Projeto Alforria. É proibida a reprodução sem a autorização expressa do Projeto Alforria. Qualquer uso não autorizado é considerado crime. Projeto Alforria - Rua Francisco Manoel Leal, 295 - 2º andar - Bairro do Comércio - Salvador - Bahia - CEP: 41200-000 - Salvador - Bahia - Brasil - Brasil

**Promoção:** 

**Roteiro:** Carlos Ramón do Sacramento  
**Vício Dança:** Gaili Galvão de Almeida, Yvonne P. de Brito de Estimação  
**Coordenação:** Vilma de Oliveira

**Projeto ALFORRIA**  
ALFORRIA - Associação de Mulheres dos Deuses  
Rua Francisco Manoel Leal, 295 - 2º andar - Bairro do Comércio - Salvador - Bahia - CEP: 41200-000 - Salvador - Bahia - Brasil - Brasil

Fonte: Acervo Pessoal (1998).

## ISADORA EM MINHA VIDA

Eu sempre me vi professora de dança, mas a princípio escolhi o Ballet Clássico por achar que não deveria ser mais uma negra dando aulas de dança afro e que poderia abrir novos espaços como professora e como dançarina. Queria romper padrões. Então, fiz o curso da Royal Academy para ensinar ballet até o quinto grau e os cursos de dança moderna que a escola da FUNCEB oferecia para os professores. Foi, dessa forma, que descobri a dança de Isadora Duncan com a professora Fátima Suarez. Depois do curso, Fátima Suarez indicou três professores para ministrar as aulas de Isadora e eu fui uma das indicadas. Fui me aprimorando com Fátima Suarez e com Lori Berilove que vinha todos os anos desde 2008 para dar formação aos professores, na Escola Contemporânea de Dança, e posteriormente, na Jornada de Dança Bahia.

Em algumas visitas às minhas aulas na Escola de Dança da FUNCEB, Lori Berilove, respeitava e gostava da minha condução, do meu repertório musical e entendia as interferências que o local em que a Escola se instalava trazia para dança de Isadora: Pelourinho, percussão, energia, axé. Corpo de povo negro e miscigenado com heranças africanas marcantes.

**Figura 13** – A reverência à Natureza



Fonte: Acervo pessoal (1999).

Reverendo a Dança em minha vida, nunca tive problemas com técnicas. Sempre me adaptei a elas, sem muitas dificuldades para executá-las. As aulas de técnica de Martha Granham, de dança afro, e de Ballet, eu amava tudo!!! E me apaixonei por Isadora Duncan, sua história e seus repertórios de danças. Terminando a faculdade fiz especialização em Estudos Contemporâneos em Dança; pós-graduação em Metodologias do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Gestão Integrada à Educação, terminando este, em 2020.

Há quinze anos estou na Rede Municipal de Ensino de Salvador como professora de Dança e feliz por fazer o que amo. Trabalhar na rede municipal não é fácil, como venho apontando neste trabalho. A maioria dos professores passa por inúmeras dificuldades, que vão desde a estrutura física da escola até a questão sobre respeito e da valorização das aulas de arte. Como professora da Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana consegui produzir pequenos

espetáculos com os alunos e muitos processos de construção coreográfica de sucesso. As dificuldades não me impediram de fazer o meu trabalho.

A partir do dia 04 de outubro de 2021, estamos vivendo em um pequeno paraíso escolar. Em 2020, a escola entrou em reforma e depois de um ano e oito meses, a escola nos foi entregue com uma estrutura muito boa. Hoje temos sala de leitura, refeitório, sala de AEE, sala de vídeo, espaço para reuniões, quadra de esportes coberta, sala de artes e sala especialmente para Dança. Está tudo muito lindo!!!

## MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA

**Figura 14** – O agradecer



Fonte: Acervo pessoal (1999).

Momento ímpar na minha vida, fazer o Mestrado e principalmente na área em que eu escolhi desde sempre: a Dança. Rever os colegas, amigos e professores queridos e amados. Seleção, medo de não ser aceita, entrevistas, prova. Consegui. Gratidão. Estou aqui imensamente feliz por esse momento de aprendizado e conhecimento, percebendo o quanto era necessária esta fase de enriquecimento profissional. Demorou, mas sei que tudo acontece quando tem que acontecer. Entrei no Mestrado no momento certo e, principalmente, com a turma certa, a turma que iria me fazer sentir-se em casa, acolhida.



## Componentes Curriculares Obrigatórios

### **PRODAN - 0003-5763 - ABORDAGENS E ESTRATÉGIAS PARA PESQUISAS EM PROCESSOS EDUCACIONAIS EM DANÇA. 2020.1**

**Nota - 8,4**

Ementa: Apresentação de aspectos teórico-conceituais e metodológicos da prática profissional em processos educacionais em dança, considerando a abordagem e a estruturação de projetos profissionais, experiência de mediação educacional no campo da dança, e a realização das suas pesquisas, suas temáticas, objetivos e procedimentos de investigação em conexão aos aspectos prementes da atualidade social e inovação profissional.

Conteúdo: Exercícios de produção de escrita a partir de textos/Série de Webnários: políticas para dança e os impactos da pandemia/IV FÓRUM NEGRO DE ARTE E CULTURA/Elaboração de Marco teórico/ Elaboração dos aspectos metodológicos do projeto e Fichamento.

#### **Comentários sobre o componente curricular**

Componente apresentado por duas professoras dedicadas, acolhedoras e muito competentes. Contudo, o meu aproveitamento não foi o suficiente por eu não compreender plenamente as propostas das atividades. Além disso, não consegui adaptar-me à metodologia do uso de Webnários, e isso impediu que eu alcançasse um estudo mais aprofundado do componente curricular. A estratégia de dedicar o maior tempo das aulas para a exposição de relatos de experiência não se mostrou suficiente para o meu processo; deixou-me a impressão de que o conteúdo foi abordado de forma superficial.

**Figura 15** – Mapa do percurso de aprendizado e profissionalização do estudo da Dança



Fonte: Arquivo pessoal.

## ATIVIDADES DO COMPONENTE CURRICULAR

### Mapa do percurso de aprendizado e profissionalização do estudo da Dança

Referencial Teórico

Título do trabalho - Isadora Veste Farda

Conceito - educação libertadora

Autor - Paulo Freire

Referência - *Educação como Prática da liberdade* (2011)

Perspectiva explicativa - Paulo Freire se permite falar em liberdade, democracia e em justiça porque crê nestas palavras e no seu poder libertador.

Relação da perspectiva - Fortalece a ideia de Dança de Isadora Duncan, no contexto de liberdade de expressão e que a escola deve favorecer democraticamente esses princípios.

Conceito - Educação e limites

Autor - Içami Tiba

Referência – *Disciplina: limite na medida certa* (2006)

Perspectiva explicativa - O psiquiatra propõe que a base segura para educação saudável ainda está na disciplina. Não a da educação autoritária, que não mais serve aos nossos jovens, mas a disciplina da sociabilidade, fundamental para a organização de toda e qualquer pessoa, família grupo e sociedade.

Relação da perspectiva - Acredito que uma educação deve ser pautada na disciplina, pois, partindo dela, encandeiam-se o respeito, os deveres e os direitos que os jovens precisam observar. Temos que ter uma liberdade consciente e limitada, visto que não podemos fazer tudo simplesmente pelo prazer, sem pensar nas consequências de seus atos.

Conceito - Educação

Autor - Muniz Sodré

Referência - *Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes* (2012)

Perspectiva explicativa - Sodré dirige ao processo educacional um olhar transdisciplinar, buscando elucidar pontos problemáticos com argumentação filosófica, antropológica, sociológica e histórica.

Relação da perspectiva - Busco em Sodré conceitos sobre uma educação que visem conhecimentos sobre a natureza humana e sobre os aspectos sociológicos que aprofundem o entendimento de fatores e de ações do cotidiano.

Conceito - Antirracismo

Autora - Djamila Ribeiro

Referência - *Pequeno manual antirracista* (2019)

Perspectiva explicativa - O livro trata de temas como racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos. A autora apresenta caminhos para a reflexão, que queiram aprofundar sua percepção sobre discriminações racistas estruturais e assumir a responsabilidade pelas transformações e os estados das coisas.

Relação da perspectiva - O projeto acontece num bairro de periferia, onde predominam pessoas negras, pardas, pretas, que comumente sofrem com preconceitos e discriminações no cotidiano, principalmente no dia a dia das escolas públicas.

Conceito - Dança educação

Autora - Lia Robatto

Referência - *Dança como via privilegiada da educação: relato de uma experiência* (2012)

Perspectiva explicativa - Nesse livro, Lia propõe levantar conteúdos programáticos e processos sistêmicos de produção de conhecimentos, observando como se dá a arte educação em construção, suas vantagens e limitações, objetivando uma sistematização e aperfeiçoamento da metodologia de ensino da dança.

Relação da perspectiva - Esse livro corrobora o projeto de estudo, visto que segue a mesma linha sobre relatos de experiência a respeito da dança e da educação, que proponho abordar no mestrado.

Conceito - Dança educação

Autora - Isabel Marques

Referência - *Linguagem da Dança: arte e ensino* (2010)

Perspectiva explicativa - Encontramos de forma clara e ampla a proposta metodológica da Dança no contexto, desenvolvida pela autora desde 1996, sistematizada nesse livro.

Relação da perspectiva - As obras de Isabel Marques dão um embasamento teórico muito pertinente para o professor que trabalha com Dança na escola. Esse livro aborda a linguagem da dança como relevância nos processos educacionais, a qual eu estou propondo no meu trabalho como pesquisadora.

Conceito - Biografia

Autor - Peter Kurt/Maurice Lever

Referência - *Isadora uma vida sensacional/Isadora*

Perspectiva explica - Duncan teve sua vida narrada em inúmeras biografias e filmes, e ficou conhecida como a percussora da dança moderna. Peter Kurt organizou vasto material sobre esse mito da cultura contemporânea de forma cronológica e coerente, expondo diversos aspectos da sua trajetória.

Relação da perspectiva - Não tem como falar de Isadora Duncan sem estudar a sua biografia a fim de saber acerca de sua dança, sua inspiração para coreografar e seu método de ensino, uma vez que desde a infância já ela ensinava sua dança para outras crianças. Esse livro fundamenta o respaldo necessário para as informações que pretendo destacar no relatório final.

Conceito - Cuidar de si

Autor - Michel Foucault

Referência - *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política* (1984)

Perspectiva explicativa - O texto fala sobre a questão do cuidar de si, na visão da Roma antiga, fazendo uma relação com os dias atuais.

Relação da perspectiva - Na minha pesquisa, reforço a necessidade de conscientizar as crianças sobre o cuidado de si e dos outros e Foucault, nos seus textos, evidencia esta reflexão.

Conceito - Farda

Autora - Karin Costa

Referência - *Quando o uniforme escolar não é o limite. Possibilidades de pertencimento e de transformações* (2014)

Perspectiva explicativa - O texto faz um estudo histórico sobre o fardamento e o uniforme escolar e a sua colaboração na organização da educação

Relação da perspectiva - Essa monografia colabora diretamente com o tema do estudo no sentido de fornecer uma explicação mais ampliada a respeito da farda e de sua finalidade no cotidiano da vida escolar.

Autor - Umberto Eco

Referência - *A psicologia do vestir* (1982).

Perspectiva explicativa - O autor faz uma reflexão sobre a vestimenta e a relação com o pensamento do ser humano e sua relação com a vida.

### Atividade sobre metodologia

Título do trabalho: Isadora Veste Farda

Palavras-chave: dança, escola, farda, cuidar de si, natureza.

Justificativa: Percebendo, nos alunos da Escola Municipal Fazenda Grande 2, um comportamento agressivo e violento com os colegas, o descuido com o ambiente da escola e seu entorno – riscando paredes e móveis –, o descuido com os materiais escolares e o hábito de jogar lixo no chão da escola

e nas ruas, prejudicando o meio ambiente e, conseqüentemente, o fluxo da natureza, busquei a filosofia e a dança de Isadora Duncan para sensibilizar as crianças sobre seu papel no mundo e a valorização da natureza.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

Este projeto tem como objetivo descrever processos pedagógicos em aula de dança, com crianças de uma escola pública, a Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana, localizada no bairro de Cajazeiras, periferia de Salvador.

Será adotada a abordagem qualitativa, com natureza metodológica básica. Será uma pesquisa ação, como forma de relato de experiência, utilizando a prática como pesquisa no fazer educativo em aula de dança.

O produto final resultará em um artigo, no qual será relatado todo o processo apresentado durante o ano letivo, as conseqüências do uso da técnica utilizada sobre filosofia da dança de Isadora Duncan, os reflexos dessa metodologia observados nas ações e comportamentos das crianças. Salienta-se que, infelizmente, com o surgimento da pandemia por Covid-19, as aulas foram suspensas no ano de 2020, logo, mostrou-se necessário aguardar o retorno das aulas presenciais para poder aplicar as proposições metodológicas com eficácia e fazer um registro com o apoio de vídeos e de fotografias, com o intuito de elucidar mais fortemente essa prática.

Trago como referência bibliográfica alguns autores que irão fundamentar a escrita, fortalecendo a concepção dos pensamentos. Cito alguns: Paulo Freire, Djamila Ribeiro, Michael Foucault, Peter Kurt, entre outros.

No final, para conclusão do mestrado, será apresentada uma aula – na qual os dispositivos serão abordados – e um artigo, no qual haverá um relato de experiência e será fundamentada toda esta proposta.

### Fichamentos

RIBEIRO, Djamila. *O que lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Palavras-chaves: interseccionalidade, negra, dança.

Esse foi um dos textos apresentados no componente curricular para leitura e reflexão. Aborda questão do lugar social que as mulheres negras ocupam. Eu escolhi essa obra por tratar a respeito de onde estamos a fim de poder obter conceito fundamentado sobre um assunto, em especial quanto à questão da interseccionalidade da mulher, mas singularmente sobre a mulher negra.

Isadora Duncan foi uma mulher singular, revolucionária, acima de seu tempo, exuberante, escandalosa para a sociedade e que criou uma dança própria e escolas de dança, deixando discípulas que deram continuidade a seu legado. Mas aqui, o foco sou eu mesma, mulher, negra, gordinha, estatura baixa, vinda da periferia, que estou estudando e escrevendo em meu projeto a respeito de uma dança americana de uma mulher branca, sobre a minha ótica e com tudo que o corpo traz.

Para mim, *lugar de fala* é o lugar do conhecimento de causa, para assim poder discernir sobre o tema com propriedade. Cito alguns trechos do livro que me chamaram atenção:

Interseccionalidade – [...] em muitos dos seus escritos, Lourd ressaltou a importância de não hierarquizar opressões e sua própria dificuldade em se sentir pertencida a algum movimento posto que no movimento feminista dizia-se que a questão era de gênero; no movimento negro, racial e no LGBTT, de orientação sexual. Como mulher negra e lésbica, ela se via obrigada a escolher contra tal opressão lutar sendo que todas a colocavam em um determinado lugar. (RIBEIRO, 2017, p. 29)

A autora afirma que não pode negar uma identidade para afirmar outra:

[...] O não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gêneros de modo diferente, leva à legitimação de um discurso excludente, pois que não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo. (RIBEIRO, 2017, p. 29)

## **PRODAN - 0001 TÓPICOS INTERDISCIPLINARES EM DANÇA E CONTEMPORANEIDADE 2020.2**

**Professores Doutores: Ana Elisabete Simões Brandão e Antrifo Ribeiro Sanches Neto**

**Nota - 9,0**

Ementa: Estudos e discussões acerca de pressupostos epistemológicos da contemporaneidade da dança sob perspectivas políticas, educacionais e sociais e as associações teórico-práticas das pesquisas artísticas-pedagógicas articuladas com projetos e produtos individuais.

Conteúdo: palestras de convidados relacionados à arte da dança e sobre a dança educação/processos criativos e educacionais.

### **Comentários sobre o componente curricular**

Esse componente trouxe muitos momentos emocionantes. As apresentações com os convidados foram de excelente qualidade. Abrindo espaço para discussões de muita relevância e norteadoras para os trabalhos, tanto artísticos quanto os de atuação como professor. É claro que alguns professores me marcaram muito mais que outros, e os conhecimentos e as experiências de vida de todos eles, em total potência, só vieram colaborar para meu objeto de estudo. Só tenho a agradecer pelo privilégio de estar com mestres da mais alta nobreza da educação e que, ao mesmo tempo, demonstram tanta generosidade e humildade a nos oferecer. Deixo aqui registrado meu apreço aos professores do componente que nos acompanharam com tanta maestria, acolhimento e carinho.

### **PORTFÓLIO DAS AULAS**

#### Convidada 1 - Lenira Peral Rengel - setembro de 2020

Lenira Rengel é Professora Doutora da Universidade Federal da Bahia, escreveu dois livros *Dicionário Laban* (2005) e *Os temas de movimento de Rudolf Laban: (I a VIII) modos de aplicação e referências* (2008), entre muitos artigos sobre o procedimento metafórico. Noites de



conhecimento e de simplicidade. A aula da professora Lenira Rengel veio nos falar dos ramos da pesquisa no mestrado profissional: o artístico e o pedagógico; mas ela acredita que são vertentes que podem ser interligadas, que existe professor artista e artista professor, e eu comungo dessa ideia, principalmente por ter aprendido que ensinar é uma arte. Ensinar é arte, amor, missão. Sou privilegiada por trabalhar podendo orientar as crianças para o caminho do bem, facilitando o seu processo de aquisição do conhecimento. Segundo a professora Lenira, a arte não é só emoção, é pensamento, tudo junto. A arte também é intelectual. E a cognição está no corpo e na mente, inseparáveis. Incrível como temos que reverenciar os mestres que tanto sabem e têm a nos ensinar. A professora Lenira, uma pesquisadora que procura estar atualizada em seus estudos, faz-se admirável por estar sempre disposta a aprender e a entender o novo, aceitando novas posições, ou não. E perceber que, nos tempos de hoje, o dualismo não comunga; este é o entendimento de quem procura estar à frente do seu tempo. Saber que eu sou corpo e que o corpo é intelectual é uma mudança de paradigmas.

Esse pensamento reverbera muito no contexto da criação, quando na elaboração de uma coreografia. Por mais simples que seja aos olhos de alguns críticos, vem de um processo de elaboração de movimentos relacionados ao tema proposto, resultado do estudo do tema, da escolha de música, do espaço. Esse aspecto não é valorizado como conhecimento intelectual, pois não está sistematizado no papel ou na escrita e sim na ideia do criador/coreógrafo. A cognição está no corpo por inteiro. Seria a verdadeira inteligência corporal, sendo o movimento verbalizado e a sua graduação de consciência e experiência do sensorio para assim perceber que tem que é de suma relevância.

A professora Lenira Rengel abordou muito intensamente sobre a questão do corpo e da mente como unicidade. Não existe separação: não é o meu corpo e sim eu sou o corpo. O corpo sou eu e pensar criticamente sobre esse uno é de inteira importância, observando que, para as crianças e bebês, não existe esta separação.

A metáfora e o procedimento metafórico são constituintes nas pesquisas da professora Lenira, estando presente em muitos dos seus argumentos e escritas acadêmicas.

[...] Por falar em saber como “falar”, gostaria de ressaltar que o uso de metáforas e imagens tem que ser cuidadoso tanto com adultos, bem como com crianças. Há pessoas que são muito interessadas em imagens, histórias, alegorias. Outras não, e, nem por isso, elas são “menos criativas”. Às vezes é melhor dizer: “ande em linha reta com movimentos sinuosos” do que dizer: “este caminho é estreito e você se mexe como um bêbado”. Depende muito, depende mesmo. Você professor,

dançarino, ator, etc. é quem conhece seu grupo ou alunos e o que você próprio prefere, ao propor a temática de uma atividade. (RENGEL, 2008, p. 9)

Foram momentos de aprendizados singulares e que mereciam mais horas para que se pudesse deixar aprofundados esses novos pensamentos que só vêm a fortalecer essa nova visão da educação.

A professora Lenira Rengel tem também um conhecimento bastante aprofundado sobre Rudolf Laban, tendo criado o *Dicionário Laban*, e ter ministrado várias palestras e aulas sobre as análises de movimentos de Laban. Além de tudo isso, eu me considero uma pessoa de sorte em ser orientada por esse ser tão generoso e sábio. Além disso, faço parte do grupo de pesquisa Corpoconectivos em Dança, dirigido pela professora Lenira Rengel, e, a cada reunião, tenho o privilégio de beber dessa fonte de conhecimentos; são momentos de muitos aprendizados.

#### Convidada 2 - Vanda Machado - setembro de 2020

Vanda Machado é Professora Doutora da Universidade Federal da Bahia, historiadora e pesquisadora. Atua como Professora colaboradora da Universidade do Recôncavo da Bahia - UFRB. Criou o projeto político Pedagógico Irê Ayo na escola Eugênia Ana dos Santos no Ilê Axé Opo Afonjá, propiciando o reconhecimento da Escola como referência Nacional pelo MEC.

Ouvir Vanda Machado foi um momento muito importante para revisão de vários estudos feitos em alguns cursos do qual participei e que tratavam da Lei 10.639, e, em alguns desses cursos, a querida Vanda foi uma das palestrantes. Muito reconfortante a presença da Vanda Machado, uma vez que havíamos perdido outra defensora da cultura afro-brasileira, a nossa Makota Valdina, portanto, sua presença é relevante para nos dar suporte na guia do caminho que queremos trilhar, buscando os direitos e o respeito à questão do negro, que teve sua história roubada e escondida na intenção de nos deixar sem chão, subalternos, marginalizados e o pior de tudo, invisíveis.

Eu que sou cria da periferia, pobre, negra. Fui criada sem perceber a minha real condição. Em razão das dificuldades que nós enfrentamos, tudo na minha vida foi conquistado no momento e hora certos, sem desperceber os obstáculos, as puxadas de tapete e os tropeços, pois acreditava, e ainda acredito, que todos os dissabores e conquistas fazem parte do percurso no decorrer da vida. Somente hoje, adulta, reconheço os momentos difíceis do passado em que vivi, mas sem mágoa, sem revolta.

Como meu trabalho de Mestrado aborda questões relacionadas à Dança e à natureza, achei pertinente esse trecho do livro *Ilê Axé: vivências e invenção pedagógica - as crianças do Opo Afonjá*.

[...] pois bem, no terreiro, entende-se que a natureza é nutrida e alimentada pela própria natureza. Portanto, dela nada é retirado a não ser o extremamente necessário para a sobrevivência e saúde física e espiritual. Para o “povo-de-orixá”, o mato, a pedra, a água, o fogo, tudo tem importância renovadora para vida do homem. Daí é que jaqueiras, gameleiras e cajazeiras centenárias fazem parte da paisagem e da vida do terreiro. (MACHADO, 1999, p. 39)

Muito do que a professora Vanda trouxe na questão do magistério me fez feliz em saber que temos pensamentos parecidos nesse fazer. Em especial no que tange a falar da cultura afro-brasileira, sem abordar a questão especificamente da religião, respeitando e entendendo que os alunos têm as suas crenças e denominações religiosas e que suas histórias precisam ser valorizadas. Por isso, em minha prática pedagógica, os mitos da cultura afro foram abordados enfatizando a questão moral e os ensinamentos que cada história dos mitos nos traz, encantando as crianças e mostrando o belo, demonstrando-os também pelos movimentos e pelas coreografias. Sem precisar dizer que se trata de uma outra de coisa, mas levando-os para o caminho da criação de uma arte. Quando surgia algum questionamento, eu sempre dizia que a dança percorre por todos os caminhos, povos e lugares, mostrando exemplos reais nos quais elas pudessem identificar e se identificar.

Realmente não devemos entrar em atrito com a política da intolerância religiosa e nem em com qualquer outra. Podemos construir e conquistar através do diálogo pacífico; o diálogo com respeito e com amor. A Dança pode ser o veículo para grandes descobertas nas crianças e adolescentes. Como diz Vanda Machado: “a dança é divinatória”.

Nossa função como educadores é perguntar quem somos nós, qual a nossa história, de onde vêm esses movimentos que saem de nós, tão naturais, tão espontâneos, tão verdadeiros. Devemos também conversar, reconhecer que temos uma presença, um jeito muito especial. É preciso entender que somos diferentes, contudo, devemos estar juntos e não separados, pois a diferença não pode nos dividir. A divisão é para nos oprimir, nos colocar menores, pequenos, inferiores. E, nesse sentido, Vanda Machado cita Nelson Mandela brilhantemente quando diz: “É a nossa luz e não a nossa escuridão que assusta.”. É necessário abirmos os olhos sobre o que os dominantes querem de nós; não querem que tenhamos direitos iguais aos deles como qualquer ser humano, nesse processo de séculos de vigília.

Temos uma responsabilidade na busca de conhecimentos para acolher os/as alunos/as mostrando a luz de cada um, fazendo-o perceber a si mesmo, tirando o medo que os aprisiona, e, como diz a professora Beth Rangel, “definir princípios potentes”.

Agradeço às divindades por colocar a Dança nos meus pensamentos desde os seis anos de idade, pois me recordo de, nesse tempo, estar sempre pela casa dançando com ou sem música e minha mãe ordenar “parar com essa maluquice”. E de que, nos dias de domingo, quando tinha feijoada e os amigos de meu pai chegavam com os instrumentos para “fazer um sambinha”, eu, sem nenhuma vergonha, ser a primeira a entrar na roda e sambar. E de, quando eu colocava os LPs de samba, principalmente os de Martinho da Vila, na música Tribo dos Carajás, para dançar e repetir várias vezes as músicas a ponto de tomar reclamação de minha mãe dizendo que eu iria furar o disco. Não sei dizer se é ancestralidade ou é de outras vidas, mas sei que sou isto.

Lembro-me de que, quando entrei na Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB, a primeira pessoa que encontrei na inscrição foi Beth Rangel e eu lhe disse que queria ser bailarina; ela me disse que só tinha vaga para dança moderna, então aceitei feliz mesmo assim. Beth Rangel esteve sempre com um sorriso acolhedor e um jeito afetuoso. Um ano depois, quando fui me inscrever para fazer o Curso Profissionalizante, encontrei a professora Celeste Tavares que insistiu para que eu fizesse o curso técnico, visto que sentia que eu seria uma ótima professora; eu disse que queria o curso de dançarino profissional, queria apenas ser dançarina. Minha vida sempre foi de anjos, divindades e espíritos de luz ao meu redor, encarnados e desencarnados.

### Convidada 3 - Sandra Petit - outubro de 2020

Sandra Petit é Doutora em Educação, Pedagoga e escritora, professora da Universidade do Ceará, abordou a Educação popular com o tema: Pretagogia.

A conversa com Sandra Petit relatou sobre como a história da sua infância com a família, o pai francês e a mãe cubana, viajando pelo mundo, contribuiu muito para o seu deslanche cultural e para tornar-se uma intelectual incrível. Seus estudos e intercâmbios a fizeram entender melhor a questão da identidade e acerca do termo “cultura popular”. Sandra Petit pensa a educação por meio da valorização da cultura afro-brasileira e africana na sua cosmovisão, pondo a história e a ancestralidade como fundamentais para o entendimento de uma identidade própria, visando à

aceitação e à elevação da autoestima. A cultura popular é muito potente e conta histórias fortalecendo a educação sem deixar morrer as memórias ancestrais.

Utilizar as músicas que tenham conteúdos com esses contextos e dança-las naturalmente, somente sentindo a pulsação e se deixando levar pela improvisação livre e sem cobranças e depois no relaxamento refletir sobre as letras ou vídeos faz das aulas um momento lúdico que merece ser repetido.

Sempre acreditei que a música tem uma importância muito grande no que tange ao ensino para crianças. Quando elas gostam de uma determinada música, dançam-na muito e às vezes pedem para repetir; se deixarmos, em todas as aulas, elas querem as mesmas músicas. Ao trabalhar com cultura afro-brasileira na escola, sempre busquei músicas que tivessem esses conteúdos, que eram usados para parte técnica e para criação coreográfica. Claro que também tiveram outros recursos, tais como livros, gravuras e vídeos muito enriquecedores na didática.

Na minha pós-graduação em Metodologia do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira, em 2011, o meu TCC teve o título: *Corpo, Letra e Som. A Dança percorrendo as letras das músicas que evidenciavam a cultura africana e a história do povo negro*. Uma pesquisa muito parecida com a ideia da “Pretagogia”, hoje concebida pela Sandra Petit, uma doutora em Educação. Tudo que foi dito na sua palestra me fez crer que estou no caminho certo.

O que faz o caminho com mais acertos é acreditar que a educação tem que ser feita com total amor. Eu sempre pensei em ensinar da maneira que gostaria que fizessem comigo. Eu preciso estar feliz, curtindo, apreciando, encantada com o que ministro para as crianças; tem que ter verdade, tem que ter comprometimento com o que se faz. Percebesse nitidamente, na narração de Sandra Petit, o seu envolvimento com o educar, trazendo um estímulo maior no seu fazer.

#### Convidado 4 - Leonardo Sabiane - novembro de 2020

Leonardo Sabiane é Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA.

A aula do professor Leonardo Sabiane foi muito interessante com experimentações. Contudo, me senti invisível no meu fazer e até no meu falar. Estar utilizando o celular, que estava com problemas, prejudicou muito a minha participação durante as aulas. Isso me deixou

desmotivada e triste. E fiquei pensando como seria com as crianças que têm que enfrentar situação semelhante. Dessa forma, o meu falar não foi visto e nem escutado, que triste.

Apesar de tudo, dancei; mas acho que ninguém me viu. Na verdade, agora não ligo mais. Eu estava curtindo o pequeno momento do meu dançar. Demorei a compreender a proposta; só ficou fácil quando o professor disponibilizou o link de acesso à aula novamente.

Essa experiência deixou claro para mim que temos que estar disponíveis para esse novo fazer educativo: aula on-line, aula virtual. No entanto, temos que ter condições tecnológicas para essa nova ação. Quem não tem aparelhagens tecnológicas e não tem domínio fica perdida; e essa é a minha situação. ‘Infelizmente não tenho o que falar, não vejo ninguém’. ‘Nem o link vejo mais, não entendi’. ‘Só desejo boa sorte a todos’. ‘Estou aproveitando para curtir a música’. ‘Gosto muito desses ritmos latinos, calientes, merengues, salsas. Fez-me lembrar do período em que viajei para Buenos Aires’. Essas frases representam as sensações e os sentimentos que tive durante as aulas; infelizmente, não pude aproveitar o suficiente.

#### Convidada 5 - Lia Robatto - novembro de 2020

Lia Robatto é diretora, coreógrafa e professora e idealizadora da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Escreveu os livros: *Dança em processo: a linguagem do indizível* (1994) e *A dança como via privilegiada da educação: relato de uma experiência* (2012). Incrível a jovialidade e a disponibilidade da professora Lia Robatto: aos oitenta anos de idade, ministrando aula on-line e muito ‘atenada’ com as novas tecnologias. Eu sou mais jovem e não domino esse fazer; Lia, apesar de todas as dificuldades, me supera.

A aula foi sobre coreografia e a professora deixou algumas perguntas no ar: O que é coreografar? Qual a missão do coreógrafo? Por que coreografar? Qual a função do coreógrafo? Autoexpressão, comunicar. Comunicar o quê? A quem? Onde? Para que sujeitos?

Foram essas indagações deixadas para que nós refletíssemos sobre nosso fazer enquanto criadores e coreógrafos e enquanto motivadores nos processos criativos. Muitas vezes fazemos arte simplesmente pela arte de produzir uma obra e nunca nos questionamos sobre o porquê e para quem estamos construindo certos projetos artísticos.

A professora recorreu aos processos criativos, com dinâmicas diversas, utilizando como base os fatores da Dança: espaço, dinâmica, forma. Para Lia Robatto, o coreógrafo tem que estar

sempre estudando, atualizado quanto ao que acontece na sociedade e as situações da política, e vir com o pensamento de transformar para melhor. Consideravelmente, a leitura, a informação, o conhecimento estão lado a lado com os processos de criação, até mesmo como estímulo produtivo.

Coreógrafo tem que ter o sonho, o desejo, a paixão por criar e deve procurar recursos para facilitar e encaminhar o seu processo. Tem que estar engajado e articulado, estudar, participar de editais públicos, aprender a buscar condições para promover seus espetáculos, ter uma concepção sobre o que venha ser uma obra de arte.

Grandes coreógrafos se perderam no caminho por não saberem administrar suas carreiras. O talento independe do sucesso. Lia contou sobre algumas histórias de pessoas coreógrafas muito talentosas que não procuraram produzir seus trabalhos e morreram com eles, sem apresentar à comunidade. Pessoalmente já tive inúmeras ideias que se perderam no tempo.

O coreógrafo tem que ter o domínio da linguagem que escolhe e dominar vocabulário amplo. O processo de criar não pode ser gratuito ou leviano, é preciso que tenha um conceito de vida, uma visão de mundo e um espírito inteligente.

Tive a sorte de ter sido aluna de Lia Robatto e acredito que meu amor por coreografar recebeu muita influência de seus pensamentos. Aprendi muito sobre processos coreográficos no curso profissionalizante e na residência artística do Projeto Arte no Currículo, locais onde Lia Robatto trabalhou conosco.

Lia Robatto também ministrou aulas no Projeto Residência da Arte no Currículo, sobre a coordenação da Professora Dra. Beth Rangel. Um trabalho muito relevante no qual os processos criativos foram o enfoque das atividades na residência artística na escola de Dança da UFBA, para professores e professoras das escolas da Rede Municipal de Salvador. Desse trabalho, surgiu uma coreografia que foi apresentada na culminância do projeto e propiciou o surgimento do grupo de dança dos professores da Rede Municipal. Mesmo após o término do projeto, o grupo continuou a ensaiar e a apresentar em alguns eventos, com propostas maravilhosas, mas, infelizmente, alguns componentes foram desistindo e acabamos finalizando os trabalhos do grupo.

Convidadas 6 – Terezinha Froes Burham e Marise Sanches - novembro de 2020

Terezinha Fores Burham é Doutora em Filosofia e professora da Universidade Federal da Bahia. Marise Sanches é Doutora em Difusão do Conhecimento e desenvolve pesquisa na construção colaborativa do Conhecimento e Multirreferencialidade.

O tema multirreferencialidade é muito pertinente a qualquer processo de pesquisa. A ideia nos faz pensar que podemos buscar inúmeras abordagens para um determinado objetivo. Contudo, o texto designado para o encontro chegou às minhas mãos em um prazo curto, logo, eu não tive tempo de ler antes da aula. As duas professoras, muito sabedoras do assunto, discutiram entre si, de maneira aprofundada, com argumentos pertinentes e eu fiquei como espectadora tentando absorver ao máximo o assunto e aproveitar o aprendizado. Essas discussões importantes, o debate, as defesas dos pensamentos de forma inteligente e acadêmica fizeram-me repensar sobre minha narrativa e que é necessário expandir, e muito, os conhecimentos para acompanhar o processo de mestrado.



**PRODAN – 0020 PROJETOS COMPARTILHADOS 2020.2****Professores Doutores: Rita Aquino e Fernando Ferraz****Nota - 9,5**

Ementa: Articulação com a qualidade profissional em dança. Uma atividade voltada ao exercício de encontros regulares para discussão coletiva dos projetos individuais de prática profissional em Dança.

Conteúdo: Sujeitos e contextos, pesquisa implicada. Construção de quadro: sujeitos e contextos, temas, conceitos e proposições. Construção e respostas de cartas; sujeitos e contextos. Elaboração do esboço do resumo da Anda. Elementos de projetos de pesquisa. Estudos de metodologia e abordagem. Metodologia de Pesquisa em Artes. Formas de escrita: ensaio, performativa e experimental. Memorial de pesquisa.

**Comentário sobre o componente curricular**

Maravilhoso esse componente curricular. Poder dividir nossas ideias com os colegas e os professores e receber um retorno de incentivo são de muita relevância. Faz-nos acreditar que é possível e que temos total possibilidade de conseguir, basta querer. As discussões e os exemplos só fortaleceram nossas ideias e pensamentos. Gratidão pela oportunidade e pela grande parceria. Os professores, muito generosos, respeitosos e cuidadosos com todos os estudantes, abriram as propostas de estudos com muita clareza e genuinidade, dando um norte, uma direção para a elaboração do projeto, nos mostrando pontos relevantes que devemos abordar. Foram muito preciosos esses momentos de questionamentos, reflexões, estudos e condução para um resultado satisfatório e concreto. Nesse componente, foram oportunizadas escritas que proporcionaram uma maior organização de textos, processos metodológicos, assim como artigos para registros técnicos e tecnológicos apresentados no Capes.

Algumas das atividades foram escrever cartas para colegas, em que o conteúdo principal fosse a sua intenção no projeto de pesquisa, e responder à carta.

## Carta para Mônica Lira

Minha querida Mônica. Em primeiro lugar, quero que saiba da grande admiração que tenho pelo pouco que conheço de sua história e por sua disposição em falar dos seus projetos como estudante do Prodan, e principalmente por sua disponibilidade para a Dança e para a criação. Quando crescer, eu quero ser igual a você.

Se me permite, gostaria de falar mais um pouco de mim visto que tivemos uma breve apresentação nas aulas do professor Fernando Ferraz, lá no início de março de 2020. Sou uma pessoa que sempre percebi a Dança como parte de minha vida. Sempre fui aquela que dançava em todos os eventos e festas, não tinha vergonha de ninguém, dançar era uma coisa natural. Dançar em casa era muito comum. Na sala, no quarto, na varanda, onde qualquer um poderia ver, eu não me importava. Ao som de uma música que me emocionasse ou estimulasse ou até sem som, o movimento vinha.

Na escola, nos períodos do ensino primário, ginásio ou segundo grau, eu estava presente, sempre dançando em datas comemorativas. Era baliza, participava de grupos de dança da escola, grupos de teatro, já fazendo as dancinhas... e o tempo foi passando com muitas experiências, muitos espetáculos, cursos profissionalizantes a nível médio (Magistério, Técnico em dança e Dançarino profissional), faculdade (Licenciatura em Dança), especializações (Estudos Contemporâneos em Dança; Metodologia do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira; Gestão Integrada à Educação) e aqui estou fazendo Mestrado Profissional.

Há mais de vinte anos formada em Licenciatura em Dança, trabalhando em escola da Rede Municipal de Salvador como professora de Dança há quatorze anos, e sendo ex-professora da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, onde trabalhei por vinte e quatro anos, venho pensar numa proposta de dança para os meus alunos da Escola Municipal, pautado na dança de Isadora Duncan.

Conheci a dança de Isadora Duncan em um curso para professores oferecido pela Escola de Dança da FUNCEB e tivemos como professora Fátima Soares, que começava a implantar essa técnica em sua Escola Contemporânea de Dança e mais tarde criara a Jornada de Dança da Bahia, formando professores há mais de dez anos. E em alguns anos, participei dos cursos aprendendo muito com Lori Berilove (professora da técnica de Isadora Duncan e que dá formação em vários países).

A dança de Isadora Duncan tem como inspiração a natureza. O vento, o desabrochar da flor, o nascer do sol, imagens reais que desencadearam muitas produções coreográficas.

Percebo que a geração dessa vida contemporânea tem pouco contato e pouca percepção da beleza que a natureza nos oferece. São vistos nos meios de comunicação a derrubada de árvores, o desmatamento, a poluição dos mares e dos rios, o assassinato indiscriminado de animais provocando a extinção de alguns e principalmente o desastre ambiental. É necessário sensibilizar essas crianças sobre a importância de preservar a natureza para que tenhamos uma vida saudável agora e no futuro. O cuidar é uma ação de humanidade.

A filosofia de dança de Isadora Duncan pode ajudar muito na promoção de ações que busquem essa relação homem x natureza. No dia em que o homem entender que ele é natureza, vai cuidar dela como se fosse a ele mesmo. Gostaria muito de saber sua opinião sobre essa proposta. Grande Abraço!

#### Resposta de Mônica Lira

Recife, 11 de março de 2021.

Querida Simone Lisete,

Espero que esta carta te encontre com saúde e toda tua família!

Minha querida, primeiro quero expressar a alegria em receber sua carta, e por ter me escolhido! Na maioria das vezes, queremos escrever para quem gostamos, saber da tua admiração por mim foi uma surpresa, pois também te admiro muito.

Adorei conhecer um pouco mais da tua pesquisa e história/percurso na dança. Achei um exercício incrível poder ler a sua história sem te conhecer muito, tivemos pouquíssimos encontros presenciais e durante o semestre remoto não cursamos as mesmas disciplinas, sou da linha artística e a tua é pedagógica. Mas ler o que escreveu me aproximou tanto e pareceu que eu já te conhecia muito.

Falo isso porque a sua escrita traz delicadeza de ser quem é. Uma mulher madura, mas que não perdeu a doçura de ser aquela criança que dançava em todo lugar e para qualquer público. Penso que possivelmente essa leveza se constituiu e se fortaleceu com sua prática profissional, digo isso porque acredito que seu convívio com crianças diariamente na sua docência te fez cuidar e cultivar essa doçura.

Ao mesmo tempo, por trás de toda essa criança viva dentro do teu corpo, existe uma mulher madura e forte. Não sei nada da tua vida pessoal, mas é um pouco o que chega para mim, uma mulher forte e focada no seu propósito.

Por último, quero dizer que tua pesquisa é linda, desde o primeiro momento que ouvi seu depoimento na sala, quando todas e todos contaram um pouco da trajetória que tua história/pesquisa me chamou atenção. Levar a dança de Isadora para o ambiente escolar, lembro de uma frase, mas não sei muito bem como era, mas acho que era algo assim: “Isadora veste calça”, me corrija se estiver errada! Adorei essa analogia, achei incrível, moderna, provocativa. A potência desse pensamento está em descaracterizar que a dança delicada é só para mulheres, e afirma que todas, todos e todes podem ser delicadas (dos) (des).

Quando traz a necessidade desses alunos/crianças encontrarem na dança de Isadora um motivo para cuidar de si e assim cuidar da natureza, tudo isso é de muita poesia. Com isso vem a tentativa de construir uma nova sociedade, que precisa voltar à inocência para aprender o que é importante e necessário para termos um mundo melhor no futuro. Precisamos doar amor, cuidar do outro, da nossa Gaia. Muito obrigada por dedicar um pouco do seu tempo e dividir comigo sua poesia de ser e existir na dança!

Há braços dançantes com muito carinho!

Mônica Lira

### Carta para Rodrigo

Salvador 13 de março de 2020

Querido anjo, Rodrigo.

Antes quero agradecer mais uma vez pela sua generosidade e atenção para comigo e os colegas.

Quanta riqueza em seu trabalho, muitos caminhos para percorrer e escolher aprofundar em sua pesquisa. Percebo que você já vem com uma bagagem extraordinária de estudos e conhecimentos do seu fazer e que seus experimentos vêm em uma crescente de dedicação e estudos.

Suas experiências são excelentes e de uma grande relevância. Precisamos de momentos de imersão para nos entendermos e nos encontrarmos diante deste momento de pressão dos estudos e principalmente com esta doença que há mais de um ano nos persegue e nos rodeia. Tive a

oportunidade de participar de uma aula sua e pude experienciar um momento comigo mesma; eu não havia percebido antes o quanto necessitava e ansiava me permitir emergir.

Acredito que muitos profissionais deveriam participar de imersões, contudo, os artistas da dança têm urgência em estar neste lugar de entrega da alma criativa.

Assisti às suas produções em grupo no ano passado e achei muito interessante que, em tão pouco tempo, você conseguiu reunir tantas pessoas para tão belo projeto.

Vejo em você uma pessoa perseguidora de seus propósitos e realizador de sonhos. Mais uma vez muito obrigada pela carta e por poder desfrutar das suas ideias.

Grande abraço!

Simone Lisete.



**OUTRAS ATIVIDADES DO COMPONENTE CURRICULAR PROJETOS  
COMPARTILHADOS**

**SIMONE LISETE SANTOS GOMES**

**ISADORA VESTE FARDA: CONHECIMENTOS E PROCEDIMENTOS  
METODOLÓGICOS DE DANÇA COM INSPIRAÇÕES DA NATUREZA EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR**

Atividade de elaboração de Projetos de Pesquisa no componente curricular – Projetos Compartilhados no Mestrado PRODAN, ministrado pelos professores: Dr.<sup>a</sup> Rita Aquino e Dr. Fernando Ferraz.

Linha de pesquisa 2 – Processos Pedagógicos, Mediação e Gestão Educacional em Dança

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel

Salvador - BA

2021

## AGRADECIMENTOS

Tudo fica muito mais difícil quando estamos sozinhos. Sem a ajuda de pessoas generosas e pacientes, eu, com certeza, não conseguiria continuar minha caminhada no Mestrado.

Agradeço muito à orientadora Lenira Rengel pela paciência e pelas sinalizações, indicando-me o caminho para solidificar a elaboração do projeto e a construção de narrativas.

Agradeço a todos os professores, mestres e amigos. Uma equipe de profissionais acolhedores, competentes que demonstram a todo o momento quererem o nosso crescimento acadêmico. Para vocês minhas reverências e gratidão pelas palavras de incentivo.

Gratidão aos meus colegas do Mestrado Profissional Prodan. Saibam do meu prazer em rever alguns e conhecer outros. Pessoas lindas! Agradeço em especial a alguns anjos que, por muitas vezes, me salvaram. Martinha, Rodrigo Leão, Lissandra Patrícia, Camila Correia, Celinha, Mayana, Sueli Ramos, vocês foram primordiais.

Só cheguei até aqui porque não estava sozinha.



## **ISADORA VESTE FARDA, DANÇANDO A NATUREZA, UMA NOVA PROPOSTA DE DANÇA NA ESCOLA MUNICIPAL FAZENDA GRANDE 2**

### **BASE REFERENCIAL DE NARRATIVAS E CONCEITOS**

Como referências para fortalecer este estudo, trago o educador e filósofo, Paulo Freire (2011), em seu livro *Educação como prática da liberdade*, no qual trata da educação vinculada ao respeito, à democratização do conhecimento, à reflexão e conscientização do seu papel enquanto cidadão e à democratização do conhecimento, promovendo assim uma valorização ao que o estudante traz da sua cultura.

A filósofa Djamila Ribeiro (2019) escreveu o *Pequeno manual antirracista* e nos orienta a ficarmos atentos às ações preconceituosas que nos rodeiam no dia a dia e que muitas vezes não as percebemos como tóxicas. O racismo está tão impregnado nas nossas ações, na vida social e familiar, que se torna lugar comum no nosso cotidiano. As relações precisam ser pautadas no respeito mútuo e cabe à escola a função de orientar os estudantes para esse caminho. Em 2003 foi instaurada a Lei 10.639 que traz a obrigatoriedade para o ensino da cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas. Houve formações para os professores da Rede Municipal de Ensino de Salvador, contudo muitos não cumpriram a lei e não participaram dessas formações, por diversos motivos (religiosidade, preconceito) e o tempo levou essa lei ao esquecimento. Na escola, o preconceito racial está muito presente nas relações entre os estudantes e, na maioria das vezes, para alguns professores essas atitudes passam despercebidas.

Michael Foucault (1984), nos textos de seu livro *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*, fala sobre questões importantes acerca do cuidado de si e do outro e salienta que para cuidar do outro primeiramente têm-se que cuidar de si. Quando passamos a cuidar de nós mesmos, começamos a observar o que está ao nosso redor, o nosso ambiente, o lugar em que vivemos em comunidade. Ser cidadão é também um ato de respeito e cuidado. Um simples “por favor”, pedir desculpas ou agradecer faz muita diferença na condução de uma relação em comunidade.

Trago Ailton Krenak (2019), a partir da obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, grande ambientalista e defensor da natureza para afirmar o meu posicionamento sobre a questão ambiental, a relevância da relação homem x natureza, entendendo que ambos são unos, não existe separação e sim uma congruência da importância da vida.

Lia Robatto (2012), dançarina, coreógrafa e educadora, em seu livro *A dança como via privilegiada da educação: relato de uma experiência*, aproxima muito seu fazer a meu entendimento sobre a dança/educação. Fortalecendo o conceito democrático, criativo e posicionamento político que a Dança determina na ação de pensar e refletir sobre essa arte.

Lenira Rengel (2007), que em sua tese de Doutorado, *Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação*, defende o procedimento metafórico como ação corporal e de entendimento. Lenira explica o uso de distintas maneiras de trabalhar e criar um tipo de estratégias de compartilhamento de conceitos complexos. Esse é um modo diferenciado de expor um pensamento ou de apresentar certo ensinamento que possa alcançar o entendimento de crianças, jovens e até mesmo adultos e facilitar a assimilação dos conteúdos em qualquer área do ensino.

Espero com esta proposta que, na filosofia desse dançar, fatores, como o cuidado com a natureza e com o outro e o respeito, estejam inseridos na condução de uma dança reflexiva, na qual a vestimenta não seja empecilho, ao contrário, que possa expressar um caminho para emancipação da criança nos seus movimentos e no movimento da sua dança.

**Palavras-chave:** Dança na Escola. Dança de Isadora Duncan. Uso da Farda. Cuidar de si e da natureza.

Privilégio para poucos trabalhar com o que gosta. Ensinar a Dança é um grande prazer e satisfação de uma artista que se realiza ao ver as crianças expressando a sua arte de dançar, transmitindo sua emoção e emocionando a quem vê.

[...] Idealisticamente, pretende-se imprimir nos alunos de dança um significado da sua vivência, conduzi-los criativamente e com liberdade aos processos pessoais, sociais e produtivos, a fim de contribuir para desenvolver em paz, harmonia e solidariedade; lidar com o confronto de alteridades e valorizar a diversidade, desenvolvendo ainda um aprendizado contínuo, de realização e visão perspectiva de futuro, em busca de uma atuação participativa em sua comunidade, contribuindo para uma desejável transformação social. (ROBATTO, 2012, p. 61)

## CHEGANDO À ESCOLA, E AGORA?

Em 2003, a Prefeitura de Salvador promoveu um concurso para as áreas de artes (dança, teatro, música e artes plásticas). Algo inovador e que pôde empregar centenas de profissionais artistas, além de oportunizar a crianças, jovens e adultos se aproximarem do mundo das artes. Após enfrentar muita concorrência, finalmente o resultado positivo: ser professora de Dança nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Salvador. E lá se vão quinze anos no trabalho com crianças de cinco a quinze anos e até com os jovens e adultos. Estou lotada na Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana. Uma escola, como a maioria, sem estrutura necessária para se trabalhar com artes. Salas bem pequenas, com muitos/as alunos/as e muitos móveis para carregar e, assim, conseguir abrir um espaço a fim de poder dar as aulas.

A Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana fica situada no bairro de Cajazeiras. Nesse bairro superpopuloso, encontram-se moradores de classe social baixa em nível econômico, onde a pobreza persiste e com ela a marginalidade vem crescendo, juntamente com a violência e o tráfico de drogas. Muito cedo as crianças e os jovens são corrompidos pelos “vampiros do mal” e da ganância. Jovens pretos, pardos, pobres que ficam sujeitos à perversidade do mundo atual. É claro que existem pessoas de bem, bons profissionais e artistas talentosos, mas ousar dizer que são poucos e são invisibilizados pela mídia que só mostra as tragédias, as notícias que vendem.

Todas as Escolas da Rede Municipal de Salvador têm um Projeto Político Pedagógico (PPP<sup>21</sup>) que norteia o fazer do currículo comum. Os princípios pedagógicos da Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana baseiam-se na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Baseia-se, ainda, na Lei Ordinária nº 11.645/08 que normaliza a inclusão, no currículo oficial, o ensino da temática: História cultural Afro-brasileira e Indígena, Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Orienta-se também na Resolução CNE/CP/2004, a qual institui Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das relações étnico- raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, africana e Indígena, assim como experiências vividas nas relações com as crianças, famílias, profissionais e comunidade. Os princípios pedagógicos são os seguintes:

- ✓ Princípios Éticos: autonomias, responsabilidade, respeito ao bem comum.

---

<sup>21</sup> Documento produzido pela Unidades de Ensino; não publicado.

- ✓ Princípios Estéticos: sensibilidade, criatividade, ludicidade e diversidade de manifestações artísticas culturais.
- ✓ Princípios Políticos: direitos e deveres da cidadania, exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- ✓ Princípios Epistemológicos: Através da prática do sociointeracionismo, valorizando os conhecimentos prévios do educando.

Surge, então, a indagação: como abordar os fundamentos do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Fazenda Grande 2 nas aulas da Dança?

Posso constatar, na leitura feita do PPP da Escola, que há uma harmonia de pensamentos entre o plano de ensino de Dança com esses princípios elencados no documento. Entretanto, surgiu a indagação sobre a eficiência ou não do trabalho da Dança em sala de aula. Assim, busquei respostas com meus pares professores da rede municipal. Perguntei-lhes: Como professora de Dança na escola pública você acredita que exista uma dança ideal para ser trabalhada neste espaço? E se existe, qual seria esta dança?

Respostas obtidas:

“Acredito que sim. Aquele que valoriza o conhecimento das crianças, de uma linguagem mais próxima da realidade deles e de uma forma que seja divertida e prazerosa em fazer”. (Marcia Pedrosa, professora de Dança da rede municipal há quatorze anos).

“Nestes anos como professora da escola pública, percebo cada vez mais que não existe um estilo de dança a ser trabalhado. É preciso estar aberta para as necessidades do grupo. No entanto, percebo que quando na aula proponho trabalhar utilizando estilos de dança mais próximos da cultura popular, atividades corporais com jogos e brincadeiras e danças já conhecidas pelos estudantes, a resposta para alcançar o objetivo é mais rápida. Ser flexível é a melhor palavra para definir a aula de Dança nesse espaço e, se possível tentar cada vez mais desconstruir o entendimento de Dança apenas como momento recreativo”. (Clarice Muniz Contreiras, há nove anos professora de dança rede Municipal).

“Não há um estilo de dança ideal. Temos que fazer Arte-educação de qualidade, mas a(s) modalidade(s) de dança utilizadas vão muito da professora e do alunado.” (Lorena Oliveira, professora de dança da Rede Municipal de Salvador há dez anos).

“Não penso num estilo de dança, mas em propostas de danças que estimulem o reconhecimento de si, da sua história e ancestralidade e a autonomia.” (Lissandra Patrícia, foi professora da Rede Municipal por quatro anos, no regime REDA).

Analisando as respostas das colegas, é de se pensar que, de modo geral, todas nós temos uma coerência sobre a maneira mais ajustada para ensinar a Dança na escola pública. Tem-se que levar vários fatores em consideração, como: espaço físico, estrutura do local, tipo de clientela, estado emocional da turma e principalmente a vontade de aprender.

Não se faz arte sem o alunado querer e esse querer somos nós é que temos que fazer o possível para despertar. É fato, infelizmente, que a rua oferece mais do que a escola e nós da arte temos que fazer a diferença.

Ao estudarmos e seguirmos o Referencial Curricular de Artes da Rede Municipal de Salvador, criado por professores da rede e professores de Dança da Universidade Federal da Bahia, percebemos que os princípios do PPP da escola Municipal já estão amplamente contemplados.

## **A DANÇA DE ISADORA**

Por ter a experiência em trabalhar com a dança de Isadora Duncan na Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia durante 12 anos e por ter participado de estudos teórico/práticos, anualmente, com Fátima Suarez e Lori Berilove, me vejo com competência para utilizar dessa prática, como base para uma metodologia para a escola pública.

A proposta é falar sobre a dança de Isadora na escola, falar sobre sua filosofia de dança, seu exemplo de coragem como mulher à frente do seu tempo e de tudo o que conquistou com a dança, como suas escolas de dança em forma de internato, e focar a inspiração sobre os elementos da natureza para sua criação coreográfica. Embora Isadora Duncan não tenha deixado nada escrito por ela, sua irmã mais velha, Elisabeth, e algumas de suas alunas sistematizaram as suas aulas e organizaram o seu repertório coreográfico como: Lulabay, Figuras de Tanagra, as três Graças, Bahgavots, Fúrias, Mather. E a proposta é também apresentar esses repertórios para as crianças.

As aulas de Isadora absorviam as imagens da natureza, tal como dizer que deveria pegar a energia da terra e jogar para o universo. Ou balançar o corpo como se fosse a onda do mar; pegar a água e deixar as gotículas escorrerem pelas suas mãos.

Isadora Duncan, uma dançarina norte-americana autodidata, via na inspiração para sua dança, entre outros elementos, a natureza: o mar, o vento, a música que sua mãe tocava ao piano. Inspirava-se também em pinturas como *A Primavera* de Buttcelle. Isadora tinha a dança como seu próprio ar, desde bem pequena já sabia o que queria. “Não inventei a minha dança” repetia Isadora “ela existia antes de mim, mas estava adormecida. Eu simplesmente a descobri e despertei” (KURTH, 2004, p. 17).

## **A DANÇA DE ISADORA COM CRIANÇAS**

Depois de muitas experiências em sala de aula, a técnica de Isadora Duncan foi escolhida por mim para as aulas de dança.

Hipótese: O fazer da dança de Isadora Duncan promove fundamentalmente o cuidado de si e do outro e com a natureza que dialogam diretamente com o Projeto Político Pedagógico da escola.

Após momentos de reflexão, surgem algumas questões a respeito da Dança na escola pública. Diante de uma realidade composta por estruturas físicas inadequadas, condições de trabalho ineficazes, crianças sem uma base familiar que lhe deem um alicerce afetivo e emocional, temos a possibilidade de ensinar a arte da Dança? Sendo assim, qual seria a dança mais apropriada que abordasse na sua técnica, filosofia e princípios que estivessem norteados pela relação homem x natureza, relação de respeito, direito à diversidade e à cidadania? Sabemos que uma técnica de dança específica necessita de um traje específico, o não uso desse traje implicaria no desenvolvimento dessa técnica e na evolução e expressão do movimento? Essas perguntas definem a proposta de pesquisa que deverá ser executada numa escola pública no bairro da Fazenda Grande 2 em Cajazeiras, com as turmas de quarto e quintos. A ideia é apresentar, como resultado do Mestrado, uma aula com essas crianças e uma coreografia com o tema “mandalas, beleza e cor”. Durante o processo das aulas, haverá um momento de expressão da Dança em uma pintura de uma mandala e, partindo desse objeto de inspiração, o processo de criação coreográfica.

A metodologia a ser utilizada neste projeto será uma pesquisa emancipatória (artigo; pesquisa pós-positivista em Dança (STINSON; GREEN, 2005) seria a mais indicada visto que a princípio, o processo participativo e atuante será muito necessário para observar os resultados obtidos durante o percurso. Sendo utilizada de forma qualitativa no sentido de compreender diferentes abordagens e estratégias para conseguir melhores resultados. Serão observadas ações do

contexto cultural, expressão do ser humano nas interpretações das vivências e inferências de cada ação na proposta refletida e analisada.

Saliento que sou professora das referidas turmas e tenho trazido a técnica de Isadora Duncan, nas aulas. De todo modo, trabalhamos com sensibilizações de sabores e cheiros, aguçando a percepção dos sentidos, tais como perceber e diferenciar texturas que existem: pedras, areia, argila, folhas, penas, tecidos. Essa dinâmica feita em sala de aula poderá ser provocada para ser executada em casa com uma orientação em aula virtual. Sabendo que verificar e analisar precisamente os resultados será uma observação um pouco superficial e sem aprofundamento intenso, mas é o que temos neste momento da pandemia.

As vivências e as reflexões que essa técnica oferece são de grande relevância, propiciando o encontro com a natureza. A aula de dança de Isadora é aplicada utilizando-se muito das metáforas relacionadas com as ações da natureza:

“pega a água e deixa as gotinhas caírem pelos seus dedos”

“balança os braços como se fossem as folhas nos galhos das árvores”

“deixa o tronco para baixo relaxado igual à postura de um macaco”

“você vai descendo devagar como se fosse uma vela apagando, oferece a flor”.

São metáforas muito utilizadas e que têm um respaldo em escritos sobre o assunto nas teses e artigos da Professora Doutora Lenira Rengel (2007).

[...] A relevância do procedimento metafórico consiste na compreensão de que ele instaura, de fato, o sensório motor e os conceitos abstratos juntos. A comunidade de ambos (sensório e abstrato) se nomeia de corponectividade, para mostrar que, no corpo, teoria e prática não são independentes. Com este conceito abandona-se a oposição entre mente e corpo e entre ensino aprendizagem. (RENGEL, 2007, p. 6)

Outra sugestão de estratégia para uma Dança mais apropriada para a unidade de ensino local desta pesquisa seria adequar a Dança pensando no Projeto Político Pedagógico da escola, firmando assim mais uma ação intensificada entre arte e educação atrelada às proposições e ao ambiente escolar.

## UM POUCO MAIS DE ISADORA

Isadora Duncan foi uma dançarina norte-americana que rompeu com os padrões de dança de sua época, criando uma dança própria, inspirando-se basicamente nos fenômenos da natureza e nas histórias gregas, motivo pelo qual seus figurinos são túnicas, que variam de cor de acordo com o tema de suas coreografias. A túnica de Isadora teve um significado relevante para sua dança, em sua época, em seu momento. E a relação corpo e figurino fez total diferença para o que ela queria comunicar com sua arte, dando muito sentido à sua dança, identificando a intérprete, reconhecendo e dando visibilidade à artista. Dançava descalça, vestida de túnicas ao som de músicas de Chopin, Wagner, Beethoven e muitos outros. Era uma grande pesquisadora e estudou bastante a arte grega, o que fortaleceu suas criações. Mas, desde criança, ela já criava suas danças improvisando por entre as florestas e à beira da praia. Vivenciando a natureza numa sintonia com seu corpo.

Isadora teve algumas escolas de dança, tipo internato, em que as crianças moravam com ela. As crianças tinham aulas de português, matemática, educação física e aula de dança de Isadora. A algumas dessas alunas, Isadora deu seu sobrenome. É certo que o tipo de aula que Isadora executava se constituía em as alunas copiá-la, postura comum na época e que perdura até hoje em muitas técnicas de dança. Contudo, ela proporcionava um momento de interpretação e de improvisação em que as alunas também poderiam se expressar.

A família de Isadora, mãe e mais três irmãos, era apaixonada pela Grécia e pelas histórias, o romantismo e a cultura grega. E foi vendo os Mármores de Elgin, a Niké de Samotrácia, as cariátides e as estatuetas de Tanagra que Isadora decidiu usar para as suas danças as túnicas gregas; pois estas traziam leveza e distinguiam a expressão de sua dança.

Como foi dito anteriormente, as danças de Isadora Duncan têm como inspiração principal os fenômenos da natureza. “O grande e único princípio em que me sinto agindo corretamente apoiando-me nele é uma unidade constante, absoluta e universal entre a forma e o movimento[...]” uma unidade rítmica que percorre todas as manifestações da natureza” (KURTH, 2004, p. 40).

## A DANÇA E A NATUREZA

[...] “Quando Isadora dança”, escreve o cronista, particularmente inspirado, “o espírito remonta bem longe ao passado. Remonta à primeira manhã do mundo quando a grandeza da alma encontra sua expressão na beleza do corpo quando o



ritmo do movimento correspondia ao ritmo do som quando a cadência do corpo humano se integrava com o vento e o mar, quando o gesto de um braço de mulher era como pétala de uma rosa que dasabrocha, a pressão de um pé sobre a relva como uma folha que cai acariciando a terra.” (LEVER, 1988, p. 157)

As pessoas e a natureza são uma coisa só. Contudo, esse fato não é tão simples; a manifesta dicotomia pessoa X natureza é destruir a si. A relação com a natureza é algo muito necessário para aguçar a sensibilidade. A partir de Isadora, é possível trabalhar essa perspectiva do cuidado ao meio ambiente e o cuidado de si e do outro (FOUCAULT, 1984). Nesse mundo globalizado em que valores e respeito ao meio ambiente estão ficando obsoletos, percebe-se que essa indiferença se dissemina nas crianças e nos adolescentes. Nota-se que muitas ainda não foram a uma praia.

A Cidade do Salvador tem uma orla marítima extensa, com aproximadamente cinquenta quilômetros e inúmeras praias, quase todas com nomes de origem indígenas, como: Pituba, Itapoã, Pituaçu, Amaralina, Piatã, Patamares, Paripe, Placafor e Periperi. É possível argumentar que se, as crianças perceberem e sentirem a natureza de perto, ficarão mais cientes dela. Por conseguinte, jogar lixo no chão, depredar ambientes na rua e na escola poderá ser algo que ficará no passado. Vivências em lugares como parques, praias, zoológicos, jardins botânicos e cachoeiras seriam de grande relevância para que o sentir estivesse aglutinado ao conhecer, ao encantar e ao emocionar.

Essas são dinâmicas de vivências propostas para serem usufruídas pelos alunos assim que se finalize essa pandemia. Essas podem também serem feitas em sala de aula com objetos trazidos por eles/elas ou pela professora e que possam atender às suas necessidades e perspectivas.

O ambientalista e escritor Ailton Krenak, já há alguns anos, vem travando uma verdadeira batalha em defesa do meio ambiente, da natureza e dos seres encantados que nela vivem, em um pensamento de que nós somos natureza e a natureza somos nós, somos família, somos parentes, somos irmãos. Krenak já escreveu alguns livros buscando alertar a todos nós, seres humanos, sobre a urgente necessidade de mudarmos nossos hábitos de destruição do nosso habitat, a nossa mãe terra.

[...] todas as histórias antigas chamam a terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça beleza e fortuna. Veja-se uma imagem grega da deusa da prosperidade que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas a referência é de uma provedora maternal. (KRENAK, 2019, p. 30)

Entre os livros de Ailton Krenak, *Como adiar o fim do Mundo*, tem a perspectiva de despertar uma consciência sobre a nossa vida na terra. O respeito às forças da natureza é preponderante em diversas religiões e em diversos povos. É fato que os povos indígenas cultuam a natureza como forma de vida e que para os povos de religiões de matrizes africanas as forças da natureza estão completamente presentes. Na mitologia dos orixás, as divindades representam um fenômeno da natureza, suas matas, praias, rios e animais. E esse respeito também está presente nas mitologias Gregas.

Muitas crianças não respeitam e, conseqüentemente, não cuidam da natureza pela falta de contato, por não a conhecer de verdade. As referências que as acompanham pela vida, tal como pais, familiares e amigos, geralmente não têm a consciência de que uma grande parte dessa responsabilidade pertence a eles.

Existem crianças que nunca foram a uma praia ou a uma cachoeira. Nunca foram a um parque gramado, rodeado por árvores. Possível dizer, ironicamente, que acreditam que o leite ‘brota da caixinha’. Crianças que vivem em um mundo frio, de casas em cima de casas e que malmente têm um vasinho com plantas em suas habitações. Até nas novas construções das escolas não têm espaço para natureza viva. A escola em que leciono está em reforma e por pouco não derrubam uma árvore de Pau-Brasil; uma total falta de sensibilidade por parte dos engenheiros. É nosso dever ajudar esses pequenos, que futuramente serão os adultos, a desde sempre, cuidarem e preservarem a vida.

[...] e nossas crianças desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulados do que um consumidor. São adulados a ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadãos? Para que possa ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma forma consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentidos, numa plataforma para diferentes cosmovisões. (KRENAK, 2019, p. 12)

As crianças precisam experienciar a natureza de uma forma real, vivida, para fortalecer o seu entendimento sobre sua relevância em todos os sentidos da vida do ser humano. Como tenho afirmado, crianças que nunca viram uma horta, que nunca viram um pomar, ou pegaram uma fruta do pé, ficam fortemente insensíveis a simples diálogos ou somente a imagens de fotografias, que até são interessantes, mas só isso não basta.

Em razão disso, trago uma proposta de vivências dentro e fora da sala de aula, com a promoção de passeios para idas a alguns parques, como:

- ✓ Parque da Cidade: inaugurado em 1975, preserva significativo espaço de Mata Atlântica em uma área de 724.00 metros quadrados, onde se pode encontrar diversas espécies ornamentais e frutíferas. Árvores como Oiti, Ipê, Pau-Brasil, assim como jaqueiras, cajueiros e sapotizeiros e muitos animais silvestres. Fica localizado entre os bairros de Santa Cruz e Itaigara, possui diversas áreas de lazer e um Anfiteatro (Dorival Caymmi)<sup>22</sup>.
- ✓ Parque São Bartolomeu (espaço com cachoeiras e preservação ambiental) localizado no bairro de Pirajá. Foi moradia dos índios Tupinambás e posteriormente refúgio de negros escravizados e fugitivos, tornando-se um Quilombo. Guarda simbologias da religião ancestral africana em suas árvores, águas e matas. Foi também local da decisiva Batalha de Pirajá<sup>23</sup>.
- ✓ Parque das Dunas, um complexo ambiental com lagoas, dunas e animais silvestres. Compreende aproximadamente 6 milhões de metros quadrados com trilhas para apreciação do ecossistema como flora e faunas exuberantes<sup>24</sup>.
- ✓ Praia de Itapoã (local de muitas histórias e que está mais próxima do bairro de Cajazeiras). Itapoã significa pedra redonda, alguns dizem pedra que ronca, na língua tupi. Com um mar calmo e ondas médias, banhado pelo oceano atlântico, água esmeralda e com piscinas naturais formadas por grandes pedras. Ideal para pescas e experiencição para crianças. Praia cantada por Vinícius de Moraes<sup>25</sup>.
- ✓ Lagoa do Abaeté é uma lagoa escura arrodeada de areia branca. Tem uma paisagem natural. A cor escura deriva da vegetação nativa que envolve toda lagoa, com profundidade de quase 5 metros. Sua fauna inclui peixes, camarões, pitus e cobras d'água. Espaço muito utilizado para cultos religiosos de matriz africana. Lugar repleto de orquídeas, cajueiros, e coqueiros<sup>26</sup>.
- ✓ Parque de Pituacu, localizado na orla de Pituacu (Av. Otávio Mangabeira). Com uma área de ciclovia de 15 km ao redor de uma lagoa e vasta mata atlântica com presença de animais silvestres e várias opções de lazer<sup>27</sup>.

Todos esses lugares citados acima têm condições de proporcionar vivências com o habitat presente de natureza para jovens e crianças. Será um passeio com experiências para sentir e

---

<sup>22</sup> Informações disponíveis em: [www.parquedacidade.salvador.ba.gov.br](http://www.parquedacidade.salvador.ba.gov.br).

<sup>23</sup> Informações disponíveis em: [www.culturatododia.salvador.ba.gov.br](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br).

<sup>24</sup> Informações disponíveis em: [www.parquedasdunassalvador.com.br/ba](http://www.parquedasdunassalvador.com.br/ba).

<sup>25</sup> Informações disponíveis em: [www.salvadorbahia.compraideitapoã](http://www.salvadorbahia.compraideitapoã).

<sup>26</sup> Informações disponíveis em: <https://www.bahiaturismo.com>itapoã>abaeté>.

<sup>27</sup> Informações disponíveis em: <https://www.inema.ba.gov.br>pituacu>.

explorar o espaço e tudo que a ele pertence e está vivo. Sentir a areia nos pés, sentir o cheiro de mato, subir nas árvores, respirar ar puro, tocar nas folhas percebendo a variedade de texturas, ver de perto certos animais só vistos antes em livros e revistas ou digitalmente, perceber a energia purificante e de vida que a natureza nos oferece.

[...] cantar, dançar viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia pela natureza, existe também uma para consumir subjetividades - as nossas subjetividades. Então vamos viver a liberdade que fomos capazes de inventar e não botar no mercado. (KRENAK, 2019, p. 15)

Sobre cantar, existem inúmeras músicas que falam sobre a natureza e que podem ser usadas como referência durante as aulas de dança:

- ✓ *Segue o seco* - Carlinhos Brown. Reflexão sobre a vida no sertão nordestino e a escassez da água nesse lugar.
- ✓ *Barulhinho Bom* - Carlinhos Brown. Reflexão sobre a importância da chuva, e improvisação livre sobre esse tema.
- ✓ *Planeta água* - Guilherme Arantes. Reflexão sobre a importância da água e tema para improvisação.
- ✓ *Borboleta pequenina* - Mariza Monte. Improvisação sobre a natureza.
- ✓ *O Girassol* - Jane Duboc. Discussão sobre a beleza da flor, a busca pelo sol e a temática círculo.
- ✓ *Todo dia era dia de índio* - Jorge Bem Jor. Temática da vida indígena, história do Brasil.
- ✓ *O mar* - Dorival Caymmi. Música utilizada para improvisar a relação do homem e o mar.
- ✓ *Minha sereia* - Dorival Caymmi. Música utilizada para temática do mar e para falar sobre a lenda da Iara.
- ✓ *Passaredo* - Chico Buarque. Tema para pássaros na improvisação.
- ✓ *A ordem das árvores* - Tulipia Ruiz. Tema de improvisação sobre natureza, reflexão sobre a natureza.
- ✓ *Bem-te-vi* - Carlinho Cor das Águas. Tema para improvisação de pássaros.

A questão do cuidado de si e do outro é muito pertinente nos dias de hoje. Nossa sociedade está cada vez mais voltada para atitudes egoísticas e, por mais difícil que seja admitir, desumanas. Acolher o outro com simpatia, um simples sorriso, escutar, dar um colo, olhar nos olhos (a janela

da alma), enxugar as lágrimas, já dá para perceber que existe uma preocupação, um respeito. Cuidar é dar a mão, ajudar na caminhada, mostrar os caminhos da retidão, não deixar que o outro fique sozinho. E quando necessário bradar para se fazer ouvir.

[...] já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – ou seja uma magistratura das relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com o outro uma vez que para cuidar de si é preciso ouvir lições de um bom amigo de alguém que lhe diga a verdade. (FOUCAULT, 1984, p. 4)

Esse “amigo”, da citação de Foucault, somos nós, professores, que temos a missão de orientar os jovens e as crianças para uma ação de respeito para com o outro em todos os sentidos. Respeito é sinônimo de cuidado. A pessoa que respeita entende que em nenhuma situação o outro deve ser discriminado. Não discriminar e não ter preconceito é o caminho de uma sociedade cidadã. É preciso combater o pensamento racista que infelizmente ainda perdura nos dias atuais. A escola precisa propor no seu currículo interno ações em que a valorização da cultura dos povos seja vinculada a todas as disciplinas. O negro é maioria na nossa sociedade e todo seu legado está presente na nossa forma de vestir, nas nossas músicas, nas nossas gastronomias, então porque são vistos como ser menores? Por isso que “[...] movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos.” (RIBEIRO, 2019, p. 12).

## **SOBRE A FARDA**

[...] porque a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir. (ECO, 1982, p. 17)

Na escola pública existe um traje de certa forma limitante, ou seja, a farda (calça jeans, camisa de malha de algodão e tênis. A rede municipal atualmente adota a calça tergal folgadinha, com elástico na cintura, mas a maioria das crianças não a usam, não gostam. Importante frisar que devido à riqueza de diversidade de termos, dialetos sotaques no nosso país, em muitos estados e cidades, farda também é definido como uniforme ou uniforme escolar.

O que vem ser a FARDA? Uma roupa que serve para ser utilizada para um determinado fim e representar um grupo. A farda surgiu juntamente com o exército de guerreiros da antiguidade; Grécia, Roma e China já usavam um uniforme para identificar os seus guerreiros. Ao observarmos em livros de histórias e em filmes épicos, reconhecemos as “fardas”. Atualmente, a farda é utilizada como traje de trabalho, escolar, prisional e em muitos outros ambientes com padronizador, identificador de uma marca, de uma empresa, de um governo por exemplo. Na farda são usadas as cores e símbolos pensados criteriosamente para caracterizar um setor ou uma marca.

Inúmeros profissionais usam fardas como: enfermeiros, policiais, motoristas, esportistas, jogadores de futebol, artista marciais, como karaté, hap-ki-do, nas aulas de ballet, capoeira. Usam-se fardas para organizar e padronizar certos grupos, assim destacando-os dos demais. O que seria o hábito das freiras e monges, senão fardas? Podemos ter orgulho ou vergonha de nossas fardas, de nossas etiquetas sociais.

É certo que uma roupa é também parte do espaço do corpo e ela institui à criança, estudante ou qualquer pessoa uma identidade de pertencimento. A roupa escolhida por uma determinada pessoa transmite uma imagem, uma ideia do que esta pessoa quer comunicar sobre si mesma em sentimento e emoção. Isso é reforçado nos estudos de Pinker (2004) quando ele afirma que um ser humano não é uma tábula rasa e que seus instintos, natureza, temperamentos, talentos vêm no seu corpo e que não é só a genética, o ambiente também faz o homem ser quem é. E o que vem no corpo traz em si uma história, uma vida, o verdadeiro corpo mídia. O corpo é a representação dele mesmo, por si só comunica e diz o que é e quem é.

Em todas as vezes em que fiz o curso da dança de Isadora Duncan, o uso das túnicas era imprescindível e é sabido que em muitos cursos ainda é. Todos os alunos e alunas usavam. A argumentação é de que ao usar a túnica há a possibilidade de uma sensação de liberdade, um poder para soltar os movimentos, um desejo de criar, um sentimento bom. “Sentir-se Isadora”. A metáfora “sentir-se Isadora” é um procedimento bastante mobilizador, seja qual for o gênero da criança (RENGEL, 2007). É um vestuário que transmite uma reverência, uma sacralidade. Nesse momento percebo que a túnica de Isadora também está determinada como uma roupa necessária para essa aula e quando os alunos se deslocam de algum espaço dedicado à dança utilizando as túnicas já são identificados como alunos da técnica de Isadora. Portanto, a túnica também pode ser designada como uma farda.

Apesar de todo preconceito gerado em torno da farda, muitas vezes, usam-nas sem perceber e isso não determina o caráter de uma pessoa apenas indica em que coletivo se agrupa. “É perceptível, portanto, vislumbrar o quanto a humanidade é cíclica. Mudam-se os tempos mudam-se os personagens, mas a essência é sempre a mesma. A busca por identifica-se em um contexto de igualdade permanece inalterada.” (BORGES, 2015, p. 329).

A dança de Isadora, no contexto em que está sendo inserida – escola pública da Rede Municipal de Salvador, num bairro de periferia –, tem que se ressignificar. Usando uma vestimenta bem distante do ideal criado por Duncan, as túnicas esvoaçantes inspiradas nas estátuas gregas, objetivando trazer a sensação de liberdade e leveza para os movimentos da dança.

É certo que uma dança se ressignifica com diversas variantes. Nem todos que dançam a mesma coreografia a dançam do mesmo jeito. São corpos diferentes que trazem no corpo histórias que a diferenciam do outro em contextos, culturas e sentimentos. O lugar, os ambientes também dão outro sentido à dança, assim como, e principalmente, o vestuário. Um figurino diz muita coisa: comunica, expressa e interpreta o movimento.

Não quero aqui criar polêmica e sim provocar uma reflexão. É fato que introduzir o uso das túnicas nas aulas baseadas na dança de Isadora Duncan na escola pública municipal Fazenda Grande 2 seria muito complicado. Por isso, o que quero, simplesmente, é apontar que, mesmo com o uniforme escolar, a criança poderá experimentar uma dança que busca pelo sensível, pelo cuidado de si e o cuidado com o outro e com percepção sobre a importância em preservar a natureza. Estar com essa farda, para essa dança, não é o ideal, mas é possível.

## Semestre suplementar 2021.2 - componentes curriculares optativos

### PRODAN 0005 – TÓPICOS ESPECIAIS EM DANÇA: ANÁLISES DE CONFIGURAÇÕES COREOGRÁFICAS.

**Professoras Doutoradas: Dulce Aquino e Helena Katz**

**Nota - 9,2**

Ementa: Estudos e análises de configurações coreográficas sobre perspectivas estéticas e crítico-analíticas com discussões sobre modo de produção.

Conteúdo: A Alfabetização pelo olhar. Espaço e Tempo. Os entendimentos de Movimento. A questão da representação e a Modernidade. A Cilada dos Universais: corpo com deficiência, corpo índio, corpo negro, corpo trans. Autoavaliação como forma refinada do pensamento crítico.

#### **Comentários sobre o componente curricular**

Quando eu soube da oferta desse componente curricular e que iria abordar a análise de coreografias, com as potências de conhecimentos e sabedoria sobre o assunto – Helena Katz e Dulce Aquino –, fiquei mais que entusiasmada com a possibilidade de participar desse aprendizado. Precisava realmente estar nessa turma e aproveitar ao máximo o que essas professoras pudessem me oferecer. E confesso que foi uma escolha perfeita.

Analisar coreografias com um aprofundamento sobre concepção temática, técnica e estilo de dança utilizado, pesquisa aprofundada e *in loco* sobre a proposta e uma nova forma de pensar o olhar numa perspectiva da alfabetização pelo olhar.

Barbosa (1992) defende a existência de um “processo de alfabetização” pelo qual devem passar nossos alunos em sala de aula e dá ênfase à leitura da palavra, dos gestos, das ações, das imagens, das necessidades, dos desejos, das expectativas de nós mesmos e do mundo em que vivemos. “Esta decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora em relação ao passado” (BARBOSA, 1992, p. 6), pois ler e julgar a qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca faz parte de entendermos, de sermos mais críticos em relação a nossa herança cultural (BARBOSA, 1992, p. 34). Em suma,



“o papel da aula deve ser o de transformar os alunos em ‘melhores pensadores’ em arte”, “melhores consumidores, espectadores, almas (Sitton, in Getty Center for Education in the Arts, 1989, p. 137)” (MARQUES, 2011, p. 41).

### Professoras Dulce Aquino e Helena Katz – Alfabetizar pelo olhar

#### Primeira atividade

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 2011, p. 60)

Aprender, apreciar, observar, ensinar, conhecer, entender, ser. Esses e muitos outros sinônimos seriam muito bem utilizados para traduzir o alfabetizar em dança.

Existem diversos sinônimos para essa palavra tão simples, mas muito significativa. Num momento em que estamos a serviço da aprendizagem, do novo e do velho, em novos olhares.

Estar aberto para o aprender proporciona maior possibilidade para compreender um pouco mais sobre esse mundo que nos acolhe e nos apresenta uma diversidade esplêndida, em vários campos do conhecimento acadêmico e popular.

O popular se ressignifica numa constância muito real, a natureza humana busca, a todo instante, novos caminhos para solucionar problemas e superar os obstáculos que aparecem. Reinventar, recriar e criar são formas de se estabelecer no tempo/espaço/movimento.

Alfabetizar na dança/coreografia é criar um novo olhar para propostas de pesquisa de movimento, de concepção, contextualização, em processos de criação de um trabalho coreográfico que tem como base comunicar e expressar um desejo, um sentimento, uma ação política.

O não preconceito tem que ser ensinado por todo sempre. E a Dança, como todas as artes e como tudo que nos rodeia, tem um olhar preconceituoso para quem não é seu par, para quem não pensa igual. E a essa concepção se aplica a ampliação dos olhares, nos quais se respeita e se apropria da dança do passado para transformar recriar, reviver e colocar o seu eu do passado no presente/futuro.

Para ter essa “visão” educada, inclusiva, diversificada, é preciso alfabetizar emoções, conhecimentos, percepções. Paulo Freire (2011, p. 61), grande alfabetizador, afirmava: “[...] o

homem foi criado para se comunicar com os outros”. Ele já tinha uma visão inovadora em alfabetizar, partindo do princípio de conhecer e entender o mundo que rodeia o estudante, respeitando sua individualidade e sua história, o que proporcionaria uma aprendizagem mais aprofundada para o letramento, o verbo, a frase, o texto. Estamos nos alfabetizando a todo o momento, na necessidade de procurar compreender melhor as adversidades que estão presentes e aparecem, por toda nossa vida, em vários contextos: social, político, emocional e educacional.

Quando ensinamos os primeiros “passos” da Dança ou propomos temas simples para improvisação, abrimos possibilidades para reflexão do fazer do movimento consciente. Mesmo que no primeiro momento não seja percebido na íntegra.

O olhar é muito pessoal, individual. Acompanha o indivíduo em toda a carga histórica de vida, genética, emocional, de saberes e da sua cultura. Impossível ser igual, mas poderá ser alinhado por sensibilidades e aprendizagens e o conhecimento de outros fazeres. Vamos possibilitar aos olhos ultrapassar fronteiras, barreiras e conceitos pré-estabelecidos.

“Alfabetizar o olhar” na dança tem um cunho poético, e digo até romântico, necessário ao estudo da arte!!!.

## **Referência**

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. Ed. São Paulo. Cortez. 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Simone Lisete Santos Gomes

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel.

Que bom que refez, Lisete, expandindo e apresentando o seu conhecimento sobre educação. Sugerimos somente que reveja o seu último parágrafo, no qual atribui um cunho romântico à alfabetização do olhar. A proposta é de uma construção permanente, dissociada do letramento na linguagem verbal, buscando a especificidade de cada obra, por entender que é ela quem pede o tipo de alfabetização que a possibilitará ser “lida”.

Nota: 9,5 (nove e meio)

Segunda atividade

**ESCOLA DE DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA****MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA – PRO DAN****Componente Curricular: Tópicos Especiais em Dança – Análises de Configurações Coreográficas****Professoras Doutoradas:** Dulce Aquino e Helena Katz**Mestranda:** Simone Lisete**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel.

a) Entendendo a alfabetização do olhar como uma condição para não lidar somente a partir de si mesmo com o que se apresenta, e sabendo da profunda desigualdade que caracteriza o acesso à educação, no Brasil, como pensa o papel da produção artística nesse quadro, que necessita ser transformado?

Sobre produção de danças e valores

Penso, de início, em não usar o termo “alfabetizar”, pois remete de modo muito forte à linguagem verbal. Argumento, também, que devemos usar termos que não mantenham as desigualdades. “Olhar” como metáfora de conhecer, saber, entender é um termo que não abrange quem não vê ou tem baixa visão. Portanto, evito usá-lo. Não é fácil, mas tento no exercício diário. Esse é um dos papéis da produção artística: refletir sobre as palavras que apresenta. Mas, ainda que seja necessário pensarmos no uso de nossas palavras, é muito importante a proposta de “alfabetizar o olhar”, muito pertinente para o momento atual, em que não se analisa a arte da dança em aspectos detalhados de processos e elaboração coreográfica.

O modo que argumento aqui sobre “produção artística” abarca também a produção educacional de danças que se faz no ambiente escolar, ainda que precário. Como fazer dele uma constante atuação para sua transformação? É preciso viabilizar a aproximação das pessoas com a Dança, trazendo para perto apresentações ao vivo, ou até mesmo, em vídeos, espetáculos, vivências, com momentos de sugestões de improvisações para dança, rodas de conversa. Devem ser pensados diversos recursos para crianças, adolescentes e jovens buscarem a sua Dança. Trazer o que não é lembrado, nem desejado. Precisamos ampliar o sentido de mundo. Mais do que ver o mundo, precisamos cheirar, ouvir e, conseqüentemente, dançar o mundo. A antropóloga Oyèrónké Oyèwùmí (2021) nos alerta para a prerrogativa visual que o “mundo ocidental” criou, por isso, sugere usar sentido, educar os sentidos, habituar os sentidos.

Os sentidos necessitam ser colocados numa dimensão à frente de um hábito periférico de se referenciar sobre o mundo, à frente da percepção e à frente dos sentidos pessoais, pois aquilo que se percebe sobre o mundo é limitado, sendo uma forma de conhecer. A percepção pode ser exercitada, educada para, ainda que reconheçamos nossa parcialidade, possamos ultrapassá-la.

Com base no texto de Azoilda Loretto da Trindade (2010), no qual trata de *Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil*, reforço, aprendo e me inspiro em valores que poderão transformar essa “profunda desigualdade que caracteriza o acesso à educação”. Há muito a se questionar no termo “civilizatórios”, mas não vem aqui ao caso. De todo modo, valor, valores. é um termo necessário, atual, talvez atemporal. Eles orientam nossos princípios, ideais, utopias, ações. Um valor para a autora é a ludicidade em viver e entender o mundo de uma forma aberta aos acontecimentos, leve, mas consciente das suas necessidades sociais, existenciais, espirituais, materiais e políticas. Outro valor é a circularidade, os jogos em roda, as cirandas, o samba de roda, roda de capoeira. As brincadeiras em círculo abrem espaço para o outro. As produções, ainda que não usem um círculo de fato, devem ter a circularidade e/ou horizontalidade como valor, para que haja acolhimento, respeito aos diferentes. E todos poderem participar, das criancinhas aos bem mais velhos, os homens, as mulheres, gordos, magros. Todos recebidos sem distinção, de nada. E muito menos de cor.

São tantas discriminações, tantos preconceitos, que quase não se vê essas atividades no nosso cotidiano. Azoilda Trindade fala do valor “corporeidade”. O corpo, sempre entendido como alguém, a cada dia a ser valorizado em sua forma, tons de cor da pele, penteados, maneiras de se locomover, de sentir e pensar. Saberes e conhecimentos que estão impregnados, nesse corpo histórico. Corpo negro, pardo, miscigenado, branco, indígena.

E refletindo sobre o que venho apresentando, poderemos pensar em uma dança que traga o valor também mencionado por Azoilda Trindade, que é a “cooperatividade”. Uma forma de alcançar a todos, que a maioria esteja em produções artísticas que manifestem a cooperação, a participação coletiva, feita com cada cooperação específica.

Considerando ser de suma importância apresentar, propiciar o momento da Dança, tanto na prática do movimento, como na apreciação de espetáculos cênicos como culturais, o que deve ser feito para que isso aconteça preponderantemente na e para a comunidade? Essa é uma responsabilidade que cabe a nós: profissionais da arte da Dança, educadores e a todo hemisfério político.

A Dança tem que estar em todas as escolas, em projetos culturais educativos, em espaços públicos como praças, parques, praias ou em todo local em que se achar viável apresentar ou vivenciar. A vivência é um procedimento na minha pesquisa profissional chamada “Isadora veste farda”. Embora a dança de Isadora seja praticada em academias e escolas de dança, com uma roupa específica, que são as túnicas, na escola pública ministro aulas; ela é dançada com o uniforme escolar, ou seja, a farda. Levo as crianças aos lugares onde a natureza está preservada, propiciando um contato com o meio ambiente. Muitas crianças nunca viram de perto uma cachoeira, um parque arborizado abundantemente, dunas, ou, até mesmo, não foram a praias. Ver de perto variações de verde, perceber diversidade de animais existentes no local, sentir texturas de folhas, caules, as asperezas ou a maciez da terra, da areia. Ver e sentir para saber, perceber.

[...] A arte é antes de tudo o ritmo da natureza, é o movimento das ondas, dos ventos, das nuvens, das flores, de tudo o que vive à volta de nós, até as mais ínfimas parcelas da matéria. É aí que se devem buscar as formas mais belas, para depois encontrar aquilo que traduza mais fielmente a alma dessas formas... O que conta é a relação entre a tormenta e a paixão, entre a brisa e a doçura, entre o corpo e o universo. (LEVER, 1988, p. 35)

**PRODAN – 0027-5757 – TÓPICOS ESPECIAIS EM DANÇA: CORPO E HISTORICIDADE**

**Professoras Doutoras Carmem Paternostro Shaffner; Maria Sofia VB Guimarães (Suki); Mirella Mise**

**Nota: 10,0**

Ementa: Estudos que abordem a experiência investigativa em Dança, Corpo Memória e Cultura Digital; Noções de tempo, Historicidade e Historiografia. Produção memorial em Texto e em vídeo dança.

Conteúdos: Introdução a Noções de História, Historiografia, Historicidade/Introdução à Teoria do Gesto/Introdução ao Tema Corpo em relação à Historicidade/ processos de criação de texto.

**Comentários sobre o componente curricular**

Muito gratificante cursar esse componente e estar na companhia de professoras de quem gosto muito e de minha colega de faculdade, Mirella Misi. Ótima condução por parte das professoras, tudo abordado com muita leveza e acolhimento.

As diversas atividades, como assistir aos vídeos *O perigo de uma história única* e *Quem somos nós*, o seminário sobre vários teóricos, a exibição de um vídeo que ilustrava os conceitos determinados e a participação de convidados, tal como Dulce Aquino, enriqueceram grandemente todo o percurso do componente curricular.

Alegria de perceber que o Mestrado Profissional foi um grande incentivo para voltar à Faculdade de Dança. Pensar que o nosso fazer seria valorizado me fez acreditar que o meu fazer pedagógico no dia a dia em sala de aula, por mais de trinta anos, finalmente seria considerado um fazer vinculado a planejamentos estruturados, pesquisas metodológicas para a prática pedagógica e a busca de infinitos recursos para transpor a didática para aula de dança. O primeiro princípio sobre a aplicação de uma aula de dança seria que o professor tem que estar apaixonado pela sua própria aula e eu amo muito o que faço e do jeito que faço; e em segundo lugar; o professor tem que usar de diversos artifícios para mobilizar ações pelas quais o aluno também se apaixone. Não é fácil, mas é possível; e quando conseguimos, é uma maravilha.

Entro no Mestrado com ótimas expectativas de reconhecimento sobre o meu fazer. Dar aula, definir conteúdos, pensar em modos de avaliação e estratégias requer muito estudo, muito conhecimento. Sabemos que saímos da faculdade sem fórmulas para o ensino adequado. Mesmo tendo aulas de metodologia, a única coisa que não aprendi foi método.

A disciplina Corpo e Historicidade me trouxe uma grande reflexão sobre a relevância da história que trazemos, que construímos na vida e na arte. Não observamos verdadeiramente o nosso papel no mundo e tudo o que absorvemos e que deixamos inscrito no contexto familiar e no contexto social e principalmente o que o corpo memoriza.

Assistimos a um vídeo muito significativo, *O perigo da história única*, que nos permitiu fazer uma relação muito pertinente sobre todas as formas de preconceito que existem no Brasil, onde a história do negro e até mesmo dos índios não foi ouvida; e o filme *Além dos Cosmos*, que relata, por meio de conhecimentos científicos, a existência de Multiverso, ou seja, a existência de outras vidas em outros universos, o que comunga com o meus estudos sobre espiritismo, que defendem a mesma ideia, chamando-a de pluralidade de mundos habitados. E que, em algum lugar exista, uma ou duas pessoas iguais; isso me fascina.

Com Françoart Delsart, foi lembrado como surgiu o estudo do gestual, a partir do movimento do cotidiano, com observações das populações nas ruas, igrejas, dando ênfase ao conceito trinário entre gesto, movimento e espírito, relação céu e terra, influenciando muitos dançarinos e pesquisadores da dança, como Isadora Duncan, Merce Cuningan, Martha Granham, Mary Wigman, Rolf Galevisk e muitos outros.

A presença de Dulce Aquino, jovial, com sua generosidade e conhecimento, fortaleceu e ampliou os conhecimentos sobre história, políticas culturais e história da dança na Bahia e no Brasil. Verdadeira biblioteca viva: ela relembrou a importância da Faculdade de Dança e da Oficina Internacional de Dança Contemporânea, que revolucionou e alavancou a visibilidade da dança na Bahia, no Brasil e no mundo.

#### Sobre o filme *O perigo da história única*

O filme nos faz refletir que o contexto da história da autora está muito relacionado às memórias de tudo que nos foi ensinado e apresentado durante nossos momentos de vida. Coaduna completamente com as nossas relações que vieram desde o momento em que o negro escravizado

começou a questionar, quando começou a frequentar a escola. Fomos direcionados a um conhecimento superficial da nossa herança e muitas vezes invisibilizado e escondido sobre nossa identidade e formação da nossa cultura. A maioria do que nos foi dito sobre nós está deturpada, além de muitas vezes nos serem contadas mentiras.

Muito relevante poder descobrir quem você é e de onde vem, e principalmente as perspectivas de vida que poderá ter.

Somos reféns do preconceito que sofremos e que praticamos ao outro, até sem mesmo perceber. Isso porque, em diversos momentos, não estamos dispostos a conhecer o que pode ser a verdade, e, por consequência, nos precipitamos a julgar, acreditando que tudo é igual. Podemos até ser iguais, mas com diversas diferenças. Temos estilo morfológico corporal, faixa etária, gênero, tons de pele, gostos pessoais, tamanho e muitos outros fatores que nos individualizam.

#### Sobre o filme *Além dos Cosmos*

Incrível a evolução da ciência a cada dia que passa, em especial na atualidade. Contudo, podemos notar o registro de grandes descobertas desde o passado. Os cosmos nos dão a indicação de que em outras esferas existem outros universos, os multiversos. E que existiriam seres iguais a nós, como duplicados ou triplicados em outros lugares fazendo coisas diferentes. No estudo do espiritismo, existem cinco princípios determinantes e os dois últimos tratam justamente das pluralidades de existência e pluralidades dos mundos habitados. Esses princípios foram trazidos em 1864 bem antes dessa revolução na ciência. Isso tudo faz-nos refletir sobre quão pequenos somos e quanto precisamos estudar sobre o Cosmos e seu infinito. Nossa terra é um nada diante

#### Aula especial com a professora Dulce Aquino

Quanta jovialidade cabe em uma mulher!! Lucidez sabedoria e conhecimentos.

A Professora Doutora Dulce Aquino foi professora, diretora da Escola de Dança da UFBA. Pessoa forte e lendária da Cultura na Bahia. Fico feliz por sua presença e generosidade em nos contar tanto da história da dança, da história das artes, contar sobre política e sobre cultura e política culturais. É uma honra ter sido sua aluna no componente Metodologia do Ensino da Dança e Prática de Ensino.



Dulce foi idealizadora da Oficina Internacional de Dança, oportunizando a apresentação de novos coreógrafos e trazendo referências internacionais para serem vistas nos palcos dos teatros baianos. Momento peculiar que deveria ter continuidade por meio de novos projetos para sociedade tão carente por arte. Muito orgulho em vê-la participando desse componente e ainda ouvi-la falar com tanta propriedade. Ela apresentou possuir uma memória fantástica ao narrar fatos relacionados à Dança e a todo contexto referente à sua história, citando detalhes e nomes dos personagens envolvidos. Verdadeira biblioteca viva. Quantas conquistas, lutas e sucessos cabem em Dulce; sou fã dessa pessoa irreverente e singular.

### Atividades em grupo

Várias leituras interessantes foram indicadas. Além disso, apresentamos um seminário a cerca da leitura sobre história e historiografia. O grupo foi composto por Iva, Ely, Rita, Mag, Cláudia, Ariana e eu. Não nos escolhemos e nem escolhemos o texto. As colegas foram se escolhendo e escolhendo os textos de forma espontânea, por fim, ficamos nós e o texto de Andréia Nhur, *Escrever história da Dança: das evidências às discontinuidades históricas*. Texto que enfocava a importância da história e da historiografia, ressaltando que não só os fatos são importantes, mas o contexto no qual esses estão inseridos.

Acrescento sobre a importância desse tema que, quando aparecem novos personagens e novos fatos na história, não significa que o que aconteceu anteriormente foi apagado, de forma como se nunca tivessem existido. A Dança tem uma característica de ser, a partir da modernidade, muito efêmera, desqualificando as obras de artes e artistas anteriores. E principalmente temos a infantilidade de acreditar que estamos criando algo novo. A vanguarda foi incrível em termos de produção criativa, devemos muito aos que vieram antes.

Apresentamos o seminário e produzimos um vídeo com nossos pés fazendo caminhos diversos em um mosaico divertido e interessante. Nosso grupo foi muito harmonioso e amamos o nosso texto, fizemos discussões incríveis sobre o tema, aprofundamos vínculos, cada uma apresentando seus pontos de vistas, com a participação de todas, com muito acolhimento, compreensão e afeto.

## ESCREVENDO HISTÓRIAS COM LETRAS MAIÚSCULAS

Em seu texto, afirma que a história tem singularidades e uma valorização do seu contexto. Andréia Nhur defende que o investigador não deve se deter apenas ao fato e que a historiografia vem para revisar os procedimentos do historiador, o qual deve sair da cronologia e fazer uma investigação mais crítica da Dança, observando vários fatores para seu objeto de estudo.

Conclusão: A história da Dança realmente não deve ser linear. Embora digam que a Dança começa pela Dança Popular e segue pelo Ballet Clássico, Dança Moderna e a Dança Contemporânea, não existe a morte de um segmento para o surgimento de outro e inclusive a Dança Popular se reinventa de tempos em tempos, se transformando e sobrevivendo. Contudo, a dança da elite, o Ballet Clássico, continua enchendo os teatros e a dança moderna continua lutando para ter espaço nos palcos, lutando por plateia, na busca pela clientela. Porque será???

### Carta ao Corpo

Meu querido eu corpo, lembro-me de você sonhador e feliz dançando na sala e na varanda da casa sem vergonha, dançando qualquer tipo de música e em qualquer oportunidade. Quando dançar era a coisa mais natural da vida. Dá saudades desse tempo. Fomos nos desenvolvendo, cheios de esperanças de que coisas boas e lindas iriam acontecer no futuro. Sua transformação foi intensa, buscando seus sonhos e tendo anjos pelo caminho que possibilitaram a sua realização. Muito dedicado a se aperfeiçoar, e os obstáculos eram ultrapassados como um lindo *grand jeté*. Aliás, você era fera nos grandes saltos. Sinto muitas saudades desses momentos de espontaneidade, dos grupos de dança dos quais fizemos parte (Airys Dance, África Poesia, Grupo Apsaras, CDC de professoras, Grupo de Belly Barbosa). Saudades do curso técnico da FUNCEB e de nossos colegas. Dos nossos vinte quatro anos trabalhando como professora da Escola de Dança da FUNCEB. Como foi bom cursar a Faculdade de Dança, um fato muito importante para sua, nossa vida. Como você é inteligente em praticar diversas técnicas de dança, fazer artes marciais (Hapkido), cantar, participar do grupo Filo Bonecos e Cia, cantando e interpretando, fazendo recreação para adultos e crianças. Dando aulas e coreografando. Você para mim, eu reconheço, me reconheço, te reconheço, nos reconheço como pura maravilha. Quanta potência e particularidades importantes neste ser.

Uma coisa é certa... nem tudo é para sempre, e erramos acreditando que não mudaríamos esse corpo, matéria-prima, e que nossas ações não iriam influenciar nas transformações físicas que ocorreriam com a gente. Peço-te perdão por tantos erros que cometemos contra nós. Não sei se dá tempo para reverter o que fizemos, mas vamos tentar. Te amo!

GRANDE ABRAÇO.

**PRODAN – 0026 - 5758 – TÓPICOS ESPECIAIS: CRIAÇÃO AUDIOVISUAL NA INTERAÇÃO COM A DANÇA**

**Professora Doutora Daniela Guimarães**

**Nota: 9,5**

Ementa: Introdução à imagem em movimento através da visualização de obras audiovisuais em Dança, Cinema e Vídeos e de suas interações, analisando e discutindo as diferentes abordagens concepções e técnicas. Experimentação e produção de forma colaborativa, a partir de noções básicas de criação fílmica em dança: temática roteirização, elementos fílmicos, planejamento, decolagem, relação corpo câmera, gravação edição.

Conteúdo: O olhar: o que vemos e o que nos olha? Estudo de composição. Estudo de espaço e do tempo cinematográfico. Estudo do movimento do corpo. Estudo de câmeras: enquadramento, ângulos e movimentos. Estudo da luz, cor, desenho do (no) espaço. Estudo dos movimentos de câmera. Estudos do espaço, corpo e movimentos de câmera. Estudo de edição.

**Comentários sobre o componente curricular**

Quanto aprendizado nesse componente, quanta generosidade por parte da professora, quanto apoio por parte dos colegas. De forma simplificada, mas muito bem contextualizada, aprendi muito sobre a importância do audiovisual para criação de uma dança mais aberta a novas possibilidades, às novas tecnologias e que acompanha a virada informatizada do século XXI. Maravilhosas as experimentações e apropriação da associação das ações entre o corpo e a câmera. Falar dos sonhos e analisar as expressões por detrás de uma imagem fotográfica e isso ser o pulso para uma concepção solística é mobilizador.

Áudio visual 2

Roteiro fílmico

Primeira cena (INT, ao pé da escada, olhando para cima - dia)

Mulher na sala de casa perto da escada que vai dar no primeiro andar visualiza a sua própria foto.

Expressão de admiração.

Segunda (INT, ainda na escada, dia)

Cena subindo a escada faz movimentos intensificando uma relação entre o eu real e à imagem emitida na fotografia. O espelho e a foto.

Terceira cena (EXT, na porta do lado de fora da casa, dia)

Referência frustrada sobre a passagem do tempo, jogando várias fotos para cima e espalhando outras fotos pela casa.

### Reflexão sobre o componente curricular Criação audiovisual na interação com a Dança

Todo início vem recheado de curiosidades, perspectivas, ansiedades.

Começar um mestrado com tanto acolhimento, me sentindo acariciada pelos colegas e pelos professores foi maravilhoso. Tem muita gente de bom coração nesse lugar da arte, nesse lugar da Dança. Pensei logo que estaria no lugar certo, na hora certa, com as pessoas que o universo colocou para estarem do meu lado como anjos e me orientando como mestres.

Começa e para... pandemia, semestre suplementar. Vou aproveitar ao máximo!

Computador? Vai ser fácil, eu sei receber e enviar e-mail!

Escolha dos componentes! Dança e audiovisual. Maravilha. A professora Daniela indicou as propostas da disciplina e eu feliz: vai ser bom, vou aprender a mexer com as tecnologias.

Êpa! Achei que fosse fácil. Não, não, não é fácil. Tem que ter certo domínio. E agora? A pró apresenta Artur que muito me auxiliou nesse processo.

O sonho. Sempre me intrigou a questão do sonho, a maioria deles eu lembro ao acordar, posso não lembrar todo, na íntegra, mas de boa parte dele. A busca dos significados foi uma curiosidade tão intensa que cheguei a comprar livros e dicionários dos sonhos para tentar compreendê-los. Acreditava que alguma mensagem chegaria até mim por intermédio de sonhos e realmente obtive vários avisos, apenas não pude ter a compreensão para tal entendimento. Escolher e escrever um sonho para apresentar foi difícil, os sonhos não têm uma linha, fatos se misturam e lugares também, geralmente são muito complexos e certamente, às vezes sem nexos. O jeito foi misturar um sonho no outro para dar um corpo à história.

Foram vários dispositivos apresentados para criação fílmica: fotografias maravilhosas como tema de observação, discussão. O próprio ato de filmar com jogo de perto e longe, sair e entrar na imagem para abordagem criativa foi muito interessante. Escolhi a imagem do Ritual Funeral que

me marcou muito (várias mulheres ao redor de um caixão, vestidas de preto, algumas com a cabeça também coberta, cabelos longos, rosto parecendo de chilenos), pois o momento em que estamos nesta pandemia, com tantas perdas e tristezas marcam muito. Existe um luto interno que vai persistir por muito tempo em nossas vidas.

Assistir a filmes de dança... O movimento... A câmera passa ser extensão do nosso corpo nesse componente que foi emergencial para os estudos e fazer artístico em momento de isolamento.

Daniela falando das atividades passa uma simplicidade na execução que nos faz acreditar que podemos entender a arte de produzir um filme e que é tudo muito fácil. Aprender as nomenclaturas das ações das câmeras me fez entender a complexidade que existe na produção de um filme, as perspectivas das imagens em relação à câmera e ao *jogo lúmen* foi muito gostoso de fazer. Na verdade, não é problema produzir, o problema está em com mandar para o drive, para o Facebook, para o Moodle. Ainda não consigo fazer isso!!!!

Todo esse aprendizado vai ser muito relevante na minha produção do trabalho no mestrado, pois, primeiro, teremos um registro coreográfico mais aprimorado, com identidade. Segundo, que eu poderei investigar proposições coreográficas em vídeos, em filmes que irão fazer do meu fazer criativo algo único e acessível a diversas comunidades, colaborando para elaborações riquíssimas nos processos de criação fílmicas, ganhando espaços inimagináveis e fazendo da arte da dança totalmente globalizada. E esperar que um dia, quem sabe, seu nome seja colocado em um livro de história da dança, na perspectiva de que muitas outras pessoas irão folheá-lo e nosso trabalho na obra de arte esteja carimbado.

Meu processo em criação fílmica foi um pouco complicado, justamente na ação de filmar a mim mesma sem um recurso de aparelhagem adequado. O celular não sendo muito potente e não tendo uma pessoa disponível que pudesse administrar a câmera, me fez repensar sobre como fazer uma filmagem com todos os critérios anunciados na solitude. Portanto, creio que minhas gravações não foram muito eficazes ao pedido da professora, mas foi feito pensando numa aprendizagem que estava e ainda está superando muitos desafios em toda essa parte da tecnologia. Só tenho a agradecer por essa oportunidade que está literalmente me tirando de uma zona de conforto potente. Gosto muito de improvisar, criar coreografias, esse processo me dá muito prazer. Sempre coreografei para as minhas alunas e alunos da Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB, por vinte e quatro anos, e da Escola da Rede Municipal há quase quatorze anos. Ver meus/minhas alunos/alunas dançar faz-me sentir muito realizada.

Quero aqui agradecer a Artur e a Celinha por toda ajuda que me deram, sem eles não conseguiria enviar as minhas produções. São dois colegas maravilhosos, verdadeiros anjos para mim.

Vale dizer que tenho pouquíssimos registros de minha dança em fotografias e nenhuma visualização em filme. Uma pena. O bom da obra de arte é sua imortalidade. É importante que o maior número de pessoas veja, apreciem.

### Atividade sobre relato de sonhos

Sempre fui fascinada por sonhos, querendo entendê-los, interpretá-los, descobrir seus mistérios, em vão. Depois de um tempo passei apenas a aceitá-los, nas mudanças de ambientes e contextos, nas mudanças de personagens e temas, muitas vezes desconexos como uma simples mágica.

Para esta atividade, aguardei o dia do sonho que viesse por inteiro, pois sonho todos os dias, mas nem sempre me lembro do todo e até não lembro como foi. Mas sei que sonhei. Às vezes acordo lembrando-me do sonho, mas de repente esqueço, persisto na tentativa de lembrar, sendo em vão. Dizem que passa o “véu do esquecimento”.

Relato de um sonho:

O mar

Eu andando pela praia com meu querido

O apartamento

Ele não estava bem. Encontrei-o no quintal desmaiado por cima das gramas. Um homem negro, alto, cabelo bem curtinho, vestindo calça bege e camisa azul clara. Ao acordá-lo, ele me disse que atravessaria até a ilha nadando e me deu a chave do apartamento para entregar a sua família. Fui arrumar o apartamento, o banheiro estava sujo, e num instante entrava uma mulher negra, da minha altura, cabelo estilo black power, bem preto, que a princípio não me enxergava. Eu abri a geladeira e pegava muitas uvas verdes, doces que escorregavam pelas minhas mãos. Perguntei a ela quem teria lhe dado a chave do apartamento. Saí, já estava na rua no meio do trânsito, em um desfile onde havia muitos personagens da Disney. Ouvi alguém me chamando. Um homem conhecido. Negro bem alto e forte de branco: calça, camisa, com um blazer, vestido sofisticadamente. Consegui atravessar a rua bastante movimentada e ir ao seu encontro do outro. Dava-me um recado,

mas não me lembro do conteúdo. Do outro lado da rua, eu estava no meio do desfile que vinha em minha direção. Parecia o maracatu rural de Pernambuco. Muito brilho franjas brilhantes cobrindo todo o corpo, como um macacão, mas eu não via os rostos. Era muita gente e eu passando pelo meio das pessoas pela rua. Cantavam uma música conhecida, eu acompanhava o canto, mas não me recordo da música.

O homem que ia atravessar a ilha nadando era uma pessoa importante para mim. Vi seu rosto conhecido no sonho, mas fora dele, não sei quem é. Ele deu a volta correndo ao redor da ilha em que eu estava, em uma estrada de barro. Era longe, mas eu o acompanhava com os olhos como se estivesse bem perto.

Era noite. No ponto de ônibus, eu e uma amiga vestidas de longo branco. Avisando a todos que entravam no ônibus. O quê? Não sei. Entregávamos um papel branco e descíamos do ônibus. Fazia-nos isso repetidas vezes.

Descendo a escada da casa, ouvia muito barulho e confusão no quarto. Ao chegar ao local, eu vi muitos gatos, de todas as cores e eu os enxotava. Foram saindo pela janela, mas um gato tigrado e maior se recusava a sair. Com muito custo, o expulsei. Miados na sala e lá estavam muitos outros gatos, mais de cinquenta, uns brincando e outros pelo chão e pelos sofás. Também os tirei de lá. Saíram pela janela da sala. Os filhotes foram ajudados pelos pais. Os pelos espalhados pelos móveis. Bolos de pelos que eu olhei no espaço, perplexa. Pelos e cabelos por todos os cantos da casa. E, neste momento, uma sensação de medo e de nojo tudo junto; sem saber o que fazer, saí do local batendo a porta. De repente já aparecia numa praia andando na areia branca bem perto da água do mar, olhando para o horizonte ao longe. Procurava alguém, mas não sei quem era, não lembro quem estava procurando. Mistérios que o sonho sempre nos apresentam.



**Semestre suplementar 2020.2 – optativo****PRODAN – 0014 – 5760 – PERFORMANCE NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE POÉTICAS E TENSIONAMENTOS TEÓRICOS.****Professor Doutor Fernando Ferraz****Nota: 9,0**

Ementa: Estudo da produção teórica sobre as poéticas negra no Brasil e na diáspora, e os entrelaçamentos com as políticas afirmativas da cena contemporânea. Análise de seus percursores, dimensões históricas e tensionamentos teóricos. Percepção dos procedimentos de criação em Dança embasados nas diversas esferas da vivência na diáspora, suas simbologias, experiências e desejos.

Conteúdo: Atividades de leituras de texto/Danças e diásporas Negra/mapas de literatura, coreográfico, educacional/ Discussão de mapas e conceitos/ Fórum Negro/ Matrizes Negras/Pioneiros da dança Negra/Compartilhamento de Cartas/Dança Negra Moderna/poéticas políticas: antirracismo e as políticas da identidade/Arte negra e Educação/Outras danças, epstemisnegra/Cena contemporânea: desafios políticos e possibilidades/Compartilhamento dos projetos.

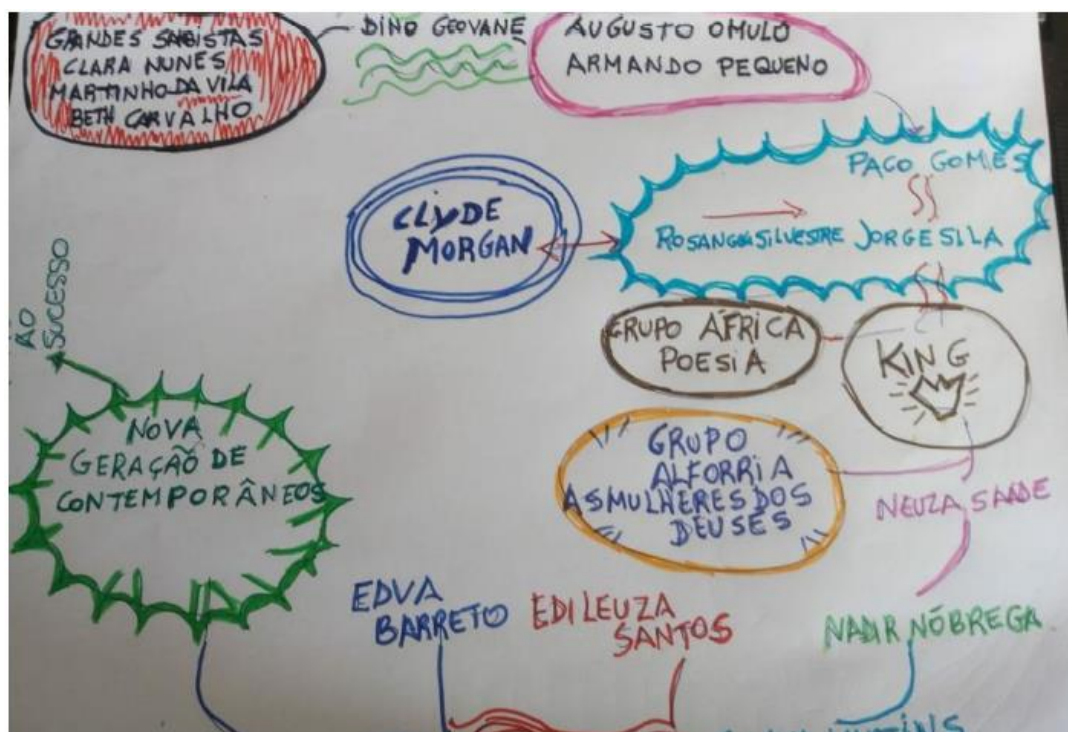
**Comentários sobre o componente curricular**

Quando vi o título desse componente, fiquei muito entusiasmada, acreditando que deveria ser um momento de estudo que traria novos conhecimentos sobre o negro nos dias de hoje. Foi um grande acerto. Tenho Especialização em Metodologia do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e sabia que esse componente só viria a ampliar e fortalecer os meus estudos. Percebi que esse tema mexe muito com meu ser e que ainda pretendo embarcar por essa seara da Cultura Afro-brasileira em outros momentos, estabelecendo uma relação com futuros objetos de estudos.

O professor Fernando direcionou os estudos com muita propriedade, mas reconhecendo os nossos conhecimentos e respeitando os nossos espaços de direito de um lugar. Todos os temas

abordados nas salas faziam muita concordância com minha filosofia e reflexão sobre a mulher negra. Transformar-se em uma pessoa melhor, neste mundo, em um cidadão com ética, princípios e valores. Penso que tenho muito a oferecer com meus conhecimentos e minhas experiências de vida. Gostaria de lhe mostrar o melhor do mundo e também alertar sobre os perigos da falsidade e das mentiras que você poderá encontrar no caminho.

**Figura 16** – Mapa de pessoas, referência de mestres, professores que influenciaram no meu caminho profissional e de conhecimento e aprendizado



Fonte: Arquivo pessoal.

### Atividade da Carta ao discípulo

Tive o privilégio de ter professores e mestres que fizeram muita diferença na minha vida e com quem aprendi muita coisa boa. Será um prazer dividir isso com você. Sou exigente com meus/minhas alunos/alunas e às vezes uso do rigor para ver os resultados dos objetivos que foram traçados para o sucesso de todos eles/elas. Em alguns momentos, vou gritar, dar puxões de orelha, chamar sua atenção, mas com muito amor; como uma mãe que quer o bem do seu/seu filho/filha, farei tudo para o seu melhor.

Sabe, esse percurso não vai ser fácil. Haverá momentos em que vamos querer desistir, que nós vamos nos cansar, que nós vamos até nos perguntar se todo esforço valerá a pena. Digo “nós” para você ter certeza de que comungo inteiramente com os seus sentimentos de prazer em aprender e também dos sentimentos de desânimo. Digo-lhe que não será fácil, mas no final, valerá a pena.

Vou lhe mostrar a beleza da arte da Dança. A Dança nos possibilita expressar nossas emoções e nossos pensamentos; faz-nos ver as possibilidades e potencialidades; desenvolve nossa capacidade criativa; pode nos dar a sensação de liberdade e a alegria de viver. Eu percebo essas qualidades da Dança em mim e quem sabe você veja tudo isso desabrochar de dentro de você. Apresentarei a você Isadora Duncan, Rudolf Laban, Martha Granham, Paco Gomes, Jorge Silva, Mestre King, a dança afro-brasileira. Enfim, o tudo dessa arte que está impregnada em mim.

Acho de muita relevância que, primeiramente, conheça a capoeira – dança, luta, símbolo de resistência da nossa história – e o nosso samba, que, como diz o cantor Martinho da Vila, “samba é uma oração”. Dança afro-brasileira mais representativa da nossa cultura mundo a fora, que tem sua força na Bahia e no Rio de Janeiro. Até hoje se discute em qual lugar o samba surgiu primeiro. Tanto o samba quanto a capoeira eram, há uns quarenta anos, práticas cotidianas em praças, nas casas em eventos familiares, como momento de integração e diversão, brincadeiras saudáveis e harmoniosas. Tive a sorte de crescer ouvindo samba e de dançar em rodas de samba em vários momentos. Fiz parte de grupos de capoeira, e assistir a apresentações de roda de capoeira era muito comum. Hoje está muito difícil ver essas apresentações, estando restritas a pontos turísticos de Salvador, ou a apresentações de grupos folclóricos. Muitos desses grupos foram responsáveis por levar nossa cultura para o mundo, como o Balé Folclórico da Bahia. É necessário o fortalecimento sobre sua cultura, sobre sua identidade, para facilitar o entendimento do que está por vir. O resultado dos aprendizados não vem de imediato, vamos precisar de dedicação e estudo, mas temos tempo.

Não quero que seja igual a mim, sei que poderá me superar em vários fatores. Ensinarei a você técnicas diferentes para o seu desenvolvimento e aprimoramento corporal, mas o fazer pensar será somente seu, do seu jeito.

Muitas coisas belas eu aprendi, muitos anjos encontrei pelo caminho, pessoas que me ajudaram bastante para que eu conseguisse chegar onde eu estou. Eu represento superação, persistência, embora tenha consciência do que ainda preciso conquistar. Quero que venha comigo, quero te levar pelo caminho das artes, caminho aonde se chega o mais próximo de Deus.

### Atividade Carta ao Mestre

Meu grande mestre, mito Raimundo Bispo dos Santos, Professor King.

Espero que esteja em um lugar dançante, feliz e rodeado de grandes artistas dançarinos e que seus orixás o estejam protegendo.

Com você aprendi sobre a mitologia dos orixás, a reverenciar suas energias e a entender seus arquétipos. Sua sabedoria e seu entendimento sobre cultura popular eram grandiosos; verdadeiramente, aprendi muito com sua majestade e aprendi a compreender seu jeito, seus calundus, que beirava uma certa bipolaridade; mas era amigo, era gente como a gente. Tinha uma personalidade forte e era admirável seu modo de viver a vida.

Embora gostasse muito de você, sempre percebi que tinha suas preferências quando dava as aulas, e muitas vezes, foi injusto comigo em suas avaliações, mas sei que não fazia por mal e que me respeitava também. Inclusive, me chamava de “barra pesada” e dizia que eu tinha um jeito muito sério e que eu ainda iria dançar no seu grupo. Até participei de alguns ensaios, mas, só porque dancei com outras pessoas, você me tirou do grupo. Como era temperamental!!

Sua partida foi um lamento, uma tristeza para o povo da Dança. Perdemos o chão, nossa grande referência nos deixou e ficamos órfãos do nosso pai da dança afro, pai de tantos artistas e professores de dança afro que passaram por suas mãos. Obrigada por todo aprendizado.

E até logo!!!!

Simone Lisete.

### Sobre Luciene Ramos – Coreógrafa

Muito bom saber que uma mulher negra está dentro da academia promovendo ações e palestras para o tema performance negra na dança de maneira tão pertinente e serena.

Luciene Ramos foi uma surpresa. Li o seu texto *A dança dos outros - imaginações diaspóricas para interpelar o mundo* (2019), em que falava, entre outras coisas, sobre Clayde Morgan, em entrevistas a ele e muitos outros artistas, e gostei muito. Mas destaco a sua fala sensível sobre o tempo de cada um e a defesa de que precisamos desacelerar, espiralar esse tempo. E você cita José Rufino dos Santos. Fala de sua articulação entre antropologia em estudos africanos com algumas perguntas: Qual a ideia de África? O que nos faz singulares? E afirmação de que existem diversas contradições sobre Áfricas.

Para Luciene Ramos, o conhecimento tem que ser circular em dar, receber, retribuir, numa relação de reciprocidade. Estendendo à família, à ancestralidade, a continuidade e o amor que engendra o corpo inteiro. Cornel West define o amor que nasce da catástrofe.

Antropologia é um instrumento colonial que objetiva manter o distanciamento do corpo e promover a escrita/mente como superioridade.

Onde o corpo supera a escrita? (Pergunta do professor Fernando Ferraz)

A ideia de práxis de Paulo Freire. É preciso que as escritas surjam do corpo, da prática, dos bate pés, surjam do suor. Convocar o corpo na cena. A escrita não é o suficiente para descrever a dança, é preciso o corpo.

Porque paramos de dançar?

Dançar traz respostas. Valoriza o movimento na construção do conhecimento. Nós precisamos retornar ao corpo. É necessário acreditar no corpo. O corpo não é só natureza. Pesquisa corporificada:

Luciene Ramos indica algumas referências para procurarmos respostas:

Denise Ferreira da Silva

Stuart Hall – *O acidente e o resto: discurso e poder*

Adibênia Machado/ Norval Cruz

Bel Hooks, Stuart hall – Identidade

Muniz Sodré – *O segredo*

### A Natureza é vida

É notório que o homem não está dando a devida atenção para o ambiente em que vive. O desmatamento e a poluição estão destruindo a pureza do ar, dos mares. Jogar lixo no chão está acabando com a nossa qualidade de vida. Dessa forma, na vida intoxicada, surgem cada vez mais doenças que estão destruindo com o ser humano.

Trabalhando em escolas públicas, tanto na rede estadual quanto na municipal, percebo que poucas crianças e jovens têm consciência de que precisamos agir para reparar esse mal. Na atual escola em que dou aula de Dança, as crianças comumente jogam lixo no chão, riscam as paredes, não têm cuidado com seus materiais escolares.

Assim, pensando em uma forma de chamar a atenção dessas crianças, busquei a filosofia e dança de Isadora Duncan, que inspira sua dança na natureza: o balançar das árvores, o movimento

das ondas do mar, a beleza das flores, o sentir a terra, tudo é traduzido em movimentos improvisados e coreografados por Isadora.

A experiência deu resultados satisfatórios. As crianças começaram a refletir sobre suas ações e assistiram a vídeos que mostravam a natureza em todos os aspectos biológicos, viram gravuras com essa temática, o que fez com que se comprometessem em mudar suas atitudes.

Diante disso, a minha proposta seria relatar essa experiência como o resultado de transformação que foi possível por meio de uma dança em que a natureza é parte fundamental para sua criação.

**PRODAN – 0002 ABORDAGENS ARTÍSTICAS****Professores Doutores Isabela Cordeiro, Gilsamara Moura, Lucas Valentin****Nota: 10,0**

Ementa: Estudos sobre formas de conhecimento co-implicada entre processos de criação e experiência de aprendizagem. Análise compreensiva de experiência artística educativa, práticas e princípios artísticos estruturantes.

Conteúdo: Construção do Inventário/Discussão sobre Metodologias de pesquisa/Estudos de artigos sobre historiografia, ser professor, arte, deficiência e inclusão.

**Comentário sobre o componente curricular**

A arte está em minha vida desde sempre. De alguma forma, deixo-a presente em todos momentos. Mesmo sendo atualmente professora, me sinto tão artista quanto um dançarino. Sempre fui professora dançarina e coreógrafa. A artista está dentro de mim.

Sendo professora há mais de trinta e cinco anos, me vejo a artista da conquista e da emoção ao perceber que consigo proporcionar em alguns dos estudantes a paixão pela arte da Dança.

Muito bom aprender nesse componente curricular com professores tão dedicados no seu ofício de maneira tão leve, tão acolhedor e no olhar de carinho. Só a agradecer.

As aulas sempre muito dinâmicas nas quais diversas discussões sobre a metodologia da pesquisa e o objeto de estudo foram pontuados com muita relevância. Nesse componente curricular foram apresentados alguns artigos de mestres sobre assuntos pertinentes às suas temáticas e que foram descritos sobre a minha interpretação, conforme seguem.

**Resumo do artigo de Lucas Valentin e Edu Oliveira**

Muito interessante o artigo de Lucas Valentin Rocha e Edu Oliveira do Carmo, *Dança, Política e Acessibilidade: confissões para Odete* (2021), pois eles falam de seus projetos em comum, como suas produções em escrita e seus trabalhos de dança e de teatro, e ao mesmo tempo

sinalizam as diferenças que poderiam afastá-los, mas simplesmente o fizeram ver outras possibilidades de criação e até discussão sobre a questão das deficiências físicas e em especial a deficiência de locomoção de Edu.

Abordar os sentimentos incômodos e as percepções sobre o mundo ao redor tem muito significado para nós que estamos alheios, e digo até ignorantes, alienados, indiferentes às questões da verdadeira inclusão dos diferentes.

São vários os diferentes. Os mais diferentes que encontramos ao nosso redor e que sofrem discriminação por todos os espaços da sociedade: o gordo, o anão, o magricelo, o negro, o ruivo, o portador de HIV, o velho, a mulher, o pobre. Claro que esses preconceitos estão melhorando, mas falta muito para sermos vistos com todos os direitos, como qualquer cidadão.

O trabalho com a arte em que o “Belo” tem que estar em evidência, e que é também uma forma para captação de recursos, faz com que coloquemos de lado os mais diferentes.

Não é fácil ser diferente neste mundo cheio de homofóbicos, racista, machistas, que não respeitam os direitos dos seres humanos.

Apreciar esse artigo tão realista no sentido de alertar para a verdade dessa bela experiência é se permitir a ver o mundo com os olhos do amor à arte sem barreiras e sem preconceitos; com essa leveza e serenidade que as palavras escritas no texto nos trazem.

### O que é ser professor?

O texto de Tiago Assis, *Histórias de vida importam: a formação do professor de dança pela perspectiva da professoralidade* (2020), me fez pensar sobre a questão do ser professor. O que eu faço na minha prática? O que eu proponho para os meus alunos? Desde a minha tenra infância (sete anos mais ou menos) que sou chamada de professora. Tinha um vizinho que só me chamava de professora. Ele era pai de santo e na casa dele sempre tinha as festas de candomblé. Eu ia pouco à casa dele embora sua esposa gostasse muito de mim, mas nós moradores da vizinhança tínhamos um preconceito muito forte, achando que essas pessoas poderiam lidar com “coisas” do mal.

Eu entendo que sempre tive uma postura de querer ensinar coisas às colegas, aos menores, desde os jogos, as brincadeiras, as continhas e chegando até as minhas danças. O meu “baile”. Eu dançava na varanda de minha casa e as vizinhas, crianças, ficavam olhando e pediam para ficar ali



comigo e logo começavam a me imitar e eu me sentia muito feliz por mostrar e ensinar a minha dança. A Dança nesse momento já era vislumbrada para o meu futuro como algo concreto, primeiro como dançarina e conseqüentemente como professora.

Ser professor é ter a disposição de explicar com a intensão de fazer de tudo para que o outro entenda e assimile o que se quer dizer. Ser professor é buscar diversos recursos que facilitem e elucidem o seu conceito, sabendo que a metodologia é muito relevante no processo de ensino/aprendizagem no que tange a alcançar os objetivos.

Se todos soubessem o valor da profissão do professor, levantariam as mãos para os céus e agradeceriam pela grandiosidade dessa profissão.

### O TRAJETO

Quero atravessar ao encontro da luz

Levando perspectivas, ansiedades, brilho nos olhos

Meus olhos brilham porque sou feliz de estar com vocês nesse momento, pessoas que admiro e quero bem

Aproveitando processos e descobertas para pensar no que faço, no que quero: ensinar, orientar, emocionar

Entendendo que ser professor é estar com a arte incorporada no fazer

Pensando no processo criativo como algo simples no artigo de relatos

E que meu projeto pode reverberar por inúmeras vertentes que abraça o meu objeto

E pensar que a metamorfose está acontecendo em minha vida, em todo sempre, mas só agora pude perceber. Me percebo crescendo, aprendendo levando as luminárias dessas três estrelas que encantam em suas aulas como quem fala uma poesia e me seduz a querer mais

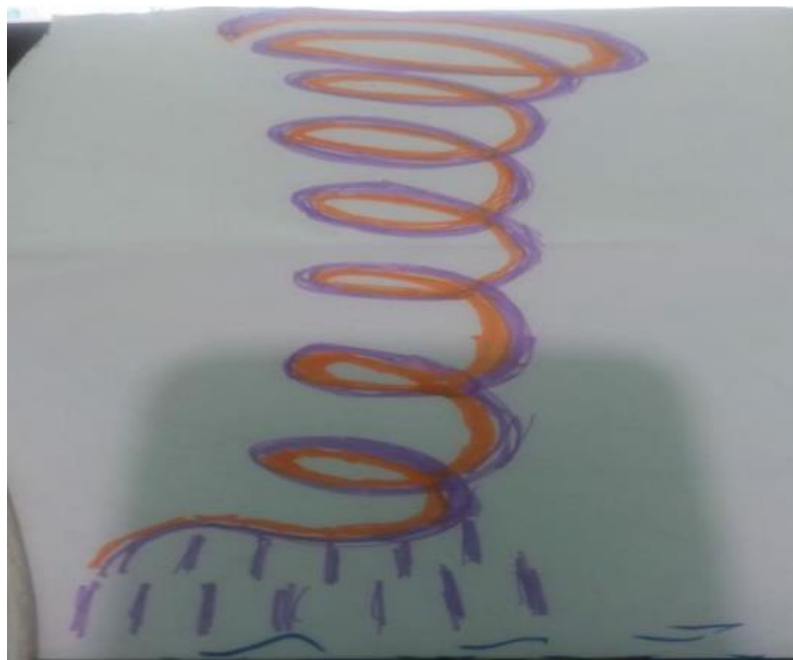
Está lindo, está sendo, estou indo...

Simone Lisete

### Atividade sobre o inventário

Escolhas de objetos que representassem e simbolizassem sobre a ideia do projeto de pesquisa e justificar esta escolha.

**Figura 17** – Desenho representativo do sentimento no determinado momento dos estudos e pesquisas durante o Mestrado Profissional – Prodan



Fonte: Arquivo pessoal.

### O livro de Isadora Duncan - Minha vida

Tudo começou na aula de prática de ensino com a professora Dulce Aquino. A professora pediu que escrevêssemos sobre como começou a Dança em nossas vidas. Ao relatar que, com mais ou menos dez anos de idade eu dançava na varanda de casa e ensinava as minhas danças às vizinhas e amiguinhas, a professora Dulce disse que minha história se parecia muito com a história de Isadora Duncan e que deveria ler a sua biografia. A leitura foi apaixonante. Isadora, uma mulher muito a frente de seu tempo, revolucionária, corajosa, me encantou.

Passados alguns anos, comecei a fazer aulas da técnica de Isadora com a Professora Fátima Suarez e, posteriormente, com a americana Lori Berilove e logo percebi que era isso que eu queria dançar. Já acreditava que seria uma boa técnica para crianças e adolescentes. E, a partir daí, a professora Fátima me indicou para ensinar esta técnica para crianças na Escola da Fundação Cultural da Bahia – FUNCEB. Contudo, continuei por muitos anos fazendo formação com Lori e Fátima, procurando aprimoramento. Foram doze anos trabalhando na FUNCEB com a técnica de Isadora e percebendo as crianças felizes e vendo resultados satisfatórios.

## A Túnica

A túnica é o traje que usamos nas aulas de técnica de Isadora Duncan. Estudando as histórias gregas, lendo os romances e vendo as estátuas, Isadora decidiu que usaria a túnica para todas as suas danças. Todos os alunos masculinos, femininos ou mais a usam. E sempre se têm uma túnica sobressalente para os que esquecem ou não puderam adquirir. Ao usar a túnica, eu sinto-me como se fosse a própria Isadora, dá vontade de soltar os movimentos, uma sensação de liberdade, é como se ela tomasse conta do meu corpo. E além de tudo, a túnica deixa os movimentos mais bonitos, mais leves. A própria aula já parece uma coreografia. É bonito de ver, é muito bom sentir, é ruim quando acaba.

## O Dubok (traje de artes marciais) – representando a farda

O Dubok é um traje utilizado para fazer as aulas da arte marcial coreana chamada Hapkido. Pratiquei Hapkido durante muitos anos. Sou faixa verde ponteira azul. E não se faz a aula sem essa farda. Quando visto o kimono, parece que me sinto preparada para os desafios que a aula irá trazer. Aparecem a coragem, o ânimo, uma energia surpreendente. Incrível como dá a impressão de que no salão temos diversos lutadores prontos para o combate. Entrei nas aulas de Hapkido após assistir a uma apresentação. Achei os movimentos de defesa e ataque bonitos e interessantes, os saltos sincronizados e as quedas sem se machucar inacreditáveis. Engraçado que para cada cor de faixa existe uma sequência de movimentos de defesa e ataque que parece muito uma coreografia e quando todos fazem juntos em total harmonia, fica muito lindo.

## O Caderno – Escola

O caderno representa a escola. Lugar de adquirir conhecimentos, mas também onde a arte deve estar presente; arte também é área de conhecimento. Há quase quinze anos, estou trabalhando em escola pública da Rede Municipal de Salvador. Muito importante o concurso realizado em 2003, em que abriram vagas para todas as áreas das artes (dança, música, teatro e artes plásticas), dando oportunidade de trabalho para centenas de profissionais.

Mesmo muitas vezes sem condições apropriadas, sem uma estrutura física ideal, mas só temos a agradecer. É muito difícil trabalhar com a Dança diante de tantas situações adversas, porém são obstáculos que temos que superar todos os dias para manter a arte presente, viva nos corpos de estudantes que muitas vezes estão à beira “das ribanceiras” da marginalidade. O professor é um missionário, queira ou não, e isto está no DNA de quem quer que o outro aprenda de verdade o que há de melhor. Eu sempre quis ser dançarina, mas a professora também já estava na minha alma.

## **GRUPO DE PESQUISA CORPONECTIVOS EM DANÇA**

Direção: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Rengel

O Grupo Corponectivos é formado por estudantes e ex-estudantes da academia, mestrandos, Mestres, doutorandos, Doutores, dispostos a pensar e discutir sobre o contexto da dança e as interpelações de estudos a que a ela está implicado.

### A força de um Grupo de Pesquisa

O homem necessita estar em grupo para que seu crescimento em sociedade, seu crescimento espiritual e seu crescimento psicológico sejam efetivados. E estar um grupo de pesquisa nos incentiva a ler, a argumentar com mais nitidez, a mostrar nossos pontos de vista sobre conceitos diversos, que abrem os nossos pensamentos para aprendizados pertinentes ao nosso objeto de estudo, mesmo quando escutamos sobre certos autores que aparentemente não nos interessa, mas têm muito a nos dizer.

O Corponectivo me apresenta a oportunidade de aprender, conhecer, discutir e, principalmente, ser ouvida.

Só tenho a agradecer o quanto esse grupo acolhe e transforma a gente em ser humano pensador. E nesse grupo tem uma mestra, uma amiga, que nos orienta e indica caminhos que constroem nos conhecimentos. Muita força, sobriedade, competência e saber. Isso é ser corponectivo: participar de seminários, discutir livros, preparar falas, organizar artigos, sair da zona de conforto.

Muito boa essa experiência. Quero continuar, quero estar aqui e ficar com vocês.  
Simone Lisete Santos Gomes.

## GRUPO ARCO-IRIS

Orientação Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lerina Rengel

O espaço para reuniões individuais via *meet* entre a orientadora e a mestranda. Foi muito utilizado durante a trajetória desta mestranda para receber subsídios, indicação de estudos e outras acessórias.

### Relatório de atividades de informações e conhecimento durante a pandemia

O início da quarentena me trouxe muitas expectativas no sentido de ter mais tempo para os estudos. Pensei em aproveitar o momento para colocar leituras em dia, principalmente como uma breve preparação para o Mestrado Profissional. Então comecei a reler o livro de Isadora Duncan e a assistir vídeos e *lives* que percebia ser importante para meu entendimento. *Lives* de intelectuais, como a do historiador Leandro Karnal, que trata de temáticas como Religião; sobre a Fé, com padre Fábio de Melo; sobre Racismo, com Djamila Ribeiro – *O Dilema do Porco Espinho* (seu novo livro), *Seja cada vez mais ético*, *A mulher na História*, e muitos outros vídeos que acreditei serem interessantes para minha preparação. Assim como também assisti a palestras em vídeos com Mário Sérgio Cortela e Luiz Fernando Pondé. São palestrantes que me encantam.

Nesse percurso, fui sentindo a necessidade de buscar caminhos para ser uma pessoa melhor e senti que a religião seria o veículo para iniciar. Comecei a assistir filmes espíritas e fui aprofundado mais e mais nessa trajetória de estudos. Sei que não tem relação direta com o mestrado, mas foi preciso e ainda está sendo necessário neste momento, estar conectada com a minha espiritualidade. Seguem os títulos de alguns filmes a que assisti: *Deixe-me viver*, *Vidas Partidas*, *O anjo*, *Apesar da Dor*, *A reencarnação de Segismundo*, *Causa e Efeito*, *A casa dos Espíritos*, *O filme dos Espíritos*, *A profecia Celestina*, *As cinco pessoas que você encontrará no céu*, *Índigo*, *O céu é de verdade Kardek*, *o homem e a missão*, *Divaldo* e *O retrato de Doria Gray*.

E outros que considerei importantes e, por curiosidade, assisti: *Lutero*; *Santo Tomas de Aquino*, *Joana Dark*, *O Físico*, *Cartas para Deus*, *A cruzada*, *Onde está meu Lar*, *Madre Paulina* e a *Invenção dos homens*. Saliento que foram assistidos muitos outros filmes, mas não me recordo dos títulos.

Além de assistir aos filmes eu estou, há dois meses, fazendo estudos sobre os livros básicos da doutrina espírita, online.

Vi também muitas *lives* interessantes de colegas, que possuem relação com a minha história, relacionadas à ancestralidade, ao racismo, ao preconceito, ao gênero, à mulher, às lutas e às conquistas. Dentre esses colegas destaco: Lissandra, Lenilza Ramos, Sueli Ramos, Bruno Reis, Ana Cristina Andrade, Jonas Carlos, Tiago Santana, Lenira Rengel, Jaqueline Vasconcelos, Augusto Soledade e Fernando Ferraz; incluo ainda mestre Zambi e muitos outros que vieram carimbar o seu registro e principalmente me representaram dignamente.

Outros momentos marcantes e muito importantes aconteceram no Congresso Virtual da UFBA, com o Memorial da Escola de Dança, no qual trouxeram os nossos mestres: Lia Robatto, Dulce Aquino e Clayde Morgan em um momento extraordinário de narrativas e aprendizados. As mesas em que professores e alunos apresentaram temas riquíssimos. Alguns temas lembrados: O papel da Dança nos tempos de agora, Que Dança para o mundo? – Helena Kats, Gilsamara Moura, Marcia Mingnac, Iara Cerqueira; Dança – Arte e Desafios – Rita Aquino, Beth Rangel; Dança em muitos contextos educacionais: práticas sensíveis do movimento – Lenira Rengel; Abordagens sobre o PRODAN – Rita Aquino, Beth Rangel, Daniela Guimarães; A Lei 10.639; Arquitetura do terreiro – Sônia Silva.

Leitura indicadas e executadas: *Dança como via privilegiada da educação: relato de uma experiência* – Lia Robatto; *Cultura e Identidade* – Stuart Hall; *Ateliê Didático* – UFBA; *Pequeno manual antirracista* – Djamila Ribeiro; *Dança sem assédio* – Larissa Ribeiro; *Vigiar e Punir: nascimento da prisão e Cuidar de si* – Michel Foucault; *O sentido do Movimento* – Alain Bertoz; *Brinquedos de saúde* – Lucila da Silva Matos; *Dialética paralisada da pandemia* – Zizek.

Lives extras: *Influência da psicanálise no movimento* – Zizek; *Enativismo: o papel do corpo e da ação na cognição* – Giovane Rolla (achei a live um pouco confusa e tive muita dificuldade entendê-la); *Curso de escrita acadêmica* – Rosana Pinheiro Machado (*live* muito didática e clareza nas explicações, conseguindo elucidar muitas dúvidas e direcionando nossa melhor conduta enquanto aluno); *Conversas Impertinentes* – Angela Davis.

*Lives* institucionais da SMED, apresentadas pelo Secretário da Educação, Bruno Barral: (todas as terças às 16:30h). Webnário muito relevante, tendo por foco o cuidado com o professor, visando o bem estar emocional e psicológico desses profissionais. Particularmente, tenho aprovado tanto as temáticas quanto as palestras em geral. Percebo que foram temas bem pensados e

escolhidos com afinco para o nosso melhor: *Ansiedade em tempos de Quarentena* – Renato Guimarães; *Como se adaptar ao novo “normal”* – Adenauer Novais; *Educação em tempos de pandemia, Cuidar de si para cuidar do outro* – Rita Gonzales; *Expectativas de aprendizagens 2020 e 2021* – Maria Guimarães; *Humanidade, tempos e incerteza, O desafio de viver bem, um dia após o outro* – Cal Mascarenhas.

Embora estejamos em quarentena, como vice-gestora, preciso executar atividades administrativas na escola, duas ou três vezes por semana, a depender da demanda. Por esse motivo, muitas vezes, não consigo acompanhar a quantidade de *lives* que são oferecidas. Sem que, constantemente, temos reuniões presenciais e na modalidade on-line. Inclusive, nos primeiros dias do Congresso Virtual da UFBA, eu trabalhei e não pude assistir muito à programação.

Mas, o mais importante disso tudo que está acontecendo, é participar do grupo *Corpoconectivos*, onde estou adquirindo imenso conhecimento e aprendizado.



## REFERÊNCIAS

AGABEM, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano da vida nua. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.

ASSIS, Tiago Santos. Histórias de vida importam: a formação do professor de dança pela perspectiva da professoralidade. *In*: VIEIRA, Marcilio de Souza; RENGEL, Lenira Peral; MARQUES, Larissa Kelly de Oliveira; PINTO, Amanda da Silva (Orgs.). **Dança em múltiplos conceitos educacionais**. Salvador: ANDA, 2020. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-3-DAN%C3%87A-EM-M%C3%9ALTIPLOS-CONTEXTOS.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. Ed. São Paulo. Cortez. 1992.

BORGES, Letícia Oliveira. A produção de identidade através dos uniformes escolares: significado e conceituação. **Revista Lhiste**, Porto Alegre, v. 1., n. 3, 02, p. 322-336, , jul/dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistadolhiste/article/download/59777/36915/260775>. Acesso em: 20 out. 2022.

COSTA, Karin. **Quando o uniforme escolar não é o limite. Possibilidades de pertencimento e de transformações**. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20971/2/MD\\_EDUMTE\\_2014\\_2\\_127.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20971/2/MD_EDUMTE_2014_2_127.pdf). Acesso em: 25 out. 2022.

DUNCAN, Isadora. **Minha Vida**. Tradução Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.

ECO, Umberto. **A psicologia do vestir**. 2. Ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Lisboa: Edições 70, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

GOMES, Simone Lisete Santos. Isadora veste farda. *In*: SANTOS, Eleonora; COUTINHO, Denise; DOMENICI, Eloisa; CASTRO, Daniela; TRIGO, Clara (Orgs.). **Dança em relatos de experiência**. Cadernos de resumo expandidos. Salvador: ANDA, 2020. p. 105-109. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-10-DAN%C3%87A-EM-RELATOS-DE-EXPERI%C3%8ANCIA-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

GOMES, Simone Lisete Santos. Isadora veste farda – um modo de dançar no contexto da escola pública de Salvador, Escola Municipal Fazenda Grande 2 Ministro Carlos Santana. *In: CONGRESSO DA ANDA*, 6. 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/isadora-veste-farda----um-modo-de-dancar-no-contexto-da-escola-publica-de-salvador--escola-municipal-fazenda-grande-2-m>. Acesso em: 10 nov. 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KURTH, Peter. **Isadora**: uma vida sensacional. Tradução Cristina Cupertino. São Paulo: Editora Globo, 2004.

LEVER, Maurice. **Isadora**. São Paulo. Martins Fontes, 1988.

MACHADO, Vanda. **Ilê Axé**: vivências e invenção pedagógica - as crianças do Opo Afonjá. Salvador: EDUFBA, 1999.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó**: uma epistemologia afro brasileira. Salvador: EDUFBA, 2019.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje**: textos e contextos. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da Dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

NHUR, Andréia. Escrever história da Dança: das evidências às descontinuidades históricas. *In: Encontro Científico da ANDA*, 6., 2015, Santa Maria. **Anais eletrônicos**[...] Campinas, Galoá, 2015. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2015/papers/escrever-historia-da-danca--das-evidencias-as-descontinuidades-historicas>. Acesso em: 13 jun. 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PINKER, Steven. **Tábula Rasa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RAMOS-SILVA, Luciane. A dança dos outros - imaginações diaspóricas para interpelar o mundo. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, UFPB, v. 10, n. 2, p. 91-98, jun-dez/2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/49823>. Acesso em: 15 out. 2022.

RANGEL, Beth, AQUINO, Rita, COSTA, Suzane Lima (Orgs.). **Referenciais curriculares de arte para o ensino fundamental da rede municipal de educação de Salvador**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2017. Disponível em: [http://educacao.salvador.ba.gov.br/pdfs-nossa-rede/documentos-municipais/ensino-fundamental/referenciais\\_curriculares\\_de\\_arte.pdf](http://educacao.salvador.ba.gov.br/pdfs-nossa-rede/documentos-municipais/ensino-fundamental/referenciais_curriculares_de_arte.pdf). Acesso em: 10 out. 2022.

- RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- RENGEL, Lenira. **Os temas de movimento de Rudolf Laban: (I a VIII) modos de aplicação e referências**. São Paulo: Annablume, 2008.
- RIBEIRO Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROBATTO, Lia. **A dança como via privilegiada da educação**. Salvador: Edufba, 2012.
- ROBATTO, Lia. **Dança em processo: a linguagem do indizível**. Salvador: Centro editorial e Didático da UFBA, 1994.
- ROCHA, Lucas Valentim; CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. Dança, Política e Acessibilidade: confissões para Odete. *In*: SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; XAVIER, Jussara (Orgs.). **Tudo isto é Dança**. 1. ed. Salvador: ANDA Editora, 2021. p. 249-264. v. 1. Disponível em: <https://portalanda.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- SODRÉ, Muniz. Educar para o sensível. Cátedra de Educação Básica da USP. **YouTube**, 22 de fev. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=10d-U7voF4A>. Acesso em: 5 out. 2022.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medicação certa**. São Paulo: Integrare Editora 2006.
- TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (Orgs.). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 11-16. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.
- VIEIRA, Marcílio Souza. O que pode o figurino na Dança? **Revista Arte da Cena**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 97-108, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/36276/19891>. Acesso em: 10 out. 2022.
- STINSON, Susan; GREEN, Jill. Pesquisa pós-positivista em Dança. Tradução de Betti Grebler. **Cadernos Gipe-Cite**, Salvador, n. 13, p. 194-214, jul. 2005.